

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM PEDAGOGIA DA ARTE
EDIÇÃO 2012**

ANA MARIA LUZ PETTINI

**ATELIER LIVRE DA PREFEITURA:
GRUPOS DE ARTISTAS**

**PORTO ALEGRE
2012**

ANA MARIA LUZ PETTINI

**ATELIER LIVRE DA PREFEITURA:
GRUPOS DE ARTISTAS**

Trabalho de Conclusão do Curso de Especialização em Pedagogia da Arte, do Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Profa. Dra. Susana Rangel Vieira Cunha

PORTO ALEGRE
2012

Dedico este estudo aos meus amados filhos,
Marcus, Ricardo, Felipe, Marina e Rodrigo;
ao companheiro da vida toda, Roberto;
e aos netos Pedro e Luca

Ao Atelier Livre da Prefeitura, minha segunda casa,
onde muito aprendi nesses anos todos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço o apoio e o carinho dos corações da minha vida: meus amados filhos e netos, meu esposo, Roberto, meus pais, Nilo e Marieta, e os amigos do coração que me acompanham na vida.

Agradeço, em especial, à artista Giana Kummer pela colaboração nas diversas etapas do curso e da pesquisa.

Aos colegas e professores do Curso de Especialização.

À orientadora Susana R. Vieira da Cunha que, com suas atentas leituras, ajudou-me a manter o leme da pesquisa.

Aos artistas integrantes dos grupos pesquisados que, gentilmente, disponibilizaram seu precioso tempo e materiais, contribuindo para com o meu estudo.

***"NADA É FIXO PARA AQUELE QUE
ALTERNADAMENTE PENSA E SONHA..."***

**Gaston Bachelard: Castelos na Espanha
(O direito de Sonhar)**

RESUMO

Neste estudo, tem-se o objetivo de investigar o surgimento do Atelier Livre da Prefeitura (ALP), suas atividades e a formação de grupos de produção artística dele emergentes. O estudo é exploratório, e os dados foram coletados em documentos oficiais, jornais e outros, complementado por entrevistas realizadas com integrantes dos grupos que, unindo-se, criaram outros espaços para produzirem seus trabalhos individuais ou coletivos. Conclui-se que há necessidade de maior exploração do tema para contribuir para com a academia e também para que esse espaço de arte e os que dele emergiram, ou venham a emergir, façam parte, oficialmente, da história do ALP e da cidade de Porto Alegre/RS.

Palavras-chave: Atelier Livre, História, Arte, Grupos de Artistas

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
1 ARTISTA, PROFESSORA, GESTORA	10
2 BREVE HISTÓRICO DO ALP	15
3 GRUPOS INTERNOS DO ALP	29
4 GRUPOS EMERGENTES DO ALP	32
4.1 ATELIER MAM	34
4.2 ATELIER P. A.	36
4.3 GRUPO “N” CAMINHOS	39
4.4 GRUPO NO OLHO DA RUA	41
4.5 GRUPO PELOS MUROS	43
4.6 GRUPO PORTO 7	46
4.7 ATELIER 6	49
4.8 NO MEIO: OS IMPRESSIONANTES	51
CONSIDERAÇÕES FINAIS	55
REFERÊNCIAS	58
ANEXO A — Atelier Livre da Prefeitura	61
ANEXO B — Atelier MAM.	93
ANEXO C — Grupo P. A.	110
ANEXO D — Grupo "N" Caminhos	122
ANEXO E — Grupo No Olho da Rua	135
ANEXO F — Grupo Pelos Muros	148
ANEXO G — Grupo Porto 7	155
ANEXO H — Atelier 6	172
ANEXO I — No Meio: Os Impressionantes	183

INTRODUÇÃO

Nesta pesquisa, de cunho exploratório, tem-se o objetivo de identificar e localizar alguns grupos de artistas que se organizaram a partir das oficinas ou eventos realizados no Atelier Livre da Prefeitura (ALP) nas últimas três décadas. Os critérios para a inclusão dos participantes foram os seguintes: os artistas deveriam ter sido alunos do ALP; mantido atividades ali por, no mínimo, dois anos, nos últimos trinta anos; e os grupos formados pós-atelier deveriam ser compostos por, no mínimo, três integrantes.

A estrutura do presente estudo parte da Introdução. Após, faço um breve histórico sobre minha formação acadêmica, as experiências na condição de estudante, artista, os cursos frequentados, a docência no ALP e no ALP em todas suas instâncias. Também apresento um breve histórico do ALP, ressaltando a importância do grupo dos jovens artistas que foram convidados para participar dos famosos "Encontros com Iberê Camargo", na criação desse importante espaço municipal de produção e o ensino de artes plásticas.

No tópico seguinte, após o breve histórico e a identificação dos grupos formados na ALP, analiso como eles se formaram e suas atuações no sistema local das artes plásticas, tomando como referências conceituais de sistema das artes em geral e do sistema local, os estudos de Maria Amélia Bulhões. Também relato os motivos que levaram os grupos a se organizarem em novos espaços particulares, a atuação de cada grupo no período em que estiveram juntos, e apresento as suas diferentes formas de produção durante as suas existências.

O que me mobilizou para essa pesquisa, sob a temática grupos emergentes do Atelier Livre da Prefeitura de Porto Alegre, além de estar diretamente ligada à história da instituição, é o fato de ter constatado que o ALP foi mote de poucas pesquisas acadêmicas, o que deixa uma ampla lacuna na história das artes locais. O ALP é apenas citado em alguns textos publicados e em algumas pesquisas acadêmicas e artigos científicos. Ressalte-se, no entanto, a obra *A gravura no Rio Grande do Sul, 1900-1980*, em que o autor, Carlos Scarinci, dedica dois capítulos ao ALP, sob o olhar de quem participou dos anos iniciais, com depoimentos, observações e análise da carreira de alguns artistas oriundos da ALP. Mesmo

sabendo-se que diversos grupos de notória relevância tiveram suas atuações a partir do Atelier Livre, o qual lhes possibilitou importante aproximação e convívio entre seus frequentadores, ainda é grande a lacuna existente entre os fatos e o campo da pesquisa.

Acredito que a relevância da presente pesquisa consiste na importância de um levantamento histórico sobre o ALP, lançando um olhar sobre os grupos de artistas e coletivos, identificando sua formação, atuação e, em alguns casos, o encerramento de suas atividades artísticas.

Acredito não ter sido por acaso que a instituição Atelier Livre, há mais de 50 anos dedicada à formação de artistas atuantes de Porto Alegre, tenha suas origens ligadas a um grupo de artistas com interesse comum. Através dos grupos, das trocas de experiências e do convívio, a arte se fortalece e é por acreditar nessa importância que pretendo analisar esses acontecimentos a fim de registrá-los e incluí-los no vasto território acadêmico.

A partir dos critérios estabelecidos para a inclusão dos sujeitos desta pesquisa, já mencionados, os grupos emergentes do ALP identificados e pesquisados são: Atelier de Litografia MAM, Atelier P. A., Os Impressionantes, Porto 7, 'N' Caminhos, Pelos Muros, No Olho da Rua e Atelier 6.

Durante os anos em que me dediquei ao ALP, vivenciei diversos aspectos da instituição, do didático ao administrativo, colocando-me em um ponto privilegiado de observação. Em 2010, iniciei uma pesquisa para resgatar a história do Atelier Livre, pois completaria 50 anos de atividades no ano seguinte. Preocupada com o futuro da memória do Atelier, fui percebendo as distorções e esquecimentos em torno de sua história, além da grande dificuldade em obter informações do passado recente da Instituição. Algumas vezes, recorri à memória dos instrutores mais antigos para esclarecer dúvidas. A partir de então, senti a necessidade de organizar e resgatar o que ainda seria possível da história do ALP, através de documentos comprobatórios, e me debrucei sobre o mais variado tipo de documentos e materiais: notas de jornais, livros, catálogos, planos de aulas, fotografias, acervos particulares de artistas, planejamentos e relatórios, além das contribuições verbais das pessoas envolvidas com o ALP que me auxiliaram a dirimir dúvidas e a buscar novas fontes, bem como, de forma empírica, as evidências da participação dos grupos e seus integrantes no ALP. Vários assuntos e fatos ligados ao Atelier foram surgindo e despertando minha curiosidade e interesse no decorrer da pesquisa.

A partir dos achados (documentos e conversas com pessoas afins), constato que a origem do ALP ocorreu com a mobilização de um grupo de jovens artistas que frequentava as aulas com Iberê Camargo e o interesse da Secretaria Municipal de Educação e Assistência; além de Istelita Cunha Knewitz, à época, chefe do setor de Assistência e Cultura, pessoa entusiasta e fundamental para a criação desse espaço. Participaram desse grupo inicial os artistas: Ana Walkíria Borba, Antonio Guttierrez, Carlos Alberto Meyer, Carlos Velasco, Clébio Sória, Dimitris Anagnostopoulos, Edíria Carneiro, Ênio Lippmann, Lêda Flores, Lúcia Pegoraro, Maria di Gesú, Maria de Lourdes Sanches, Neusa Mattos, Paulo Peres, Regina Silveira e Susana Mentz. Após os encontros com Iberê Camargo, esse grupo de jovens artistas continuou usando o espaço da Galeria para produzir.

Foram analisados os currículos artísticos dos protagonistas e entrevistados alguns dos integrantes dos grupos estudados, buscando-se elementos que sustentassem a tese de que o ALP teve alguma relevância na formação dos diversos grupos que ali se formaram e continuaram com sua produção artística.

Figura 1 — Iberê Camargo entre artistas e intelectuais na Galeria



Fonte: Acervo Paulo Peres

1 ARTISTA, PROFESSORA E GESTORA

No Instituto de Belas Artes, hoje denominado Instituto de Artes, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), me formei Bacharel em Artes Plásticas, em 1980, com ênfase em gravura, desenho e escultura. Em 1982, concluí a Licenciatura em Educação Artística, com ênfase em Artes Plásticas. Ainda durante minha formação universitária, me especializei em Arte Educação voltada à didática infantil na Escolinha de Arte do Departamento de Arte e Cultura da Secretaria Estadual de Educação.

Nesse curso de especialização, intenso, e com aulas todas as tardes, durante nove meses, entrei em contato com as mais diversas etapas da linguagem plástica e do desenvolvimento infantil. Além disso, vivenciei experiências muito mais amplas em relação às vividas no decorrer da Graduação, pois participei de aulas de música e teatro com artistas de renome nacional, entre os quais, Cecília Conde e Ilo Krugli.

No ano seguinte, 1976, realizei estágio voluntário no Hospital Psiquiátrico São Pedro, em atividade semanal, que durou um ano. Trabalhando inicialmente na unidade com pacientes masculinos, depois na feminina, propiciava aos pacientes o contato com a arte em oficinas ocupacionais. Essa experiência, deveras enriquecedora, me permitiu conhecer o universo dos pacientes psiquiátricos e outros participantes da comunidade que utilizavam a arte para mostrar seu pensamento onírico. Também aprendi a aceitar as diferentes formas e limitações do ser humano, e que a arte é uma forma de expressão e de libertação. Hoje, tenho a certeza de que essas experiências contribuíram para a minha formação pessoal, artística e docente.

Participei, também, do Curso de Criatividade II, ministrado pelo artista e professor da Royal Academia de Londres, Tom Hudson¹, o que foi fundamental em

¹ Tom Hudson começou sua carreira como artista e educador na Grã-Bretanha, onde, juntamente com Victor Pasmore e Thurbron Harry, desenvolveu cursos iniciais básicos e Fundação. Suas ideias experimentais e inovadoras tiveram um efeito considerável sobre a Arte e Educação Design. Sir Herbert Read, ao abrir o 'Adventure Visual', em Nova York, em 1964, disse da Contribuição Tom Hudson: "[...] ele fez mais do que ninguém para mudar e desenvolver Arte Educação na Grã-Bretanha". Ex-Diretor de Estudos em Cardiff College of Art and Design, Tom Hudson foi nomeado Diretor da Instrução Emily Carr, no College of Art and Design, em British, Columbia, e trabalhou internacionalmente incluindo posições de consultoria e palestras itinerantes na Europa, Canadá, EUA, Brasil, Turquia e Japão. Ele atuou como consultor da UNESCO em Paris e para a cidade de Brasília. Numerosos escritos foram publicados internacionalmente, cujas cópias estão disponíveis no Arquivo

minha formação, possibilitando-me lançar outro olhar sobre o fazer artístico e sobre conhecer outras formas de incentivar e desenvolver a capacidade criativa dos alunos.

Nesse curso, que muito se diferenciava do estudo acadêmico que havia frequentado até então, pude vivenciar experiências interdisciplinares na produção artística, em julho de 1977.

À época, estava dividida entre ser artista ou professora e, nessa indecisão, fui fazendo os dois cursos na Universidade. Minha formação no Instituto de Artes (IA) em escultura foi muito intensa, pude experimentar diversas técnicas, vários materiais e formas de construções no tridimensional. Todo esse aprendizado proporcionou-me o suporte necessário para o trabalho que desenvolvi posteriormente no ALP. E, ao participar do curso ministrado pelos escultores Vasco Prado e Xico Stockinger, em 1985, no Museu de Arte Ado Malagolli do Rio Grande do Sul, aprimorei meus conhecimentos sobre a figura humana, modelado em argila, e técnicas de construção de suportes para o modelado.

Nesse ano, 1985, ingressei no quadro da então Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Porto Alegre, através de concurso público e, no ano seguinte, iniciei minhas atividades no Atelier Livre da Prefeitura como orientadora da oficina de escultura.

Trabalhar no ALP foi um desafio. Tive muitas dúvidas, entre as quais, sobre a minha capacidade para atuar nessa renomada instituição. Questionava-me se meus conhecimentos seriam suficientes, afinal, estava iniciando também minha carreira artística na área de escultura, participando de algumas mostras coletivas. Na oficina de escultura do ALP, havia mais de uma centena de alunos matriculados, o que representava um percentual de mais de 15% do total de alunos do Atelier no ano de 1986. Nessa época, os também professores da oficina — Claudio M. Costa e Dione Greca Moraes, ambos cedidos pela SEC do Estado — me apoiaram naquele início desafiante, e pude conhecer o trabalho didático que desenvolviam, além de refletir sobre o modo com que iria atuar nas aulas. Durante meu primeiro ano no ALP, atuei com esses dois professores, em sala de aula, mantendo-me sempre atenta às orientações deles. Aos poucos, fui descobrindo que estava apta a trabalhar na instituição, o que contribuiu para diminuir minha insegurança e angústia.

Tive liberdade de experimentar, alterar a didática, fazendo com que o aluno buscasse compreender os elementos compositivos, os volumes, buscando, com isso, sua linguagem pessoal. No ALP, na condição de orientadora, sempre tive liberdade para alterar propostas, experimentar e trabalhar meus conceitos de produzir arte. Essa diversidade era uma qualidade da instituição: muitos universos paralelos no campo artístico em cada oficina. Ao longo dos quase 28 anos na oficina de escultura, tornou-se comum experimentar propostas didáticas diferentes, algumas vezes partindo apenas da técnica, outras dando subsídios para a busca de uma linguagem escultórica pessoal do aluno, recorrer às minhas vivências e experiências e realizar trocas com colegas de outras oficinas. Nos finais de ano, cada oficina realizava a mostra dos trabalhos produzidos no ALP, momento em que se parava para avaliar, revisar e alterar a atuação, visando sempre o melhor aproveitamento do aluno no próximo semestre.

No início dos anos 1990, foi criado um grupo de trabalho, com quatro artistas professoras do ALP: Carmem Moralles, Maria Conceição Menegassi, Virginia Quites e eu. Os encontros eram semanais, às sextas-feiras pela manhã, e a intenção era a de trabalhar, ler textos e estudar arte. O grupo se autoincentivava: uma trazia imagens, outra papéis coloridos, sempre havia um desafio para superar durante a semana. Foi tão enriquecedor e divertido que o grupo levou a proposta para o corpo docente do ALP. Criou-se, então, o curso de verão Três D intersecção Dois D. Foi a experiência didática mais marcante que tive como integrante desse corpo docente e acredito que os alunos que participaram também a têm em sua memória. A partir dessa experiência, surgiram propostas mais integradas entre as oficinas do ALP, resultando em uma produção híbrida na linguagem e na técnica.

Estou integralmente ligada ao ALP pelo envolvimento constante com as atividades e eventos. Participei da organização dos Festivais de Arte Cidade de Porto Alegre, das mostras e exposições de final de ano, da criação do Salão dos Alunos, hoje Salão de Arte do ALP, entre outros.

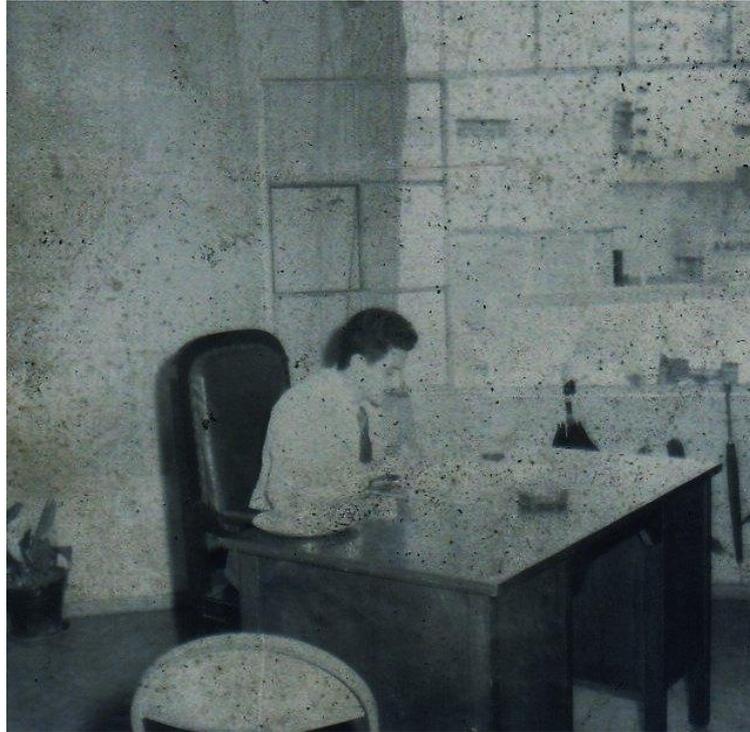
Em relação a cargos diretivos, fui vice-diretora na gestão 1995-1996 e na gestão 2004-2005; e diretora em 1997-1998, realizando o projeto de intercâmbio com o Museu de Arte de Girona, da Espanha, com exposições em Girona, Madrid e Porto Alegre. A primeira edição do projeto de intercâmbio, Corações-Víscera e Sentimentos, aconteceu em maio de 1998, e teve a participação de artistas espanhóis e dos artistas professores do ALP. Era a realização de um desejo antigo

dos docentes do ALP, uma mostra como um grupo de docentes, artistas ligados à instituição ALP, que os identificaria como o grupo do ALP. Esse momento foi muito especial, e houve uma grande integração do corpo docente, fato que eu nunca havia presenciado.

Convidada para o cargo de Coordenadora de Artes Plásticas (CAP) da SMC-PMPA, atuei de setembro de 2005 a março 2010. Dessa gestão, destaco as seguintes realizações: Acervo Artístico Municipal, onde viabilizei a climatização da reserva técnica da Pinacoteca Aldo Locatelli e de uma das salas, o que possibilitou a transferência das obras do Acervo que se encontravam na reserva técnica do MARGS há mais de 20 anos; projeto iluminotécnico de duas salas da mesma Pinacoteca Aldo Locatelli, situada no Paço dos Açorianos, qualificando, assim, o espaço de exposição; publicação do catálogo das duas pinacotecas municipais, com textos do professor Cirio Simon e com reproduções de mais de 300 obras, o que contribuiu para a divulgação dos acervos das Pinacotecas; ampliou-se significativamente o número de obras da Pinacoteca Aldo Locatelli, mediante aquisições e doações, na tentativa de diminuir as lacunas históricas daquele acervo; sistematização das mostras no Paço Municipal, na Sala da Fonte e Porão, mediante seleção por edital e por convite, e a Sala Aldo Locatelli está destinada a mostras do Acervo Municipal e mostras com curadoria da CAPA, instituição do Prêmio Açorianos de Artes Plásticas em 2006, pois era a única área de produção artística que não tinha o merecido reconhecimento com um prêmio municipal; criou-se o Atelier Digital, suprimindo uma demanda do ALP para trabalhar com as mídias contemporâneas. O espaço é compartilhado pelo ALP com as oficinas de arte digital e pelo projeto de inclusão digital da Procempa.

Acredito que as ações citadas acima contribuíram significativamente para o reconhecimento dos artistas plásticos e visuais, para a valorização de suas produções e o desenvolvimento do circuito das artes como um todo em Porto Alegre. Neste breve currículo comentado, tenho a intenção de situar e esclarecer o leitor sobre a minha posição e envolvimento com o ALP, bem como, com as artes plásticas e visuais da cidade.

Figura 2 — Foto do encontro com Carlos Scarinci no abrigo



Fonte: Acervo da Comunicação da PMPA.

2 BREVE HISTÓRICO DO ALP

O Atelier Livre da Prefeitura é um local, em Porto Alegre, dedicado ao ensino da arte, receptivo, tem suas salas e equipamentos voltados para a produção plástica e visual — espaço raro no mundo — e é mantido pelo poder público, com custos mínimos ao frequentador. Proporciona acesso democrático ao conhecimento nas diversas áreas da produção visual e plástica e, por todas as atividades que realiza, contribui para a formação do público consumidor e interessado em arte.

Figura 3 — Ana Walkiria Borba, Iberê Camargo, Edíria Carneiro, Maria de Lourdes Sanches, Enio Lippmann, Paulo Peres e Susana Mentz

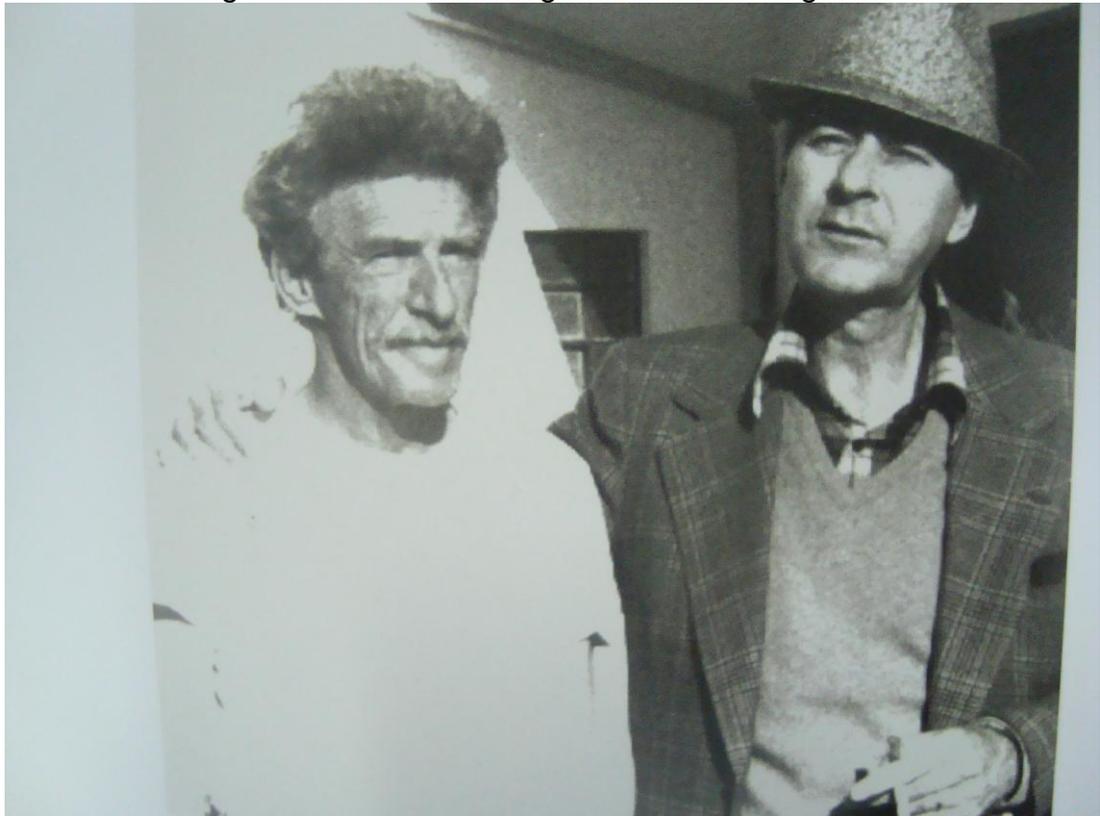


Fonte: Acervo Paulo Peres.

O ALP teve sua origem nos "Encontros com Iberê Camargo", promovidos pela Prefeitura de Porto Alegre, na então Galeria de Arte Municipal que estava localizada nos altos do Abrigo de Bondes na Praça XV, no centro de Porto Alegre. Os encontros aconteceram com um grupo de jovens artistas convidados a realizar seus trabalhos de pintura, sob a orientação de Iberê, durante o período de 12 a 23 de dezembro de 1960. Além de Iberê, o crítico de arte Carlos Scarinci também ministrou palestras sobre história e teoria das artes plásticas.

No encerramento dos encontros, foi realizada uma mostra com as pinturas produzidas, no mesmo local, e com vernissage e discursos do artista Iberê Camargo e do Secretário Municipal de Educação e Assistência Carlos de Britto Velho, que já respondia à inquietação e mobilização do grupo de artistas para obter um espaço onde pudessem continuar a produzir plasticamente. O jornalista Aldo Obino, do jornal *Correio do Povo*, em sua coluna de 1º de janeiro de 1961, tornou pública a intenção da Prefeitura Municipal de Porto Alegre de buscar esse espaço para os artistas. O termo *Atelier Livre* surgiu em uma entrevista de Iberê Camargo para um jornal local, o modo com que ele via esses encontros, um momento de liberdade.

Figura 4 — Xico Stockinger e Iberê Camargo



Fonte: Acervo AHMMV(Revista do Globo.,1962)

Vários dos jovens artistas convidados para o curso promovido pela Prefeitura eram também alunos, à época, do Instituto de Belas Artes (IBA) e, nesses encontros, descobriram outra forma de apreender o fazer artístico, a liberdade de criação, a possibilidade de experimentação, diferentes dos absorvidos na academia. No ano seguinte, em março, Carlos Scarinci iniciou o seminário "Artes Plásticas Contemporâneas" e, em sequência, Francisco Stockinger foi convidado a

dirigir esse novo espaço e a ministrar o curso de Xilogravura, iniciando, assim, uma nova didática no ensino da arte local, como destaca a historiadora Kern (2007, p. 74):

Fora do sistema de ensino do IBA, pode-se destacar o curso de pintura ministrado por Iberê Camargo, na Galeria Municipal de Artes (1960), que dá origem ao Atelier Livre. Essa instituição, formada por jovens mestres, constitui uma modalidade de ensino mais aberta e receptiva aos movimentos modernos e à formação de artistas oriundos de grupos sociais menos privilegiados.

O ALP foi o primeiro espaço municipal para os artistas desenvolverem suas produções plásticas em Porto Alegre e tornou-se uma instituição de ensino não formal de Artes Plásticas, além de uma forma de inserção e legitimação de artistas plásticos no sistema das artes local.

Assim, galerias, museus e escolas de arte são instituições onde se legitima um determinado objeto ou evento como artístico; o crítico, o professor, o artista, o curador e outros especialistas são os atores que, nestes espaços, recebem o poder de realizar esta legitimação (BULHÕES, 2011).

Figura 5 — Público assistindo palestra de Scarinci



Nota: estavam presentes Regina Silveira, Xico Stockinger, Maria de Lourdes Sanches.

Fonte: Acervo da Comunicação da PMPA.

Alguns dos artistas, alunos de Iberê, permaneceram desenvolvendo seu trabalho nesse novo espaço e outros artistas passaram a frequentar o ALP. O artista Carlos Scliar substituiu o crítico Scarinci nas palestras do seminário promovido pelo ALP. Mesmo que seu nome não conste nas listas de professores oficiais da instituição, considero-o o terceiro professor do ALP. Os jovens artistas e os professores do ALP movimentavam o circuito local, com participações individuais, em exposições locais, refletindo o anseio de se manterem através da cooperação mútua, como escreve Scarinci (1982, p. 129): “Dessa maneira, podia-se falar num “atelier livre”, que os jovens discípulos de Iberê tinham a intenção de manter associativamente”.

O relato acima reafirma minha compreensão daquele momento histórico, o importante protagonismo do grupo dos jovens artistas frente à mobilização para a criação do ALP, reconhecendo sempre a atuação da própria SMEA em tal fato. Os trabalhos do grupo eram realizados individualmente, sendo, portanto apenas um atelier coletivo, e não construiu uma identidade única. Muitos continuaram produzindo, principalmente gravuras. Alguns dos integrantes do grupo inicial tomaram outros rumos e não obtive informações que comprovassem a continuidade de suas carreiras artísticas nos anos subsequentes.

Figura 6 — Nota Carnaval, no Jornal Correio do Povo., 1962



Fonte: Acervo Paulo Peres.

A primeira proposta de um trabalho em grupo do ALP que pude localizar foi a decoração do Carnaval de Rua de Porto Alegre, no ano de 1962, sob a temática dos extraterrestres. Poderia, aqui, citar aspectos interessantes — um trabalho artístico nas vias públicas, precursor dos conceitos contemporâneos em aproximar a arte do cotidiano: a arte urbana; o desenvolvimento do trabalho plástico com um tema comum, exemplos que são realizados por muitos coletivos de artistas atualmente. No entanto, esse não é o foco desta pesquisa. Participaram dessa atividade os frequentadores do ALP, os artistas Carlos Tênius, Ênio Lippmann, Léo Dexheimer, Maria de Lourdes Sanches e Paulo Peres.

Figura 7 — Notícia da ALP, no Jornal Correio do Povo



Os cinco artistas com suas máscaras, no atelier improvisado, nos altos do abrigo de bondes da Praça 15 de Novembro. Muitas destas máscaras humorísticas e mal-encaradas foram feitas para decorar os postes do percurso do Carnaval Oficial da Prefeitura Municipal. São marcianos e outras figuras alegóricas, escolhidas pelos jovens pintores e gravadores para alegrar o Carnaval de Rua de 1962.

Leo Dexheimer e Maria de Lurdes Sanchez terminam de montar um dos bonecos de madeira e plástico que serão suspensos no trajeto dos blocos e escolas de samba. O Carnaval de rua deste ano terá um aspecto novo, com as máscaras, marcianos e discos voadores que os artistas plásticos gaúchos realizaram para a Prefeitura Municipal.

Marcianos e Discos Voadores no Carnaval de Rua em Pôrto Alegre

O Carnaval de rua em Pôrto Alegre terá este ano algumas modificações que o público logo notará: uma delas será a decoração, uniformizada em toda a cidade e que está sendo realizada por desenhistas e gravadores de nome, que já realizaram exposições aqui e em outras cidades do Brasil.

Marcianos e discos-voadores constituem os elementos principais da decoração que um grupo de cinco artistas plásticos está realizando para a Prefeitura Municipal para a decoração do Carnaval de rua de 1962.

BORGES E BAIRROS

A decoração que Leo Dexheimer, Maria de Lurdes Sanchez, Paulo Peres, Enio Lippmann e Carlos Tenius estão realizando

nos altos do abrigo de bondes da Praça 15 de Novembro serão colocados, a partir de hoje nos postes e palanques já montados na Avenida Borges de Medeiros, Praça Garibaldi e nos bairros, onde será realizado o Carnaval Oficial de 1962. O tema é "Carnaval Interplanetário" e é composto por máscaras mal-encaradas, balões de plástico, discos-voadores e marcianos prateados. Madeira, arame, cola, tinta e plástico são os materiais que o grupo de cinco artistas estão manipulando dia e noite, com a ajuda de operários da Municipalidade para entregar toda a decoração para as festas de Momo.

DISCO-VOADOR

O motivo principal da decoração será um grande disco-voador

— explica-nos a gravadora Maria de Lurdes Sanchez — onde o Rei Momo e a Rainha do Carnaval terão seus tronos. O disco ficará na esquina da Borges de Medeiros com Jerônimo Coelho, em um plano elevado, coberto por papel dourado e iluminado por holofotes.

O projeto para o Carnaval deste ano foi fruto de uma noite de trabalho da equipe, que recebeu a encomenda "em cima do loco" e precisou apresentar os desenhos em um tempo mínimo. Para o próximo Carnaval, a Prefeitura Municipal irá realizar um concurso de projetos, como no Rio, Salvador e São Paulo. Mesmo assim, o trabalho deste ano servirá como uma valiosa experiência de que vale a pena entregar-se a decoração da cidade a gente talentosa e entusiasmada.

Maria de Lurdes Sanchez, a única garota do grupo de artistas que prepara a decoração para o Carnaval de Rua de 1962 em Pôrto Alegre. Ela retoca uma das máscaras que ocuparão os postes da Avenida Borges de Medeiros, onde está situado o palanque oficial dos festejos carnavalescos

1962

Fonte: Âcervo Paulo Peres.

O ALP funcionou em quatro sedes, na antiga Galeria Municipal, localizada nos altos do Abrigo de Bondes (1961-1962) — duas salas, nos altos do Mercado Público (1962-1972), e em uma casa locada na Rua Lobo da Costa (1972-1978), mudando-se para a sede definitiva, planejada e construída, na Av. Érico Veríssimo, em novembro de 1978.

Figura 8 — Alto do abrigo dos bondes da Praça XV, primeira sede do ALP



Fonte: Acervo da Comunicação da PMPA.

Figura 9 — Mercado Público, segunda sede do ALP



Fonte: Acervo MJF – PMPA (1962-1972).

Figura 10 — Casa locada da Rua Lobo da Costa, 291, terceira sede do ALP



Fonte: Acervo da Comunicação da PMPA.

Figura 11 — Centro Municipal de Cultura, sede definitiva do ALP desde 1978



Fonte: Acervo da Comunicação da PMPA.

Constatei que, nas mudanças de sedes do ALP, ocorriam alterações em suas rotinas, fossem no setor administrativo, no número de funcionários, nas oficinas oferecidas ou nas atividades realizadas nas salas de aula, como a implantação da oficina de desenho para gravura, ministrada por Danúbio Gonçalves, em 1962, no Mercado Público. Também houve o aumento gradativo de alunos e de novos professores e, conseqüentemente, de novas oficinas, abrangendo outras áreas de produção plástica.

Figura 12 — Sala da Xilogravura, sede Lobo da Costa



Fonte: Acervo ALP/PMPA.

Alguns orientadores do ALP participaram do curso de Criatividade promovido pela Escolinha de Arte do Departamento de Assuntos Culturais da Secretaria Estadual de Educação, com o renomado artista e arte-educador, o inglês Tom Hudson, em 1974. Houve uma significativa mudança na didática do Atelier, que atribuo à participação dos professores do ALP no referido curso.

Figura 13 — Artista Tom Hudson, no Curso de Criatividade II, em 1974



Fonte: Acervo ALP/PMPA.

No ano seguinte, foi introduzido o curso de Criatividade no ALP, com o objetivo de atender os iniciantes nas artes. As metodologias das aulas tomaram como ponto de partida o curso do inglês Tom Hudson, com experiências compositivas no espaço, com materiais não tradicionais e o uso de outras linguagens artísticas — o teatro e a poesia —, proporcionando ao aluno uma vivência interdisciplinar. Assim, em 27 de fevereiro de 1975, o jornal local Correio do Povo publica, em nota, essa alteração, anuncia que as matrículas estão abertas e informa sobre o curso para iniciantes com duração de um semestre. Esse curso deu

origem ao curso básico, o qual passou a ser realizado após a mudança para a sede definitiva.

Percebi, ao longo da pesquisa, as várias ações inovadoras do ALP ao longo dessa trajetória, entre as quais, o curso de Lazer com Arte voltado à terceira idade, no início dos anos 1980. A partir do material pesquisado, constatei o empenho na conquista de uma sede definitiva, que foi uma batalha do então diretor, o artista Danúbio Gonçalves. A realização da construção de uma sede própria foi certamente uma grande conquista para o meio cultural municipal, pois disso resultou também a construção do Centro Municipal de Cultura (CMC) que, além da sede do ALP, conta com a Biblioteca, o Teatro Renascença, a sala multiuso (hoje sala Álvaro Moreira), o Saguão para exposições, além de uma lancheria. Além disso, o ALP, no início dos anos 1980, trouxe a Porto Alegre alguns artistas que ministraram oficinas gráficas: Carlos Martins, Romildo Paiva e Marília Rodrigues, o que proporcionou uma aproximação da produção do eixo Rio-São Paulo tão inacessível aos artistas locais até então, além da atualização técnica e do convívio mais intenso entre os artistas locais. Era comum, nos finais de tarde, encontrar artistas conversando nas salas ou no bar do CMC.

O acesso às informações das produções plásticas fora do Estado era muito diferente de hoje. O ALP era, naquele momento, o centro das atividades em Artes Plásticas e de encontros dos artistas plásticos da cidade, destacado pela flexibilidade e abertura das linguagens artísticas, ressaltado no depoimento de José Augusto Avancini no livro *Atelier Livre: 30 anos*:

A ressonância do Atelier Livre no sistema das artes é de significativa importância. Já não cabe apenas interagir com os movimentos do sistema, mas ter a capacidade de propor, no seu dia-a-dia, uma atitude renovadora. É o “espaço” para fazer, sentir ou aprender arte. O Papel do Atelier é fazer uma atualização das artes plásticas no Rio Grande do Sul. Poderia até, forçando a expressão, dizer que o surgimento do Atelier em 1961, representou para nós o que foi, em nível nacional, a Semana de Arte Moderna. E por essa estrutura muito flexível e muito aberta que ele teve, e ainda mantém até hoje, possibilitou a presença em “confronto de várias tendências artísticas, de vários movimentos com diferentes pressupostos estéticos”. (POSSAMAI,1992, p. 32).

Para as comemorações dos 25 anos do Atelier, em 1986, foram realizadas diversas atividades, entre as quais, o Festival de Arte Cidade de Porto Alegre, considerado uma ampliação dos festivais de desenho realizados desde 1981.

Figura 14 —Impresso ,arte de Danúbio Gonçalves



Fonte: Acervo ALP/PMPA.

Artistas plásticos originários de diversas áreas e localidades foram convidados a ministrar cursos durante as duas semanas do inverno de julho. Essas atividades foram realizadas nos três turnos. Em poucos anos, o Festival se tornou o principal evento das artes plásticas da cidade, onde era aguardado pela comunidade artística e extrapolava as fronteiras do Estado, pois suas oficinas eram prestigiadas por muitos artistas de Santa Catarina e do Paraná.

Figura 15 — Artista Hudnilson Jr., um dos destaques do Primeiro Festival de Cidade de Porto Alegre



Fonte: Acervo ALP/PMPA.

O Festival foi, durante muitos anos, a possibilidade de atualização de linguagens e teorias das Artes Plásticas na cidade, pois não havia outra instituição que proporcionasse semelhante atividade. Durante o evento, os artistas da cidade estavam lá para participar, conhecer uma nova técnica, refletir sobre uma questão teórica, rever ou conhecer os artistas visitantes, ano após ano. Blanca Brittes, em seu texto titulado *Breve Olhar Sobre os Anos Oitenta*, analisando os espaços de formação, cita o Festival como destaque local nas atividades artísticas:

Como parte do nosso sistema de arte, registra-se que o Atelier Livre da Prefeitura, devidamente institucionalizado, continuou como espaço de iniciação e aprendizado, servindo também aos jovens estudantes do Instituto de Artes - UFRGS e a artistas que se utilizavam das oficinas do Atelier. Isso no entanto já estava no cerne de sua criação. A inovação que marcou a citada década foi a criação do I Festival de Arte Cidade de Porto Alegre. Projetado como um momento de reciclagem de linguagens e técnicas, o Festival compunha-se de oficinas de curta duração, seminários e

foi consolidando-se como ocasião de especial efervescência, por reunir artistas vindos de diversos pontos do país e exterior. Serviu como dinamizador junto a comunidade gaúcha, permanecendo ainda hoje como evento reconhecido e esperado em nosso calendário artístico (BRITTES, 2007, p. 153).

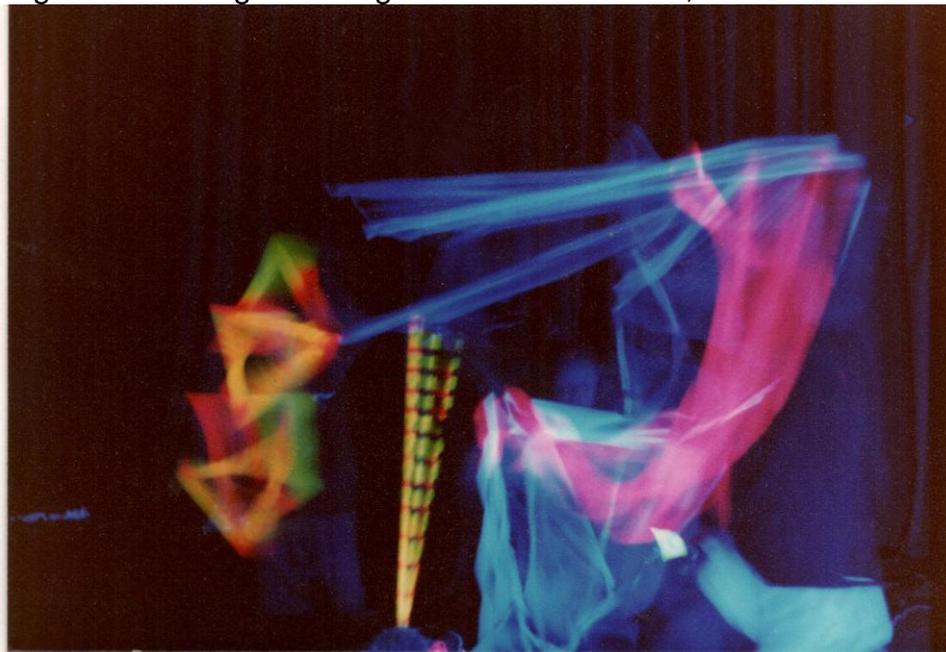
Umas das limitações da pesquisa são as escassas e falhas fontes de pesquisa, pois não consegui esclarecer plenamente alguns aspectos do ALP, entre os quais, sobre a galeria que funcionava na sede do mercado. Há poucas referências sobre esse espaço em jornais e nenhuma em documentos oficiais.

Percebi, na trajetória da pesquisa, que alguns artistas que frequentavam as oficinas do ALP começaram a se organizar e a formar seus ateliers particulares, mantendo uma produção e participação em mostras e exposições a partir de 1980. Interessei-me em investigar quem foram esses artistas e em que área atuavam, além do tempo de atividade dos ateliers e grupos. Acredito que o ALP foi fundamental para que ocorressem essas formações de ateliers, pois possibilitava o convívio dessas pessoas com interesses comuns, sendo um lugar onde se podia criar, adquirir conhecimento técnico e estar inserido no sistema da arte local, além de contribuir para a construção de novos relacionamentos. É fundamental construir um novo olhar sobre essa rica história, resgatar e identificar os protagonistas desses grupos emergentes, a fim de registrar a importante atuação do ALP na cultura artística da cidade. Assim, a seguir, discorre-se sobre a formação de grupos.

3 GRUPOS INTERNOS DO ALP

Alguns orientadores do ALP, ao longo de sua docência, formaram grupos com seus alunos, ligados a suas oficinas e, a partir de uma proposta, por exemplo, um álbum, um calendário ou um tema em comum, eram o mote para desenvolver o trabalho plástico e realizar exposições. Essas atividades se mantiveram ligadas ao instrutor e ao ALP, sendo que, muitas vezes, realizaram mostras no circuito da arte local, estadual e nacional. Pode-se citar a mostra *Arte Postal*, do grupo de alunos de Maria Conceição Menegassi, que foi realizada com a participação de artistas da Universidade Santa Marcelina, de São Paulo. Outros projetos de intercâmbio foram realizados sob a coordenação de Menegassi.

Figura 16 — Registro fotográfico da Oficina Luz, Cor e Movimento



Fonte: Acervo Mara Caruso.

Destaco, ainda, o trabalho do grupo da oficina *Luz, Cor e Movimento* sob a coordenação de Mara Caruso, que desenvolveu pesquisas com a luz negra em busca de resultados plásticos inovadores desde o início dos anos 1980. O grupo realizava apresentações anuais na Sala Álvaro Moreira, e o trabalho era interdisciplinar, refletia sobre questões da arte e rompia com os tradicionais suportes usados nas artes plásticas. A oficina foi realizada até o ano 2000, e o último trabalho apresentado e coordenado por Mara Caruso foi para a cerimônia de entrega do

Primeiro Prêmio Açorianos de Artes Plásticas, em 2007, que muito surpreendeu a plateia pela beleza do resultado e a contemporaneidade da linguagem apresentada.

Ainda sob a coordenação da artista Mara Caruso, o *Grupo Galha Azul*, que desenvolvia trabalhos em eletrografia, arte digital, livros de artista e arte postal, manteve uma rede internacional de participações em convocatórias artísticas. Esse grupo compartilhou as convocatórias com outras instituições do Estado — a Feevale, Navi, ampliando as participações para um número maior de artistas. As convocatórias eram variadas, propostas por artistas, por universidades, galerias ou museus, em diversas técnicas e formatos, criando um circuito de intercâmbio entre os participantes, divulgando as suas produções.

Muitos alunos, após a aposentadoria de seus instrutores, se organizavam e continuavam se encontrando nas dependências do ALP para trabalhar sem orientação. O grupo mais antigo talvez seja o da escultura, que se encontra nas tardes das sextas-feiras desde a saída de Claudio M. Costa do ALP, no início dos anos 1990. Foram vários grupos de pintura, desenho e cerâmica que trabalharam sem instrutor, cuja duração das atividades em grupo é variável e há grupos ainda ativos. Essas ocupações, nos horários vagos do ALP, são importantes para as pessoas que ali criam e mantêm novas afetividades, contribuindo para que o ALP continue cumprindo suas metas de incentivar, proporcionar e divulgar o conhecimento e a produção plástica da comunidade local.

Figura 17 — Oficina de desenho, na nova sede, em 1978



Fonte: Acervo ALP/PMPA.

Relato brevemente esses fatos por acreditar que contribuam para a compreensão da dinâmica das relações humanas que se estabeleceram e ainda se estabelecem dentro do ALP ao longo da sua histórica atuação. São relações, afetos, amizades — e até casamentos —, o convívio das pessoas, das suas produções, estabelecendo novas relações permeadas pelos constantes deslocamentos do fazer artístico.

[...] o corpo - de - sonho permite simultaneamente dois movimentos: o mergulho no estranho, que, como vimos, é feito de sensações, vivências ,afetos e o afastamento deste, para alcançar o conhecer com o que permite sonhar [...] se o corpo - de - sonho não surge ao acaso, nem magicamente, sendo ao contrário, produto de intenso trabalho [...] o corpo – de - sonho jamais estará pronto, mas sempre em constituição ,desmanchando formas, atravessando o informe e criando outras formas de subjetivação e de existência [...] (FONSECA, 1998, p. 14-15).

Esses estados de corpo-de-sonho foram fundamentais para a formação dos coletivos de artistas e grupos dentro do ALP, e as suas atuações foram e são relevantes para o sistema das artes do Estado, bem como para a valorização dos artistas e do próprio ALP.

4 GRUPOS EMERGENTES DO ALP

Usando os parâmetros definidos anteriormente para o grupo: mínimo de três integrantes, alunos matriculados no ALP, no momento da criação do grupo, e que mantiveram atividades enquanto grupo ou coletivo, além de dois anos, no período dos últimos trinta anos, e dois do Atelier, de 1980 a 2012, pude localizar e identificar os grupos que tiveram sua origem ligada ao ALP — espaço tão democrático no ensino e na produção plástica, sempre de portas abertas, recebendo as pessoas que se interessam por arte. Em alguns períodos de atividades do ALP, houve algumas dificuldades no ingresso de alunos, pois o número de professores não era suficiente para atender a grande procura, principalmente no início dos anos 1980, com a mudança para a sede definitiva.

Atualmente, em 2012, o ALP está com um corpo docente reduzido, aguardando novo concurso público para que o cargo de instrutores de arte seja efetivado. Vale ressaltar, ainda, a importância do ALP na fundação da Associação dos Escultores do Estado do Rio Grande do Sul e do Núcleo de Gravura, ambos originários das salas do ALP, nos anos 1980, quando houve a reativação da Associação dos Artistas Plásticos Francisco Lisboa, a mais antiga do Estado. A participação dos artistas e professores do ALP foi definitiva para que tudo acontecesse.

No texto do catálogo da mostra *Gráfica Gaúcha II*, realizada no Centro de Cultura Erico Veríssimo da CEEE, o Atelier Gente, Água e Tinta, formado por jovens artistas, algumas ainda estudantes do IA, atribuem sua origem ao ALP, mas essa informação não procede. Em contato com uma das integrantes desse atelier, me foi confirmado que sua origem se deve ao fato de serem todas colegas do IA. Talvez essa informação equivocada tenha ocorrido porque os alunos do IA costumavam frequentar o ALP concomitantemente ao IA, e atuavam em ambos os locais, o que deve ter confundido a pesquisadora.

Os conceitos de grupos de artistas e coletivos considerados nesta pesquisa para definir os grupos pesquisados são as definições que Fernanda Carvalho Albuquerque apresenta em sua dissertação de mestrado, de 2006, em que faz um estudo sobre os grupos e coletivos de artistas no Brasil, entre os anos de 1995 e 2005, que diz:

[...] são iniciativas coletivas de artistas que organizam mostras, e trazem em comum uma busca por uma maior autonomia em relação às instâncias tradicionais do sistema das artes visuais ao desenvolverem projetos em sintonia com as pesquisas, reflexões e modo de trabalho dos artistas participantes. Questionamento em relação a determinadas dinâmicas de produção e circulação e legitimação desse sistema, mas não constituem negação ao circuito de arte tradicional (ALBUQUERQUE, 2006, p. 67).

A autora (ALBUQUERQUE, 2006) considera os coletivos de artistas como uma iniciativa coletiva de artistas, mas salienta que, para a diferença das demais iniciativas, por realizarem trabalhos de forma coletiva, tendo a autoria do mesmo compartilhada ou criação coletiva, como elucida essa diferença trecho abaixo:

Trata-se da interpretação das categorias 'iniciativas coletivas de artistas' e 'coletivo de artistas'. Enquanto a primeira é mais abrangente, englobando diversos tipos de propostas desenvolvidas de forma conjunta por artistas, tais como a criação de espaços de produção e difusão, a organização de mostras, a realização de eventos, a edição de publicações e a formação de grupos voltados à criação em parcerias; a segunda é mais restrita referindo-se especificamente aqueles agrupamentos que apresentam como principal atividade a realização de trabalhos artísticos em conjunto [...] (ALBUQUERQUE, 2006, p. 9)

Em outros artigos e pesquisas sobre grupos e coletivos, me deparei com outras definições, mas considero que os conceitos apresentados por Albuquerque (2006) contemplam, com maior abrangência, o termo grupo aqui estudado, e contribuem para a compreensão deste estudo focado nos grupos e coletivos que se originaram no ALP, considerando-se as suas distintas organizações e atuações em diferentes períodos no sistema local das artes.

4.1 ATELIER MAM

Figura 18 — Atelier MAM: Maria Tomasselli, Marta Loguércio, Paulo Chimendes e Anico Herskovitz



Fonte: Acervo Maria Tomasselli

O Atelier MAM foi o primeiro grupo de artistas com origem nas oficinas do ALP, identificado na pesquisa. Criado no ano de 1981 (informação baseada no convite da comemoração dos 10 anos), o MAM era formado pelas artistas gravadoras Anico Herskovitz, Marta Loguércio e Maria Tomasselli. O nome do atelier foi criado com as iniciais dos nomes das três artistas que criaram o espaço para desenvolver trabalhos na área da gravura, mais especificamente em litografia.

Motivadas pela falta de horários livres na oficina de Litografia do Atelier Livre para que pudessem desenvolver seus trabalhos, suas pesquisas plásticas e imprimir as tiragens de suas gravuras, as artistas criaram o grupo. As três artistas eram orientadas por Danúbio Gonçalves, em Litografia, no ALP, na sede definitiva, e elas já frequentavam o ALP na sede da Rua Lobo da Costa, na qual havia mais disponibilidade para uso das oficinas para a produção de gravura, que demanda muito tempo em cada etapa da execução, da gravação à edição.

Apesar de o ALP iniciar suas atividades apenas no horário da tarde, pelo fato também de ter um número reduzido de alunos, alguns alunos usavam o espaço do ALP quase que como um espaço particular. Com a mudança para a sede definitiva, o ALP passou a contar com salas projetadas e equipadas para as técnicas das oficinas oferecidas. Houve um aumento significativo no número de alunos que passaram a frequentar as oficinas, o que gerou o afastamento de alguns artistas que já tinham seu trabalho reconhecido no circuito, semelhante às três que formaram o grupo MAM. No vídeo realizado pelo MAM, o narrador afirma a origem da formação desse novo espaço pela convivência no ALP. Anico Herskovits, em seu texto no catálogo *Gráfica Gaúcha II*, comenta a dificuldade de trabalhar como um dos motivos da formação do MAM e dos outros grupos nesse período

As três artistas alugaram parte do atelier dos artistas Fernando Baril, Eunice Pereira e Ruth Schneider, que se localizava no porão da casa da esquina da Rua Olavo Bilac com a Rua Lima e Silva, na vizinhança da terceira sede do Atelier Livre. Poucos meses depois, o MAM já ocupava todo o espaço do porão, pois os artistas Baril, Eunice e Ruth não mais usavam aquele espaço para produzir.

O artista e gravador Paulo Chimendes, também colega na oficina de Litografia do Atelier, foi convidado pelas três artistas a integrar o MAM desde seu início, ficando responsável pelas impressões das gravuras ali produzidas. Paulo Chimendes iniciou sua vida artística no ALP, realizando sua primeira individual na Galeria do ALP, em 1972, na sede da Lobo da Costa, onde foram apresentados desenhos desse jovem artista promissor.

As três artistas, Maria, Anico e Marta, ministravam, no MAM, aulas e cursos de litografia. Vários artistas frequentavam as aulas, conhecendo e desenvolvendo a linguagem da Litografia. Outros artistas, que já dominavam a técnica litográfica, também viam ali um local para desenvolver e produzir suas gravuras.

Brites (2007, p. 143), em sua análise sobre a produção dos anos oitenta, na cidade, destaca a criação do Atelier MAM como um local para "promover cursos e serviços de impressão para artistas [...]", e o destaca como "ponto de encontro de artistas visitantes, que lá deixavam suas impressões registradas [...]". O MAM realizou diversas mostras e exposições, algumas delas com importantes patrocínios, o que auxiliava a manter os custos operacionais do atelier — aluguel, luz e água. Outra importante iniciativa do MAM foi o Consórcio de Gravuras que contribuiu para divulgar a arte da gravura, movimentando o sistema local da arte. Outras atividades

que envolviam a produção gráfica — álbuns e calendários — também tiveram sua importância para o reconhecimento das artes gráficas no Estado.

Artistas renomados, entre os quais, o gravador Otávio Pereira e Iberê Camargo, costumavam frequentar o MAM e ali produziram e imprimiram algumas das gravuras de suas vastas produções. O MAM também abriu suas portas ao Núcleo de Gravura do Rio Grande do Sul, e muitas reuniões e atividades foram realizadas ali. O MAM permaneceu em funcionamento por dez anos, encerrando suas atividades em 1992 (segundo informações CV Maria Tomasselli). Nesse mesmo ano, foi criada a Oficina 11, com o grupo de artistas frequentadores do MAM que, em pouco tempo, se transferiu para o Museu do Trabalho. O acervo de gravuras e documentos do MAM, após encerrar suas atividades, foi doado ao MARGS, ficando, assim, disponível para pesquisas.

4.2 ATELIER P. A.

Figura 18 — Atelier P.A.: na foto Nury Jost, Vera Grinberg e Maria Helena Salle



Fonte: Acervo Maria Helena Salle

O grupo Atelier P. A. se originou na sala de gravura em metal, sob a orientação de Paulo Peres. Inicialmente, era formado por Maria Beatriz Martins

Costa, Nury Jost, Suzana Sommer e Vera Grinberg. A sigla P.A. que o nomeia é usada em uma etapa das impressões de gravuras pelos gravadores, e significa prova de artista, do mesmo modo que P.E. significa prova de estado, e P.I., prova do impressor, que são impressões extras, fora da tiragem estabelecida pelo artista. No início dos anos 1980, esse grupo alugou um apartamento na Rua Silva Jardim, onde cada participante desenvolvia seu trabalho gráfico pessoal. As artistas, individualmente, participavam ativamente de mostras, salões nacionais e internacionais, trilhando cada uma seu caminho artístico. Esse atelier tinha o caráter de uso privado das artistas, não se propondo a cursos abertos a outras pessoas.

A artista Maria Beatriz Martins Costa deixou o Atelier P.A. e a artista Maria Helena Salle ingressou, em 1982. Quase no mesmo período, mudaram a sede para uma ampla casa na Rua Mata Bacelar, e costumavam, também, realizar feiras no fim do ano na própria sede do Atelier.

Todas as artistas realizaram exposições individuais, em galerias da cidade, enquanto compartilhavam o atelier coletivo. Foram selecionadas, de forma individual, para vários salões de gravuras nacionais e internacionais: *Mostra Itinerante*, organizada pelo MARGS; *A gravura no Rio Grande do Sul: atualidade*, em 1985. As gravuras foram expostas no MAC-USP, no Centro Cultural da PUC/RJ e no Margs. No texto do catálogo, Vera Chaves Barcellos faz um breve histórico da gravura no Estado, salientando a importância do ALP como um polo de ensino e produção de gravura desde 1960 (informação retirada do texto catálogo). Barcellos ainda faz breves análises dos participantes da mostra, e destaco alguns fragmentos sobre as artistas que compartilhavam o Atelier P. A.:

Formas de tensão entre sociedade e natureza são a preocupação de Suzana Sommer em suas construtivas paisagens urbanas cuidadosamente estruturadas com o domínio da técnica do metal.

[...]

Os ritmos da paisagem e a presença da vegetação predominam nos trabalhos de Vera Grinberg, onde a leveza e transparência das águas-tintas em cores são elementos técnicos principais.

[...]

O tema de barcos, velas, e mastros são o pretexto para Maria Helena Salle realizar um equilibrado estudo rítmico-espacial.

[...]

Nury Jost, usando a imagem de boleadeiras e dissecando sua estrutura, cria com liberdade composições que beiram a abstração (MUSEU DE ARTE DO RIO GRANDE DO SUL, 1985)

As artistas do Atelier P.A. realizaram algumas exposições de forma coletiva, por exemplo, a realizada na Galeria Cristina Gonzáles, localizada na Rua Félix da Cunha, próxima à Praça Mauricio Cardoso, onde o grupo lançou o álbum de gravuras *Envoleparte II*, com as obras das artistas integrantes. Em depoimento, Suzana Sommer relatou-me que o artista José Carlos Moura também costumava usar o espaço do Atelier para imprimir seus relevos. E que os motivos que as levaram a se organizarem foram as dificuldades de realizar sistematicamente suas obras gráficas, preparação dos papéis para imprimir... no ALP..., devido ao grande número de alunos na sala de gravura disputando o espaço, a prensa, os ácidos. As artistas mantiveram o atelier até o ano de 1990, ano da última exposição do grupo. Após o fim do Atelier P.A., as artistas continuaram a produzir, algumas em outras técnicas e linguagens — pintura ou fotografia — e continuam produzindo até o presente momento, em 2012.

Pude perceber que os motivos que levaram as artistas desse grupo a se organizar foram quase os mesmos do MAM: as dificuldades encontradas em compartilhar o uso da oficina e desenvolver o trabalho no ritmo que gostariam, imposto pela limitação de uso dos espaços do ALP. Ambos se originaram das oficinas de gravuras do ALP, e todas as artistas integrantes já tinham uma trajetória reconhecida de produção gráfica e participação sistemática no circuito.

Figura 19 — Grupo “N” Caminhos: Anabela L. Peixoto, Ruth Krug, Beatriz Rôhnelt, Lidia Feliz, Maria Alice Bassanie e Regina Castro



Fonte: Acervo Beatriz Rohnelt

4.3 GRUPO “N” CAMINHOS

O Grupo "N" Caminhos teve sua origem nas oficinas de Projetos Especiais do ALP. O grupo de alunas da oficina de *Projeto Especial de Desenho* da artista e orientadora Anete Abarno realizou várias exposições sob sua orientação, por muitos anos consecutivos. Ao se afastar do corpo docente do ALP, Anete já percebia a vontade do grupo, que se estabeleceu em sua oficina, de continuar produzindo, e foi uma incentivadora para que isto viesse a se realizar.

Algumas integrantes do grupo participaram da mostra no Shopping Praia de Belas, em 1990, sob a curadoria de Milton Couto, realizando trabalhos de desenhos em grandes dimensões, e ainda produziram um livro de artista na mesma linguagem. Também realizaram mostras como a *Postal Frente e Verso*, com a produção de pequenas caixas com trabalhos das alunas, sempre valorizando a linguagem do desenho nas suas variadas técnicas. No ano de 2003, o grupo se

organizou com oito integrantes, sendo as artistas: Anabela Leães Peixoto, Beatriz Röhnelt, Lydia Kuleska, Lídia Félix, Maria Alice Bassani, Madalena Polônia Regina Castro e Ruth Krug. O grupo usou as dependências do ALP para se encontrar e produzir seus trabalhos, por mais de um ano; depois, passou a se reunir na casa de uma das integrantes, Beatriz Rohnelt, semanalmente, até os dias de hoje. Nesses encontros, as artistas discutiam temas relativos às suas atividades artísticas, se organizavam para participar de exposições, e também visitavam mostras na cidade, mantendo-se atualizadas sobre as produções artísticas locais. Duas das artistas moram fora de Porto Alegre, o que não as impede dessa intensa e prazerosa convivência semanal. O grupo, atualmente, composto por seis, tem realizado várias exposições tanto na capital quanto em cidades importantes do interior.

A primeira exposição do Grupo “N” Caminhos foi na Casa de Cultura Mário Quintana e denominava-se *Ao Invés de Lápis e Pincéis*, onde foram apresentadas obras impressas graficamente em lona, em 2004. Desde então, realizam anualmente uma mostra do grupo. Já em 2008, na Galeria Albano Hartz, de Novo Hamburgo, apresentou pela primeira vez *Papel & Cia.*, com esculturas em papel. Esse grupo se identifica pelo suporte usado, o papel, e as referências da linguagem do desenho — colagem, recortes.

No ano de 2012, o grupo realizou a mostra *Reflexos*, na Galeria La Photo, em Porto Alegre e, no catálogo da mostra, as artistas escrevem sobre o trabalho de outra integrante. As relações afetivas que surgiram nos espaços do ALP permanecem, mesmo fora do seu espaço físico, ainda intensas e longas.

4.4 GRUPO NO OLHO DA RUA

Figura 20 — Grupo no Olho da Rua: Déo Miranda, Marilda Raymundo, Liomar Aroça, Cléo Amaral, Neide Fischer, Sandra Lages e Gerson Derivi



Fonte: Acervo Marilda Raymundo

Antecedendo o XI Festival de Arte Cidade de Porto Alegre, promovido pelo ALP, em julho de 1997, foi realizada a Oficina Avenida, na sala de escultura, com o objetivo de criar objetos e figuras para serem expostas no exterior do CMC durante o Festival de Arte. Vários alunos do ALP, de diversas oficinas, participaram para construir e pintar os trabalhos. Foi um grande envolvimento por parte dos participantes que trabalhavam durante os três turnos para que os trabalhos ficassem prontos para o Festival, incentivados pelo coordenador de Artes Plásticas, o artista Claudio Ely.

Alguns dos participantes dessa oficina se apaixonaram pela experiência e, unidos pela vontade do fazer artístico, começaram a pensar e se organizar para realizar atividades conjuntas. Assim, surgiu o Grupo *No Olho da Rua*, logo após a

experiência coletiva da Oficina Avenida. Oriundos de diferentes oficinas do ALP, os integrantes do grupo *No Olho da Rua* já desenvolviam seus trabalhos individuais em linguagens de desenho, escultura, pintura e gravura e, ao formar o grupo, tinham o desejo de mostrar suas produções artísticas de forma não convencional e, assim, iniciaram a trajetória coletiva.

Os artistas integrantes da formação inicial do grupo, em 1997, eram: Cléo Amaral, Déo Miranda, Gerson Derivi, Liomar Arouca, Neide Fischer, Marilda Raymundo e Sandra Lages. O Grupo se firmou como um grupo de trabalho alternativo nas artes plásticas, diferenciado, voltado quase exclusivamente para as apresentações artísticas não encerradas em galerias, mas em espaços públicos — praças, parques e bares.

A primeira atividade pública ocorreu em setembro de 1997, no mesmo ano de sua formação, com o mostra *Arte Pública - Show Tributos aos Anjos*, na cidade de Guaíba/RS, e também apresentada no Bar Energy Pub, em Porto Alegre, no mês seguinte. A intervenção *In Memoriam: olhares poéticos para uma alma abandonada*, que aconteceu no Solar da Travessa Paraíso, foi uma das grandes atuações do Grupo. O "Solar Paraíso" estava para ser restaurado pela SMC e uma das integrantes do grupo, Marilda Raymundo, tinha muitas ligações afetivas com esse espaço que havia pertencido à sua família. Contagiado, o grupo propôs a intervenção ao coordenador da CAP. Foi um trabalho desenvolvido com cuidado, com o apoio da CAP e outros setores da SMC, marcando o início da restauração. Os artistas Xico Stockinger e Vera Wildner foram convidados para uma participação especial no Solar.

Cada artista trabalhou com um espaço da casa, dando ou resgatando seus significados. Foi elaborado um memorial descritivo, em que cada integrante registrou sua intervenção no Solar. No ano seguinte, o grupo realizou mais duas mostras, no Espaço Cultural Infraero, em Porto Alegre, e no Espaço Cultural Caminho do Trem, em Farroupilha/RS.

Mais uma casa seria restaurada pela SMC e o grupo realizaria mais uma intervenção no inverno de 1999, *In Memoriam II*, na Chácara Malheiros, na Av. Bento Gonçalves, futura sede do Arquivo Histórico Municipal da SMC. O grupo era aberto para que os participantes escolhessem os projetos que pretendiam participar, assim, alguns dos integrantes enviaram dois trabalhos coletivos para a seleção de salões de arte visando a 7ª Bienal de Santos, em 2000. Os três integrantes — Marilda

Raymundo, Cléo Amaral e Gerson Derivi — realizaram essa proposta de obras coletivas para salões e o trabalho foi selecionado para a Bienal de Santos. O Grupo *No Olho da Rua* participou da mostra dos 40 anos do ALP, realizada no Mercado Público, sendo este o último registro encontrado de atividade em grupo, mas seus integrantes continuam produzindo individualmente e ativos no sistema de arte local.

5.5 GRUPO PELOS MUROS

Figura 21 — Grupo Pelos Muros: Mônica Azevedo, Cledi Di Giorgi, Marcelo Monteiro, Georgina Souza, Lilian Souza, Luísa Berger e Tânia Cappra



Fonte: Acervo Tânia Cappra

O Grupo Pelos Muros teve sua origem na oficina realizada no Festival de Arte Cidade de Porto Alegre, em 2005. Considerando-se que alguns alunos já conviviam no grupo da Oficina de Xilogravura do Atelier Livre, sob a orientação de Wilson Cavalcante, contava com os seguintes artistas integrantes: Cleide Di Giorgi, Isolde Bosak, Marcelo Monteiro, Monica Goidanish, Vera Junqueira e Tania Cappra. Esse

grupo de alunos estava se estruturando e demonstrava vontade de realizar vários projetos gráficos.

Na madrugada de 24 de abril de 2005, a sala de gravura do ALP foi invadida e incendiada, o que não impediu que o grupo de alunos, apaixonados pelo que faziam, continuasse seus trabalhos, no improviso: uma das prensas foi colocada embaixo da escada, mesas, pedras para entintar e, assim, puderam continuar a produzir. O lamentável episódio do incêndio foi determinante para que o grupo unisse forças para enfrentar as dificuldades.

A sala foi reconstruída e, em poucos meses, estava reequipada e pronta para o Festival de Arte Cidade de Porto Alegre. Em julho, como era tradicional na cidade, foi realizado o Festival, quando ocorreu a oficina *Projeto Lambe-lambe: xilogravura e ações na cidade*, ministrado pelos artistas convidados Fabrício Lopez e Cris Rocha, ambos trabalham com gravura em São Paulo. Essa oficina tinha o objetivo de realizar xilogravuras de grande porte para serem expostas em locais públicos.

A duração da oficina foi de seis dias e, no seu decorrer, os alunos que realizaram os trabalhos de forma coletiva, vislumbraram a possibilidade de continuar a desenvolver o trabalho coletivo. Devido à dimensão da gravura, todo o processo de gravação da chapa de madeira, a impressão sobre o papel, a colagem seria viabilizada se executado coletivamente. Assim, logo após o Festival, o grupo continuou se organizando nas salas do ALP, e pouco tempo depois passou a se chamar *Grupo Pelos Muros*. O grupo contou com integrantes oriundos da oficina Lambe do Festival de Arte e do grupo da oficina do ALP. A primeira formação foi composta pelas artistas: Georgina Souza, Lilian Souza, Monica Azevedo e Luiz Berger, sendo os demais, originários da oficina de xilogravura do ALP — Cleide Di Giorgi, Isolde Bosak, Marcelo Monteiro, Monica Goidanish, Vera Junqueira e Tania Cappra —, que também participaram da oficina do Festival.

O primeiro trabalho do grupo foi o *outdoor* para o painel em frente ao Centro Municipal de Cultura, na técnica da xilogravura, *A Baleia*. Com a formação inicial, realizaram também o *outdoor Quintana* e, com este mesmo trabalho, fizeram intervenções durante a Feira do Livro nas imediações da Praça da Alfândega. Participaram da Bienal B, com a obra *Sereia*, no Shopping Moinhos de Vento, e foram convidados pelo grupo *A Flecha* para participar da obra *Boitatá na Essa Poa é Boa*, ambos eventos ocorridos em 2007 e paralelos à Bienal do MERCOSUL.

O grupo também participou da mostra Gráfica Gaucha I, organizada por Anico Herskovitz, no Centro de Cultura Erico Veríssimo da CEEE, e apresentou a obra *A Baleia*, que foi executada durante a mostra. Foram muitas as atividades desde sua criação e, para socializar imagens, criaram um blog com textos do Grupo (blog ativo até 27 de setembro de 2010, data da última postagem). Ao longo da trajetória de atuação do grupo, ocorreram várias formações e, por vários motivos, alguns integrantes foram abandonando as atividades. O grupo usava a sala de xilogravura para realizarem as obras, mas eram independentes e autônomos, e assim realizavam suas atividades. Também usavam outros espaços para realizarem suas reuniões. Na última atividade realizada, o grupo estava formado por apenas quatro integrantes que participaram do Festival do ALP, em 2010. Vários dos integrantes permanecem atuantes no sistema local da arte.

Atividades Pelos Muros:

Festival de Arte cidade de Porto Alegre ALP, 2010.

Feira do Livro, 2009.

São João, na Galeria Azul, 2009.

Obra Baleia no Teatro Renascença, 2008, 2009.

Obra Centopeia ,24h de Cultura, ALP, SMC.

Obra Baleia CCEVCEEE, dezembro 2007 - março 2008.

Feira do Livro, 2007.

Bienal B, Joy Division, Shopping Moinhos de Vento.

Essa Poa é Boa.

Feira do Livro, 2006.

Quintana Outdoor, ALP SMC, 2006.

Outdoor ALP SMC. SMC, 2005.

5.6 GRUPO ATELIER PORTO 7

Figura 22 — Atelier Porto 7: Rogério Severo, Beth Fiori, Virgínia Quites, Marli Sassi, Cyrillo Crestani, Cyrillo Crestani e Jose de Belém



Fonte: Acervo Beth Fiori

Na oficina de pintura do ALP, ministrada pela artista e orientadora Virginia Quites, surgiu o Grupo Porto 7, na turma de Projetos Especiais. O grupo tinha por objetivo resgatar a memória da paisagem da cidade através de trabalhos plásticos em pintura acrílica. Em 2000, quando o grupo foi instituído, eram seus integrantes: Beth Fiori, Cyrillo Crestani, Dania Moreira, Marli Sassi, José de Belém, Rogério Severo e Virgínia Quites. O grupo realizou várias mostras sob a mesma temática — paisagens —, centrando-se cada vez em um local específico da cidade. Virginia Quites, atendendo minha solicitação para outra pesquisa, fez o seguinte relato em 2010:

Homenagear Porto Alegre com uma proposta de trabalho em Pintura, realizando exposições temáticas que resgatem e sensibilizem o espectador para a beleza da paisagem de nossa cidade é o objetivo do Porto7.
Porto Alegre de águas, relevos e verdes sugere sempre...
Porto7 - sete artistas que assumiram sua linha de horizonte dentro da contemporaneidade, com ideais de beleza e contemplação.
O resultado deste trabalho descreve o céu, o rio, a cidade enfim, de uma forma muito peculiar ao olhar de cada artista, todos sensíveis ao cheiro e a

luz da cidade. Uma pesquisa que reverencia o amor à paisagem de Porto Alegre (QUITES, 2010)².

O Grupo realizou sua primeira mostra intitulada *Arvoredo* no Museu Joaquim José Felizardo, em 2000, no ano de sua criação, e ainda nesse ano pintaram os painéis para o cenário da TV COM, dentro do convênio entre o ALP e a TV COM (desde 1997, o ALP era responsável pela curadoria dos artistas que participavam do projeto, cenário dos programas *Conversas Cruzadas*, com Lauro Quadros e o da apresentadora Tania Carvalho).

No ano seguinte, o olhar do grupo estava focado no Rio Guaíba, e realizou a mostra no CMC, intitulada *Rio Guaíba - Por Tu Olhares Paisagem*. No convite da mostra, o historiador e crítico Armindo Trevisan escreveu o texto de abertura sobre as paisagens na história da arte, ressaltando a importância do resgate realizado pelo Grupo Porto 7. O grupo realizou mais duas mostras no mesmo ano, *Paisagem de Porto Alegre*, no Espaço Cultural Arte 15, em São Leopoldo/RS, e *Navio Fantasma*, no Museu Joaquim José Felizardo. No mesmo espaço, também realizam as mostras *Porto 7*, em 2002, *Desenhos e Pinturas a Partir de Porto Alegre* (também apresentada na Assembleia Legislativa), em 2003, e na Travessa Venezianos nº 15, em 2004.

O Grupo Porto 7, no ano de 2003, alugou uma casa e instalou seu atelier, Atelier Porto 7, na Travessa Venezianos nº 15 e, a partir desse momento, suas ações deixaram de ter vínculo direto com o ALP. O grupo ainda mantém seus integrantes e o espaço do atelier é compartilhado entre eles. Importante ressaltar que o grupo é o pioneiro na Travessa Venezianos nº 15, sede da Chico Lisboa, e antecedeu outros ateliers que vieram, posteriormente, a se instalar naquela rua.

O Grupo Atelier Porto 7, já alterado em sua constituição e com sua autonomia, continuou realizando mostras na capital e no interior, reafirmando sua proposta de trabalho. Cada integrante do grupo, desde o início, desenvolveu sua linguagem plástica própria, e os seus membros se identificavam pelas mostras temáticas. Alguns integrantes, como a artista Virginia Qites, permaneceram no Atelier Porto 7 até o ano de 2005, e a última mostra da qual participou com o grupo foi *Cidade Antiga*, no Museu Joaquim José Felizardo, em 2005.

² Mensagem pessoal recebida por correio eletrônico em agosto de 2010.

Atualmente, em 2012, compartilham do espaço do atelier da Travessa Venezianos nº 15 os artistas: Beth Fiori, Betina Frichmann, Cyrillo Crestani e Humberto Dutra, desenvolvendo projetos individuais. Importante ressaltar o papel da instrutora do ALP Virginia Quites na constituição desse grupo, pelo incentivo ao aprimoramento técnico da pintura e das linguagens individuais de seus integrantes ao longo da trajetória. Vale ressaltar, também, que o artista Rogério Severo foi em busca da profissionalização, ingressando no IA para realizar o curso de Bacharel em Artes Visuais.

Essa não foi a primeira vez que este fato ocorreu com alunos do ALP. No entanto, desde a sua criação, em 1961, e principalmente nos anos 1970 e 1980, era comum os alunos do IA buscarem no ALP a complementação de seus estudos, principalmente na área da gravura. A partir dos anos 1990, esse caminho se inverteu: os alunos do ALP passaram a buscar sua profissionalização na Universidade. Em 2007, foi realizada, pela CAP-SMC, uma mostra no Porão do Paço, em que o mote da curadoria foi esse caminho — do ALP para o IA.

5.7 ATELIER 6

Figura 23 — Atelier 6: Paulo Porcella, Isabel Marrone, Rosy Moreno, Elizabete Costa, Miguel Bol e Celina Ten Catten



Fonte: Livro Paulo Porcella: Meio Século De Arte

O Atelier 6 se originou na oficina de pintura, sob a orientação do artista e instrutor de artes Paulo Porcella. O grupo escolheu o atelier particular da artista Isabel Marroni como local de encontro, pela proximidade ao ALP, a partir de 1990.

Os encontros eram semanais, à tarde, quando os artistas produziam; e, à noite, realizavam um jantar de confraternização. Uma vez por mês o grupo se reunia para refletir e discutir temas pertinentes à produção individual. Os integrantes iniciais do Atelier 6, são: Rosy Moreno, Elisabeth Costa, Miguel Bol, Celina Ten Catten, Isabel Marrone e Paulo Porcella. Posteriormente, juntaram-se ao grupo os artistas Ângelo Braghirolli, Rosana Almendares, Marília Fayh Paulistsch e Marisa Veeck. Além da pintura, alguns artistas desenvolviam trabalhos em papier-mache, e realizaram várias mostras identificadas com o Atelier 6 (nessas mostras, eram incluídos os novos frequentadores do Atelier).

A artista Rosana Almendares, que participou do grupo, assim se expressou sobre o Atelier 6:

O convite para participar do grupo Atelier 6 veio por parte do Paulo Porcella e acredito que em função de nosso convívio junto ao grupo ENARTES que realizou muitas viagens pelo estado com um grande número de artistas numa espécie de caravana artística.

[...]

No Atelier 6 tive a oportunidade de dar continuidade a prática de produção em grupo visto que nesta época já estava com meu atelier em São Leopoldo e trabalhando sozinha. Era um convívio muito rico de pares. Claro que o Porcella tinha o papel de artista, já consagrado que era, mas não se colocava no papel de professor. Todos opinavam de igual para igual em relação às obras produzidas. Pra mim sempre foi bom perceber as inquietações dos outros artistas em relação às suas produções. É sempre muito humano presenciar os bastidores das produções, sejam quais forem.. Lembro bem que eu ficava pintado, quieta no meu canto. Às vezes sentia que o Porcella observava (devia estar louco para corrigir algo) mas ficava quieto. Se eu perguntasse ele dizia. Mas depois, certo dia, todos colocavam na roda seus trabalhos e todos comentavam.

Realizamos algumas intervenções em espaços públicos (houve uma muito louca em uma praça de Novo Hamburgo, mas não tenho registro – pena) e realizamos exposições para as quais chegamos a realizar alguns trabalhos em conjunto.

Foi uma experiência muito boa sempre encerrada com belos jantares (ALMENDARES, 2012)³.

O Atelier 6, a partir de 1995, participou do projeto ENARTES, sob a coordenação de Adair Ferreira de Souza. O Projeto ENARTES consistia em divulgar a produção dos artistas locais, através de mostras coletivas pelo interior do Estado, em outros Estados e no exterior. O Atelier 6 se manteve ativo e atuante até o ano de 1998. Os artistas continuam atuando, participando de exposições coletivas e individuais, nas instituições e galerias da cidade.

Exposições:

Coletiva de Pinturas Atelier 6, em Caxias do Sul/RS, 1991.

Coletiva de Aquarelas Atelier 6, Casa de Cultura Mario Quintana, Porto Alegre/RS; Passo Fundo/RS; Casa de Cultura Cruz Alta, em Cruz Alta/RS; Galeria da Caixa Econômica Federal, Porto Alegre/RS, 1992.

Coletiva de Aquarelas Atelier 6 - pré-conceitos, Galeria Marisa Soilbelmann, Porto Alegre/RS, 1992.

Coletiva Atelier 6 - Relendo Miró, Centro Cultural Brasil Espanha, Porto Alegre/RS, 1993.

³ Mensagem pessoal recebida por correio eletrônico em dezembro de 2012.

Coletiva Atelier 6 - Museu de Arte de Goiânia/GO, 1995.

Projeto Enarts - Centro Cultural 25 de Julho, Erechim/RS; Centro Municipal de Cultural, Santo Ângelo/RS; IX FENADI - Salão Nobre da Prefeitura de Municipal de Ijuí/RS, 1996.

Coletiva Atelier 6, Museu de Arte de Joinville, Joinville/SC; Espaço Cultural Yazigi Sonilton Alves, Porto Alegre/RS, 1996.

Projeto Enarts - Galeria de Arte Leopoldo Gotuzzo, Pelotas/RS; Galeria de Arte Regina Simonis, Santa Cruz do Sul/RS; Espaço Cultural da Prefeitura, Erechim/RS; Centro Municipal de Cultural Ináh Emil Martensen, Rio Grande/RS; Missões, Santo Ângelo/RS.

5.8 NO MEIO: OS IMPRESSIONANTES

Figura 24 — Capa da caixa do Álbum *Os Impressionantes*



Fonte: Acervo de Paulo Peres

No início dos anos 1980, mais precisamente em 1983, jovens artistas frequentadores do ALP realizaram, ali, encontros informais, nos quais discutiam várias questões que envolviam o fazer artístico, a divulgação, o mercado e o circular

das obras. Além desses encontros, ocorriam outros na casa de uma das integrantes, a artista Neusa Degani. Em jantares até altas madrugada, a arte era o assunto constante. Os frequentadores desses encontros eram frequentadores do ALP, oriundos de várias oficinas, artistas como Otacílio Camilo, Paulo Chimendes, Wilson Cavalcante, entre outros.

Helio Fervenza, no texto da revista *As Partes*, relata a intensidade desse convívio nas salas do ALP:

[...] falar sobre o que aí se fazia e se pensava, equivale também a falar das relações afetivas, das relações de amizade e, portanto, do compartilhar idéias e percepções, trabalhos e concepções de mundo, projetos artísticos e projetos de vida(o que serei quando crescer). Este fato talvez seja o resultado da própria forma de organizar o espaço, as atividades, as relações pessoais e de trabalho.

[...]

Resolvi neste texto, ater-me a alguns pontos que me parecem mais significativos e que dão conta de redirecionamentos, de desenvolvimentos talvez nem pensados e não objetivados pela instituição. Mas possibilitados pela abertura ao encontro propiciado por esta, e que podem ser detectados na evolução de alguns trabalhos e propostas elaboradas ali: nem sempre um conteúdo a ser transmitido (obsessão instrumental de alguns), mas produzir a possibilidade do surgimento de práticas atitudes e formas de pensar e interagir. Simples (FERVENZA, 2006, p10 e 11).

Como proposta ou resultado desses encontros, foi concebido o álbum intitulado *Os Impressionantes ou dez histórias para contar*, com a participação dos artistas Helio Fervenza, Maristela Salvatori, Maria Ivone dos Santos, Maria Lúcia Cattani, Otacílio Camilo (OTA), Paulo Chimendes, Moacir Guis (MOA), Ricardo Campos, Neusa Degani e Vivian SanMartin. O álbum foi exposto no Instituto dos Arquitetos (IAB), no saguão do CMC, e participou da Feira do Livro, espaços em Porto Alegre. O álbum também foi mostrado no SESC – Tijuca, no Rio de Janeiro, no ano seguinte.

No texto de apresentação do álbum, lê-se:

Somos dez. Vivemos em Porto Alegre e nos encontramos no Atelier Livre. Temos em comum o fato de utilizarmos a gravura como meio de expressão. Porque a gravura;
Uma atração misteriosa. A multiplicação da imagem, a relação artesanal existente em todo o processo, o acaso, constituem um jogo fascinante. No contato com a matriz-suporte da imagem(pedra, madeira,metal)surgem respostas gráficas específicas de cada material(texturas, cortes, relevos) aliados a concepção e procedimentos próprios do gravador. O processo é finalizado com a transferência da imagem gravada para o papel - obra impressa.

Empregamos neste álbum, gravura em metal, xilogravura e litografia para contar dez histórias. São impressionantes momentos que vivemos e tornamos coletivos em outubro de 1984 (OS IMPRESSIONANTES, 1984, [s.p.]).

Saliento, no texto acima, a palavra *coletivos*, em que me parece expressa no termo a intenção de realizar atividades em grupo, uma consciência da importância e reforço das ações em grupo proporcionadas pelo intenso convívio no ALP. Nesse mesmo período, foi criado o Núcleo de Gravura do Rio Grande do Sul, nas salas do ALP, e com a participação desses artistas frequentadores do ALP. O Núcleo surgiu com o objetivo de atender às especificidades da produção da gravura e, principalmente, de divulgar a produção de seus associados.

Alguns dos integrantes do grupo, Os Impressionantes têm sua formação iniciada no ALP, entre os quais, a artista Maria Ivone dos Santos, aluna da oficina de xilogravura, desde 1978; Paulinho Chimendes, aluno desde 1970; e Otacílio Camilo. Outros são jovens oriundos do IA — Maristela Salvatori, Maria Lúcia Cattani e Moacir Chotguis. Em entrevista realizada com alguns dos participantes do grupo, citaram aspectos que consideram importantes para as ações e a criação do grupo. O primeiro aspecto foi a utilização das salas do ALP, além do horário, e em finais de semana; o segundo se refere ao ambiente do ALP, considerado um aquário, onde ficam imersos, de molho, no fazer e no pensar arte e, principalmente, centrados na experimentação de técnicas e materiais de gravura. E Helio assim se expressa sobre o ALP:

Elas, as oficinas, (inclusão da autora) acolhiam toda uma série de pessoas em diferentes graus de envolvimento e de relação com a arte, desde iniciantes nas atividades ali ensinadas até artistas no desenvolvimento de um trabalho mais pessoal. Tínhamos livre acesso às salas, às tintas (fornecidas pela instituição), e aos equipamentos (armários, prensas, equipamentos de gravação...). Estes espaços eram utilizados com uma enorme intensidade, ultrapassando em muito as atividades dos cursos ali realizados. Podíamos ficar dias inteiros naquelas oficinas, chegar às nove horas da manhã e sair, por exemplo, às onze horas da noite! Então, as conversas, o conhecimento das pessoas, a troca de idéias sobre arte, sobre os trabalhos que estavam sendo feitos ocorria na abertura proporcionada pela grande disponibilidade e flexibilidade desse espaço, e pelo fato de compartilharmos verdadeiramente um convívio, reunindo pessoas de horizontes muito diferentes (raça, formação, classe social, cultura) (FERVENZA, 2006, p11)

O grupo, não mais identificado pelo nome Os Impressionantes, e com alguns dos integrantes iniciais, continua propondo atuações e realiza atividades que resultaram no livro de artista *Vestígios* (Objeto - documento Gráfico de uma Intervenção), em 1985, com a participação de Maria Ivone e Helio Ferverza, contendo os registros fotográficos da atuação dos dois artistas, elaborado por Elaine Tedesco, e fotocopiados com uma tiragem de 100 exemplares. O livro objeto foi lançado no espaço investigação do MARGS, em 1985.

Outro livro, intitulado *O Terreno de Circo*, elaborado por Helio Ferverza, Otacílio Camilo e Ricardo Campos, é a mescla de registros da atuação dos três no terreno baldio ao lado do CMC, onde hoje é o Ginásio Tesourinha, e gravuras realizadas no ALP. Esse trabalho foi apresentado em mostra no CMC, em 1985-6.

Helio Ferverza define essas produções pelo que se denomina, hoje, de iniciativas de artistas, uma das formas de atuação dos grupos aqui estudados.

A direção do MARGS foi responsável pela seleção das obras que fariam parte de uma mostra em Paris, em junho de 1987, *La Jouve Gravure Contemporaine*, com vários convidados do Brasil, realizada pela Associação Gravadores e Amigos da Gravura da França. Alguns dos gravadores selecionados se mobilizaram para irem a Paris para a mostra. O custo da viagem e a estadia em Paris eram quase impossíveis para a situação econômica da maioria deles. Maria Lúcia Cattani, Helio Ferverza e Maria Ivone dos Santos viajaram a Paris e lá complementaram suas formações nas academias francesas. Maria Ivone relatou-me que apresentou seu portfólio de gravuras (muitas produzidas no ALP) na *École Supérieure des Arts Décoratifs de Strasbourg (Groupe Objet /Bijou Parure du Corps)*, e lhe valeram créditos de quatro semestres, ingressando em uma etapa bem adiantada do currículo da Universidade.

O grupo de artistas Helio, Maria Ivone, Ricardo e Otacílio continuaram, unidos, apesar da distância, trocando correspondências, e realizaram uma mostra em Paris, *Distance*, no *Espace Latino-Americain*, em setembro de 1988. Essa mostra foi a última realização desse grupo, pois no ano seguinte ocorreu o falecimento de Otacílio Camilo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo da pesquisa, entrei em contato com muitos ateliers de artistas, particulares e coletivos, cujos participantes iniciaram suas atividades nos anos oitenta em Porto Alegre, e com aqueles em que os artistas se reafirmavam, compartilhando os anseios do fazer artístico, fazendo do espaço privado um local de encontros, de reflexão e produção; por exemplo, o Atelier da escultora Maria Tereza Fontoura, que organizava encontros com artistas e cursos de desenho, modelagem; ou o Atelier da Cristovão, próximo à Estação do Bombeiros, onde muitos jovens artistas dividiam o imenso espaço e dialogavam nas diversas linguagens que usavam. Esses, entre outros tantos ateliers, refletem toda a movimentação no sistema das artes locais, com um mercado consumidor e o aumento de público interessado, torna-se, com certeza, um interessante tópico para nova pesquisa sobre a história local das artes plásticas.

Analisando os dados coletados nesta pesquisa, com o olhar centrado nos grupos que emergiram do ALP, pude constatar que, entre os grupos formados nos anos 1980, o Atelier MAM e o Atelier P. A. foram os primeiros a se organizar; que a maioria das artistas protagonistas tinham formação universitária, alguns na área das artes plásticas; que tinham uma produção plástica consistente e reconhecida, com premiações em salões e participavam de mostras e exposições na área da gravura. Os motivos que levaram esses dois grupos se formarem foi a dificuldade encontrada na sistematização de sua produção gráfica dentro do ALP, pois havia muitos alunos nas oficinas gráficas, tanto na litografia quanto na gravura em metal, portanto, a disponibilidade do uso das salas, das prensas e do impressor eram restritas. Assim, insatisfeitas com o ritmo imposto nas oficinas, o qual dificultava as diversas etapas da produção de uma gravura, a alternativa encontrada para manter as suas produções foi a criação dos ateliers coletivos.

O convívio quase diário das artistas nas salas do ALP possibilitou a identificação dos anseios em comum e, enfrentando as mesmas dificuldades, buscaram, em conjunto, a solução para dar continuidade à sua produção na intensidade que pretendiam e não na imposta pelas dificuldades dentro do ALP. O Atelier MAM, além de um local para a produção pessoal das integrantes, foi um espaço voltado a cursos e à produção gráfica de outros artistas, oferecendo um

espaço para os artistas, eu também estavam encontrando dificuldades de espaço no ALP e outros com quem já se relacionavam. O Atelier P. A. esteve voltado apenas à produção de gravuras de suas integrantes, abrindo suas portas para as exposições de fim de ano que regularmente realizavam. Também constatei que a maioria dos grupos pesquisados era formado por artistas mulheres ou estavam em maior número, o que pode suscitar uma outra pesquisa, voltada à questão de gênero na produção local da cidade.

Constatei que os oito grupos pesquisados tiveram formas distintas de se organizar: o Atelier MAM, o Atelier P. A. e Os Impressionantes (e o seu grupo resultante sem nome para identificar) se formaram sem atuação direta do instrutor em sua constituição.

Já os Grupos Atelier Porto 7 e "N" Caminhos iniciam a trajetória de atuação dentro do Atelier, sob a coordenação de seus instrutores e, posteriormente, a seguem desvinculados do ALP; no caso do Atelier Porto 7, a orientadora e artista Virginia Quites continua participando do grupo, assumindo-o apenas como integrante.

No Atelier 6, a participação do artista Paulo Porcella como agregador do grupo é fundamental, e do mesmo modo que a artista Virginia, deixou a função de orientador e se colocou ao lado dos parceiros do grupo.

Dois grupos se formaram a partir do evento promovido pelo ALP, o Festival de Arte Cidade de Porto Alegre: o No Olho da Rua e o Pelos Muros, sendo que ambos têm características diferentes dos demais grupos pesquisados, pois se propõem a realizar obras para serem mostradas na rua, captando um público inesperado para suas obras e intervenções. Eles também compartilham as autorias, e todas as etapas da obra, da concepção à execução, são coletivos de artistas, um recurso que os artistas encontraram para viabilizar seus trabalhos e pesquisas na área. Alguns dos outros grupos pesquisados também realizaram algumas propostas coletivas, no entanto, não como uma filosofia de atuação do grupo, como o são no caso do No Olho da Rua e Pelos Muros.

O grupo Os Impressionantes tem características bem particulares: enquanto alguns artistas saíam do ALP, os integrantes desse grupo tomavam conta do espaço, compartilhando suas vidas e obras intensamente, mas não sendo o ALP o único local de encontro e produção. Tive dúvidas no início desta pesquisa, se incluiria esse grupo, pois, em um primeiro olhar, parecia-me mais um dos diversos

grupos internos. Também me questioneei sobre o modo de identificá-los, pois os artistas, frequentadores do ALP, que transitaram nesse grupo, são mais do que os dez que participaram do álbum Os Impressionantes. Adotei o nome do álbum para identificar o grupo de frequentadores daquele período, com mais participantes, mas entendo que os artistas Otacílio Camilo, Hélio Ferverza e Maria Ivone foram importantes para as propostas de artistas que surgiram. Constatei que os artistas Helio Ferverza e Maria Ivone dos Santos se conheceram no ALP e vivem juntos até hoje.

O Atelier Livre da Prefeitura, ao longo de sua história, foi e é fundamental para a formação dos artistas plásticos e visuais da região metropolitana, fato já conhecido; mas, ao me debruçar sobre este estudo histórico, percebi que as relações humanas que permeiam as aulas e atividades do ALP extrapolam a instituição. O estado de imersão, o atelier como um grande aquário (imagem que surgiu na entrevista com os artistas Ferverza e Santos), no qual há correntes leves, movimentos minúsculos, consequências de pequenos deslocamentos, e os protagonistas dos grupos pesquisados sentiam-se imersos, por inteiro, nas constantes alterações do estado de *corpo-de-sonho* (FONSECA, 1998), em deslocamentos constantes, buscando constantemente novos desafios.

O ALP é um espaço de convívio, onde as diferenças socioculturais e experiências pessoais de seus alunos e professores são percebidas e valorizadas, onde a liberdade de conceitos e concepções do fazer artístico têm espaço para transparecer, fazendo dele este local único de produção e ensino.

Percebo, ao final deste estudo, que não tinha a percepção de quão amplas e profundas são algumas relações que se estabeleceram no convívio dentro das salas do ALP, mesmo trabalhando lá há mais de 27 anos .

Por fim, espero que esta pesquisa acadêmica seja motivadora de outros estudos sobre o ALP, pesquisando esse espaço de cultura e arte sob outros e novos ângulos, pois é um local importante e imprescindível para a produção de arte de Porto Alegre e do Estado do Rio Grande do Sul.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Fernanda Carvalho de. **Troca, Soma de Esforços e porposição:** uma reflexão sobre coletivos de artistas no Brasil (1995 a 2005). Porto Alegre: IA/UFRGS, 2006.

BACHELARD, Gaston. **O Direito de Sonhar**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1991.

BRITES, Blanca. Breve Olhar sobre os Anos Oitenta. In: GOMES, Paulo (Org.). **Artes Plásticas no Rio Grande do Sul:** um panorama. Porto Alegre: Lathu Sensu, 2007.

BULHÕES, Maria Amélia. A roda da Fortuna: o modernismo se consolida e emerge seus primeiros questionamentos. In: GOMES, Paulo (Org.). **Artes Plásticas no Rio Grande do Sul:** um panorama. Porto Alegre: Lathu Sensu, 2007.

BULHÕES, Maria Amélia. **Artes Plásticas no Rio Grande do Sul:** pesquisas recentes. Porto Alegre: Editora da Universidade, 1995.

CANCLINI, Nestor Garcia. **A Socialização da Arte:** teoria e prática na América Latina. São Paulo: Cultrix, 1984.

FERVENZA, Hélio. Memória e apagamento. In: **As Partes:** Revista do Atelier Livre da Prefeitura de Porto Alegre, n. 1, jul. 2006.

FONSECA, Eliane Accioly. **Corpo-de-sonho:** arte e psicanálise. São Paulo: Annablume, 1998.

GOMES, Paulo (Org.). **Artes Plásticas no Rio Grande do Sul:** um panorama. Porto Alegre: Lathu Sensu, 2007.

ICLE, Gilberto (Org.). **Pedagogia da Arte:** entre lugares da criação. Porto Alegre: UFRGS, 2010.

KERN, Maria Lúcia Bastos. A Emergência da Arte Modernista no Rio Grande do Sul. In: GOMES, Paulo (Org.). **Artes Plásticas no Rio Grande do Sul:** um panorama. Porto Alegre: Lathu Sensu, 2007.

MUSEU DE ARTE DO RIO GRANDE DO SUL. **A Gravura no Rio Grande do Sul: atualidade**. Porto Alegre: MARGS, 1985.

OS IMPRESSIONANTES. **[Álbum]**. Porto Alegre, 1984.

PAIM, Claudia. Coletivos de Artistas na Contemporaneidade. In: BULHÕES, Maria Amélia (Org.). **Memória em Caleidoscópio**: artes plásticas no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: UFRGS, 2005

PIETÁ, Marilene Burret. **A Modernidade da Pintura no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Sagra-Luzzatto, 1995.

PORCELLA, Helenice Mendonça. **Paulo Porcella**: meio século de arte. Porto Alegre: Fumproarte, 2009.

POSSAMAI, Zita (Coord.). **Atelier Livre**: 30 anos. Porto Alegre: Seretaria Municipal da Cultura, 1992.

ROSA, Renato; PRESSER, Décio. **Dicionário de Artes Plásticas no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Editora da Universidade, 1997.

SCARINCI, Carlos. **A Gravura no Rio Grande do Sul 1900-1980**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

ZIELINSKY, Mônica. **Iberê Camargo - Catálogo Raisonné**. Porto Alegre: Cosac & Naify, 2006. v. 1 – Gravuras.

Catálogos

CAMBONA CENTRO DE ARTE. **Do Passado ao Presente**: as artes plásticas no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Cambona, 1983.

REMENTENTE EDELBRA. **Indústria Gráfica e Editora**. Porto Alegre: Fumproarte, 1999.

GRÁFICA GAÚCHA. **Grupos e Instituições - Centro Cultural CEEE Érico Verissimo**. Porto Alegre: Gráfica Gaúcha, 2008.

Revistas e Periódicos

AS PARTES: Revista do Atelier Livre da Prefeitura de Porto Alegre, n. 1, 2006.

AS PARTES: Revista do Atelier Livre da Prefeitura de Porto Alegre, n. 5, edição comemorativa, out. 2011.

BULHÕES, Maria Amélia. Considerações sobre o Sistema das Artes Plásticas. **POA-Porto Arte**, Porto Alegre, n. 3, p. 29, maio 1991.

KERN, Maria Lucia Bastos. Historiografia da Arte: revisão e reflexões face a arte contemporânea. **POA-Porto Arte**, Porto Alegre, v. 13, n. 22, p. 124, maio 2005.

Documentos e Dados de Rede Internet

BULHÕES, Maria Amélia. Do que Falamos quando Falamos de Arte? **Jornal Sul 21**, 2011. Disponível em: <<http://sul21.com.br/jornal/2011/07/do-que-falamos-quando-falamos-de-arte>>. Acesso em: 10 jun. 2012

DIAS, Belidson. Preliminares: a/r/tografia como metodologia e pedagogia em artes. In: CONGRESSO NACIONAL DA FEDERAÇÃO DOS ARTE EDUCADORES DO BRASIL, 17.; COLÓQUIO SOBRE ARTE, 6., 2007, Florianópolis. **Anais**. Florianópolis: UDESC/UFSC, 2007. Disponível em: <http://aaesc.udesc.br/confaeb/main.php?l=lista_anais>. Acesso em: 25 out. 2012.

INDEPENDENT. **Obituary – Tom Hudson**. Disponível em: <www.independent.co.uk>. Acesso em: 12 maio 2012.

NÚCLEO DE GRAVURA DO RIO GRANDE DO SUL. **Blog**. Disponível em: <to.plugin.com.br/nucleogravurars>. Acesso em: 24 abr. 2012.

AEERGS. **Blog**. Disponível em: <aeergs.blogspot.com/>. Acesso em: 24 abr. 2012.

UNIVERSO ONLINE. **Dicionário Michaelis**. Disponível em: <uol.com.br>. Acesso em: 05 jun. 2012.

ANEXO A — Atelier Livre da Prefeitura

Flashes

em revista



O pintor Iberê Camargo (sentado) e Xico Stokinger, no Teatro da Equipe.

CULTURA EM DEBATE

UMA PROVA de que os porto-alegrenses não estão habituados com debates era aquela estranha movimentação, cheia da mais contagiante expectativa, que na última segunda-feira de novembro dominava o recinto do Teatro da Equipe. Notava-se que algo de diferente estava para acontecer. O fato provocou mesmo o comentário irônico de um amigo nosso: "Até parece uma daquelas famosas reuniões do *Parteevoo Literário!* Está faltando apenas o Aquiles Pôrto Alegre".

O tema a ser debatido versaria sobre o marasmo cultural do Rio Grande do Sul. E o teatro, que já é pequeno, tornou-se menor ainda para conter enorme audiência de público. Este fato por si só já demonstraria que o marasmo não é assim tão latente. Mas, é preciso considerar que o debate fora anunciado dias antes com um certo toque de sensacionalismo. E, além disso, estava programado para orientá-lo o pintor Iberê Camargo. No final, porém, chegando à conclusão de que a presença do renomado artista gaúcho foi utilizada apenas como chamariz. Neste ponto, funcionou: quanto ao resto, sua contribuição foi mínima. Bastante inquirido inicialmente, Iberê respondeu. Mas suas respostas em geral não satisfizeram à plateia, já que, em última análise, não passavam de evasivas. Atitude lógica, pois ficou demonstrado não estar a par dos problemas locais. E o resultado foi que o pintor ficou esquecido na segunda

metade do debate. A palavra, então, entrou em domínio do público. E o que se ouviu em muitos momentos foi uma grande confusão resultante do debate desordenado de muita tolice, idéias fixas e de alguma coisa inteligente.

A movimentação propriamente começou com uma intervenção do Prof. Corona e do escultor Xico Stokinger. Este último traçou um rápido panorama da situação artística do Rio Grande do Sul. Chamou a atenção sobretudo para os seguintes fatos: a) entre nós o artista não prestigia o colega; b) estamos fora da época; abaixo com o regionalismo tacanho, devemos ser universal; d) arte não é moda, arte é uma corrente que corre na frente dos acontecimentos.

Paulo Hecker Filho, a seguir, convidado para falar sobre a atual literatura do RGS, expôs inicialmente que lá pelo ano de 1949 havia surgido aqui uma geração nova e que agora estava na época de surgir uma outra, mas a realidade demonstra que não há nem sinal de uma nova geração. Falou-se repetidas vezes de Erico Veríssimo, tanto que houve reclamações: seria ele a única pessoa que escreve no RGS? Enxerçavelmente introduziram o problema editor: o que adianta escrever se não existem editores dispostos a publicar os novos? Um aparte, como vemos, completamente fora de foco; o assunto em debate era outro.

O crítico Carlos Searinici, sempre que teve oportunidade, martelou o

caso da Divisão de Cultura: está sendo dirigida arbitrariamente, não conforme às leis que a regulamentam e com falta de conselhos técnicos. A plateia, indistintamente, apoiou Searinici, mas não gostou da insistência como o assunto era exposto.

Como conclusão, sem comentar outras importantes intervenções, podemos dizer que o debate foi válido. Não obstante seus inúmeros lados negativos. Muita gente criticou a falta de estruturação. Fato inegável. Mas tinha que ser assim: foi a primeira vez que aquelas dezenas ou mais pessoas, cheias de idéias diferentes, se reuniram para debater, e com muita disposição, problemas daquela natureza. É lógico que todo mundo quisesse aproveitar a oportunidade. O maior erro, a nosso ver, foi a insistência com que, no final, se queria chegar a uma conclusão definitiva de tudo. "O que devemos fazer, então, para solucionar o nosso problema artístico?" perguntou-se repetidas vezes. Problemas transcendentes como os da arte não se solucionam assim tão prontamente no decorrer de uma reunião quase improvisada.

Enfim, independente mesmo do conteúdo das discussões, um fato apenas seria suficiente para conferir validade ao debate cultural no Teatro da Equipe: ele sucedeu com o ambiente intelectual da cidade. Mostrou que existem grandes problemas mas também mostrou que existe muita gente disposta a enfrentá-los e a solucioná-los. Que venham outros.



Realizou-se recentemente em Curitiba, Paraná, o 7.º Congresso Brasileiro de Anestesiologia. O conclave contou com a presença de membros da Sociedade Brasileira de Anestesiologia, vindos de todos os recantos do País. Entre as palestras de atualização realizadas, destaca-se a que consistiu de relatórios preliminares sobre o composto de hidroxicidona sódica, novo agente anestésico de notável ação relaxante muscular, que foi também objeto de demonstrações clínicas em salas cirúrgicas. Na foto, aspecto da instalação salone do Congresso, quando cantava o Coral da Universidade do Paraná, vendo-se o prefeito da cidade, General Iberê de Matos e o Prof. Flávio Soglicy, reitor da Universidade.



Um grande público, para as dimensões do teatro, prestigiou o debate cultural.

Desorganização não impediu que boas idéias fossem discutidas

Na mesa: Carlos Scarinci, Milton Mattos, Iberê Camargo, Ruy C. Ostermann, e muita gente nos cenários, por falta de espaço.



HOMENAGEM A ARTISTAS DE RÁDIO

Na quinzena passada os artistas de rádio porto-alegrense, Érico Kramer e o casal Pery Borges e Estelita Bell, festejaram seu "Jubileu de Prata". Por este motivo foram alvo de sugestivas homenagens por parte do Clube dos Amigos dos Artistas, Clube dos Compositores, Clube dos Quinze e Casa do Artista Rio-Grandense.

33



do Globo, Porto Alegre, 1960.

Revista



Abrigo de Bondes, Praça XV, ao fundo prédio onde funcionou Galeria Municipal de Artes e após Atelier Livre da Prefeitura (foto acervo Museu Joaquim Felizardo).



Foto inédita de um dos encontros na Galeria Municipal de Artes, Acervo Comunicação PMPA, primeiro plano: Regina Silveira (morena de vestido Branco) ,atrás dela Maria de Lourdes Sanchez e ao centro Istelita Knewitz (cabelos curtos e escuros), Neusa Mattos (de vestido escuro e colar) Dimitris Anagnostopoulos(de óculos de terno e gravata),sem data precisa (1960 ou 1961).



Maria de Lourdes Sanchez (Dilú) de vestido xadrez , Ana Walkiria Borbas , agachada e no fundo Maria di Gesú, durante os "Encontros com Iberê " na Galeria Municipal de Artes, Altos do Abrigo de Bondes.



Edíria Carneiro, Iberê Camargo e Ana Walkiria Borba.



Na foto no centro Ibere Camargo, 1.Susana Mentz,2.Nao identificado,3.Regina Silveira,4. Antonio Gutierrez5.,Maria de Lourdes Sanches,6.Carlos Velasco,7 Istelita Knewitz,8.Paulo Peres,9.Neusa Mattos ,10. Ruy Carlos Ostermann,11. Dimitris Anagnostopoulo12 ,Lúcia Pegoraro,13.Ediria Carneiro,14.Ana Walkiria Borba, 15.Carlos Alberto Mayer,16.Enio Lippmann.

a preços popularísimos.

SEMINÁRIO DE ARTES PLÁSTICAS

Sábado próximo, às 15,30 horas, na Galeria Municipal de Artes, será instalado o Seminário de Artes Plásticas Contemporâneas, onde serão debatidos palpitantes assuntos atinentes à matéria. Carlos Scarinci focalizará alguns problemas a serem debatidos no decorrer dos trabalhos, devendo o Seminário marcar a continuidade das atividades do "Atelier Livre da Prefeitura". A frequência estará franqueada a todos.

Jornal Correio do Povo, 18 mar. 1961.

CORREIO DO POVO



Elas participam dos trabalhos realizados pelos jovens artistas plásticos que participam dos "Encontros com Iberê Camargo", no Salão de Artes da Prefeitura Municipal. Os jovens já formaram um grupo e os quadros serão exibidos ao público a partir de sexta-feira. Na foto, Susana Mentz e Regina Silveira, duas participantes do grupo

• NOTAS DE ARTE •

IDEIA SURTIU NAS AULAS DE IBERÊ

JOVENS ARTISTAS PLÁSTICOS FUNDARAM UM GRUPO DE TRABALHO: QUEREM AÇÃO

Os ensinamentos em forma de conversa informal dados por Iberê Camargo já produziram resultados. O grupo de trabalho que surgiu em todas as aulas, desde 12 de setembro, no Salão de Artes da Prefeitura Municipal, não vai abandonar o trabalho. Pelo contrário, já começaram a organizar e fazer exposições e outros trabalhos artísticos. Todos com a mesma intenção: trabalhar seriamente. Não bastando para isso, porém, não se esquecem que a pessoa interessada em fazer um trabalho artístico deve ter, além da vontade, o conhecimento e a técnica para fazer bem feito. Os "Encontros com Iberê" foram a primeira experiência realizada para proporcionar aos jovens artistas plásticos os melhores resultados. Nos primeiros 12 dias de trabalho de todas as aulas, foram expostos mais de 25 quadros. E outros tantos desenhos em um mesmo progresso. Os jovens se dedicaram muito ao estudo e à prática de fazer bem feito. E já se dispõem de uma série de conhecimentos sobre a técnica de pintura. O grupo dos jovens artistas de arte, formado em todas as aulas, tem o objetivo de fazer exposições e outros trabalhos artísticos. Todos os quadros expostos foram produzidos em aulas de pintura e desenhos. Os quadros de todos os alunos do grupo, no Salão de Artes da Prefeitura Municipal, todos os quadros expostos foram produzidos em aulas de pintura e desenhos. Os quadros de todos os alunos do grupo, no Salão de Artes da Prefeitura Municipal, todos os quadros expostos foram produzidos em aulas de pintura e desenhos.

EXPOSIÇÃO ITINERANTE DE ARTES PLÁSTICAS CONTEMPORÂNEAS

A Distância de...

Reportagem jornal local Correio do Povo, 29 dez. 1961, p. 8.

realistas do Georgia o

Seminário de Artes Plásticas Contemporâneas

VADIM foi lançado de palcos. eu sonhei nio, a lar- uma palca- morte ter- am, às gem. Verti- lmas co- ustrado co- os, conhe- ou. Mas as- zem má- da liberda- tras, chama- uer a ta- e. Reconon- te ou mó- te não, a- todos os- na impleca-

Hoje, às 15,30 horas, na Galeria Municipal de Artes será instalado o Seminário de Artes Plásticas Contemporâneas, onde serão debatidos palpitantes assuntos atinentes àquelas artes.

Carlos Scarinell focalizará alguns problemas a serem debatidos no decorrer deste Seminário que marcará a continuidade das atividades do "Atelier Livre da Prefeitura".

TRIO DE JAZZ DE CHA

DIA 27 NO AUDITÓRIO

Jornal Diário de Notícias 18 mar. 1961.



A litografia é uma arte de muitas etapas. Vê-se o mestre, Marcello, e um aprendiz. As fotos mostram como se trabalha numa litografia para a litografia mural. Primeiro: tiragem a partir de uma matriz, seguida de alguns tipos de trabalho sobre vidro e madeira. Depois, gravando duas vezes, em duas, terceira e a quarta com tinta litográfica. Depois vem a impressão, que a seguir será gravada sobre o papel.

MARCELO GRASSMANN VEIO ENSINAR A ARTE DA LITOGRAVURA

de RUY CARLOS OSTERMANN
fotos de ALBERTO ETCHART

Marcelo Grassmann é mestre de quem a arte da litografia tem sido ensinada no Brasil. Ele chegou ao país em 1958, vindo de Itália, onde trabalhou durante muitos anos em uma oficina litográfica. Ele é casado com a artista plástica e professora de arte, Maria Helena Grassmann. Ele tem dois filhos, um menino e uma menina. Ele é um homem de poucas palavras, mas de muita sabedoria. Ele é um homem que sabe o que ele está fazendo e que sabe ensinar.

Ele não veio ao Brasil apenas para ensinar a arte da litografia. Ele veio para ensinar a arte da vida. Ele veio para ensinar a arte de trabalhar com a mão e com o coração. Ele veio para ensinar a arte de ser humano. Ele veio para ensinar a arte de amar e de ser amado. Ele veio para ensinar a arte de viver e de morrer. Ele veio para ensinar a arte de ser feliz e de fazer os outros felizes.

Ele é um homem que sabe o que ele está fazendo e que sabe ensinar. Ele é um homem que sabe o que ele está fazendo e que sabe ensinar. Ele é um homem que sabe o que ele está fazendo e que sabe ensinar. Ele é um homem que sabe o que ele está fazendo e que sabe ensinar. Ele é um homem que sabe o que ele está fazendo e que sabe ensinar.

Ele é um homem que sabe o que ele está fazendo e que sabe ensinar. Ele é um homem que sabe o que ele está fazendo e que sabe ensinar. Ele é um homem que sabe o que ele está fazendo e que sabe ensinar. Ele é um homem que sabe o que ele está fazendo e que sabe ensinar.

Ele é um homem que sabe o que ele está fazendo e que sabe ensinar. Ele é um homem que sabe o que ele está fazendo e que sabe ensinar. Ele é um homem que sabe o que ele está fazendo e que sabe ensinar. Ele é um homem que sabe o que ele está fazendo e que sabe ensinar.

Ele é um homem que sabe o que ele está fazendo e que sabe ensinar. Ele é um homem que sabe o que ele está fazendo e que sabe ensinar. Ele é um homem que sabe o que ele está fazendo e que sabe ensinar. Ele é um homem que sabe o que ele está fazendo e que sabe ensinar.



Esta é a fase final do processo da litografia. A gravura está a ser tirada e o mestre está a ensinar o aprendiz. O trabalho é feito com muita atenção e cuidado.

Cinema em voo
"O homem do céu" é a história de um homem que voa para o céu. É uma história emocionante e inspiradora. É uma história que todos devem ver. É uma história que todos devem amar. É uma história que todos devem compartilhar.

ROSA DOS VENTOS
As Artes no Mundo
• Cinema para surdos
• A volta de Ginger Rogers
• Segun lança nova peça

Marcelo Grassmann no ALP, sede Mercado Público, reportagem Correio do Povo, 24 jun. 1962, p. 13.



ATELIER LIVRE da Prefeitura de Pôrto Alegre

O Atelier Livre da Prefeitura de Pôrto Alegre é mantido pela Secção de Cultura da Secretaria Municipal de Educação e Assistência. O curso "OSWALDO GOELDI" desse atelier, consta de cursos de Xilogravura e Litografia, ministrados pelo escultor FRANCISCO STOCKINGER.

EXPOSITORES

Danúbio Gonçalves
Regina Silveira
Vasco Prado
Zorávia Bettiol
Maria de Lourdes Sanches
Vera Chaves Barcellos
Dietlind Koberle
Enio Lippmann
Paulo Perez
Pola Sushotski
Adroaldo Pontes
Guenther Leyen
José Bonato
Alice Soares
Fabricio Soares
Rubens Galant Cabral
Henrique Furho

Galeria do Instituto de Belas Artes
de 5 a 13 de abril de 1963
das 14,00 às 20,00 horas



XILOGRAVURAS
obras do acêrvo

ATELIER LIVRE
divisão de cultura
da prefeitura
de porto alegre

**DEPARTAMENTO DE
CULTURA - SEC**

Panorama Das ARTES PLÁSTICAS

Folha Tarde: 8/8/1963

STOCKINGER

* EXPOSIÇÃO DE GOELDI NO MUSEU

Foi inaugurada dia primeiro, com a presença de autoridades, artistas e numeroso público, a exposição de Oswaldo Goeldi, no Museu de Arte do Rio Grande do Sul.

Goeldi, como se sabe, foi o pai da xilogravura brasileira e sem dúvida, o maior, o mais sincero e honesto artista que o Brasil já possuiu. Jamais transigiu, jamais cortejou. Foi um solitário em vida e nos comunica a angústia dessa solidão em toda sua soberba obra.

É uma exposição que deve ser vista por todos, dado seu alto valor artístico.

* SEMINARIO DE CULTURA

Nos dias 5, 6 e 7 de agosto, a direção da Divisão de Cultura convocou todos chefes e assistentes dos diversos setores que a compõem, para um encontro, onde foram debatidos os programas as necessidades e as deficiências, assim como os conceitos pelos quais cada setor vem norteando suas atividades.

Foram 3 dias de debates, muitas vezes calorosos, que se caracterizaram pela franqueza de seus participantes.

Espera-se e confia-se muito na atual direção da Divisão de Cultura, que sempre mostra disposição ao diálogo e que, embora lute com a tremenda falta de verba, procura, na medida do possível, cumprir com as finalidades que a instituíram.

* DIA 16 EXPOSIÇÃO DE COLECIONADORES

Sexta-feira, dia 16 de agosto, às 20.30 horas, será inaugurado no Museu de Arte do Rio Grande do Sul, uma exposição de colecionadores, onde se terá oportunidade de ver obras de Manabu Mabe, Fortinari, Segal, Pancetti, Milton da Costa, Di Cavalcanti, Marcelo Grassmann e outros expoentes da arte de nosso século.

* EXPOSIÇÃO DE GAUCHOS NO RIO

Será inaugurado dia 21 de agosto, às 17 horas, na Galeria Macunaima, do Rio de Janeiro, uma

exposição de 14 artistas gaúchos, patrocinada pelo Museu de Arte do Rio Grande do Sul.

* GRAVADORES GAUCHOS EM BUENOS AIRES

Deverá ser inaugurado em princípios de setembro próximo, na Galeria Estímulo de Buenos Aires, uma exposição de xilogravuras e litografias de artistas que frequentam o Atelier Gráfico da Prefeitura, situado nos altos do Mercado Público.

* ALICE SOARES EXPOE NO RIO

Foi inaugurado, dia primeiro de agosto, na Galeria Macunaima, do Rio de Janeiro, uma exposição individual, de desenhos de Alice Soares. Alice Soares é uma das nossas melhores desenhistas, catedrática da cadeira de desenho do Instituto de Belas Artes de Porto Alegre, diversas vezes premiada nos Salões da Chico Lisboa, do Instituto de Belas Artes e Câmara Municipal.

* SOLARI NA ALIANÇA FRANCESA

Foi inaugurada, dia 9 de agosto, na Galeria da Aliança Francesa, uma exposição de pinturas e desenhos de Luiz A. Solari, artista uruguaio, que já expôs diversas vezes na Bienal de São Paulo e na Bienal do México. Por ocasião do Salão Panamericano organizado pelo Instituto de Belas Artes de Porto Alegre, Solari foi premiado com medalha de prata.

* AMAZONENSE NA CASA DAS MOLDURAS

Continua aberta à visitação pública a exposição do pintor Getúlio Alho, jovem amazonense, que munido de uma passagem doada pelo Governador de seu Estado e de uma carta do Senador Guido Mondin endereçada à Senhora Secretária de Educação, vem tentar a sorte em Porto Alegre.

Deve-se anotar, novamente, que embora tenha estes predicados todos, e tenha sido noticiado nos jornais e mesmo conste no catálogo, que a referida exposição é patrocinada pela Divisão de Cultura, tal fato na realidade não acontece, pelo simples razão da Divisão de Cultura não possuir verba para tomar tais liberalidades.



Danúbio Gonçalves e alunos na sede da Lobo da Costa.



Da esquerda para a direita: Paulo Peres, Luiz Barth, Anestor Tavares, Luiz Brasil, Eduardo Cruz e Paulo Porcella.



Oficina da sede da Lobo da Costa.



Exposição individual da artista Silvia Tovo na ALP na sede da Lobo da Costa.
Na foto: Danúbio, Silvia, Anestor Tavares e Paulo Chimendes, na sede da Lobo da Costa.



Alunas trabalhando no Pátio da Lobo.



Detalhe de aluna imprimindo uma falsa gravura.



Oficina de Criatividade sede Casa da Rua Lobo da Costa.

CORREIO DO POVO

DOMINGO, 16 DE DEZEMBRO DE 1973

Exposição do Atelier Livre no centenário de Arroio Grande

Integrando as comemorações da Semana do Centenário do município de Arroio Grande, que se desenvolve entre 14 e 23 do corrente, integrantes do Atelier Livre da Prefeitura, de Porto Alegre, realizarão, hoje, com inauguração prevista para as 18h30min, exposição conjugada com o desenhista Paulo Peres, ele também integrante do Atelier, mas expõe em sua especial por ser natural daquele município. A mostra, que será realizada no Salão Nobre da Prefeitura Municipal local, terá seu clímax às 20 horas quando o pintor Paulo

Porcêlla realizará uma conferência sobre o tema de "Tendências da Arte Atual". Do debate que se seguirá, participarão alguns dos professores do Atelier Livre, como Danúbio Gonçalves, Paulo Peres, Anestor Tavares e Cássio Soria.



Armando Almeida, Paulo Peres, não identificado, não identificado Danúbio Gonçalves e Anestor Tavares.

CIDADE

600 ALUNOS NO ATELIER LIVRE

Novas instalações estão funcionando no Centro Municipal de Cultura

Com dois novos cursos — serigrafia e fotografia —, o Atelier Livre do Centro Municipal de Cultura vem funcionando, desde segunda-feira, em ritmo normal, embora ainda com 600 alunos. A partir de março, este número será duplicado e o Atelier terá mais professores, pois as novas instalações são bem mais amplas, sendo 1.716 metros quadrados — a maior área destinada às artes plásticas.

Segundo Danúbio Gonçalves, diretor do Atelier desde 1972, "tudo mudou mil vezes para melhor", pois até então ele funcionava numa velha casa adaptada às pressas na Rua Lobo da Costa, tendo antes sido instalado nos altos do Mercado Público, e anteriormente no antigo abrigo dos bondes:

— Na antiga sede, nós tínhamos um movimento flutuante — explica Danúbio — de 600 alunos. Agora, poderemos atingir o dobro de pessoas, mas só em março, pois isto implica em contratação de novos professores. Além disso, na sede da Lobo da Costa não tínhamos cursos de serigrafia nem de fotografia, o que só foi possível com as novas dependências.

O Atelier Livre conta agora com estúdio de fotografia, oficina de escultura, atelier para curso de experimentação criativa, atelier para técnicas gráficas — xilografia, litografia, gravura em metal e serigrafia —, atelier para cerâmica, para desenho (duas salas), para pinturas, depósitos, salas de administração e secretarias, além dos sanitários.

Ocupa a maior área do Centro Municipal de Cultura, que inclui também o Teatro Renas-

cença, o auditório Alvaro Moreyra, a Biblioteca Municipal, a Discoteca e uma galeria de exposições. Danúbio Gonçalves diz não ter idéia da existência de outros centros parecidos no país. Salienta, por outro lado, que para ingressar no Atelier o aluno não precisa de nenhuma burocracia, ficando apenas sujeito a uma taxa semestral para compra de materiais.

Já o professor Paulo Peres, que leciona gravura há 12 anos, salienta que "a nossa responsabilidade agora é muito maior: temos que fazer e exigir do aluno um trabalho de alto nível porque o Centro Municipal de Cultura será um pólo de atração turística e muita gente vai visitar não só o saguão de exposições, mas, também, as dependências do Atelier. Lembra, também, que pertenceu ao primeiro grupo de alunos em 1961:

— Os primeiros professores foram Iberê Camargo e Xico Stockinger. Naquela época, eram alunos Enio Lipmann, Antônio Gutierrez, Regina Silveira e Suzana Mentz, entre outros. A sede era em cima do abrigo dos bondes, mas depois passamos para o Mercado Público. Era uma fase muito boa, porque a gente estava ligado à vida da cidade.

Já para o professor Olmedo, de cerâmica, que há seis anos leciona no Atelier Livre, "as instalações aqui são as melhores possíveis". Ele conta que os arquitetos que planejaram o Centro fizeram diversas reuniões com os professores do Atelier, para consultá-los sobre a melhor forma de projetar o local, e os resultados foram altamente positivos.



Sala de desenho com iluminação natural, sede CMC.



Atividade da Oficina de Cerâmica, Prof. Claudio Ely no curso dedicado à Terceira Idade: Lazer com Arte, 1983.



Lazer com Arte, Oficina de Cerâmica.



Oficinas de Lazer, 1980.



Oficinas de Lazer, 1980.



Curso Básico. anos 80.



Grupo de artistas na entrada do ALP; Helio Ferverza, Édson Flávio, duas não identificadas, Impressor Nelcindo Rosa, Mara Caruso, Armando Almeida. Homem não identificado.



Detalhe aula de desenho no primeiro piso ,na sede atual , anos



Registro fotográfico da oficina Luz Cor e Movimento, sob orientação de Mara Caruso, final anos 80.

FEIRA DA GRAVURA

Anico Herskowitz	Lidia Abel Stangherline
Bete Grivot	Maria Cecília Pimentel
Circe Saldanha	Maria Ivone dos Santos
Clara Pechansky	Maria Lúcia Cattani
Clarice Jaeger	Maristela Salvatori
Danúbio Gonçalves	Marta Loguercio
Doralí Schuck	Nury Jost
Elizethe Cantali	Ondina Pozzoco
Glaé Macalós	Otacílio Camilo
Hélio Ferverza	Paulo Chimendes
Isabel de Castro	Ricardo Campos
Ines Correa dos Santos	Roberto Panatieri
Jair Dias	Ruth Morales
Joana Cichelero	Silvia Cestan Ccunha
José Carlos Moura	Susana Sommer
Keila Santos	Vera Grimberg
Leonardo Canto	Wilson Cavalcanti

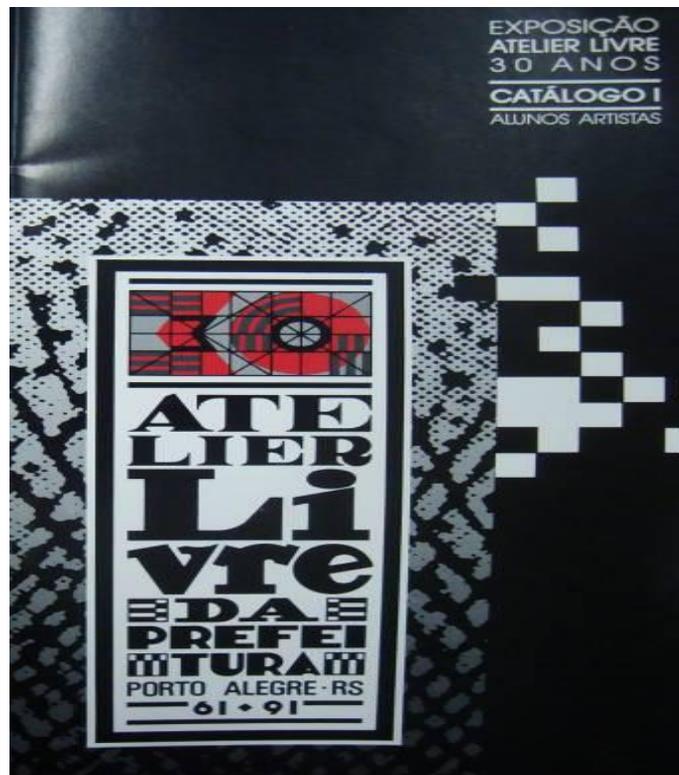
Convidamos V^o.S^o., para a abertura da
FEIRA DA GRAVURA, à realizar-se no dia 22
de Novembro, às 18:00 Hs., no saguão do Cen-
tro Municipal de Cultura.

DE 22 À 27 DE NOVEMBRO DE 1985
DAS 16:00 HS. ÀS 22:00 HS

Av. Érico Veríssimo, 307 - PoA.



Festival de Arte Cidade de Porto Alegre, curso com o artista Baravelli, anos 90.



Exemplo de Outdoors, painel na entrada do CMC, na Av. Érico Veríssimo, Projeto realizado de 1986 a 2009, com trocas de imagens mensais.



Outdoor de Helena Kanahn.



Divulgação Festival, outdoor de Lauro Santos e Alan.



Outdoor dos professores e orientadores do ALP.



Espaço de exposições do ALP: Espaço Alternativo, criado nos anos 90.



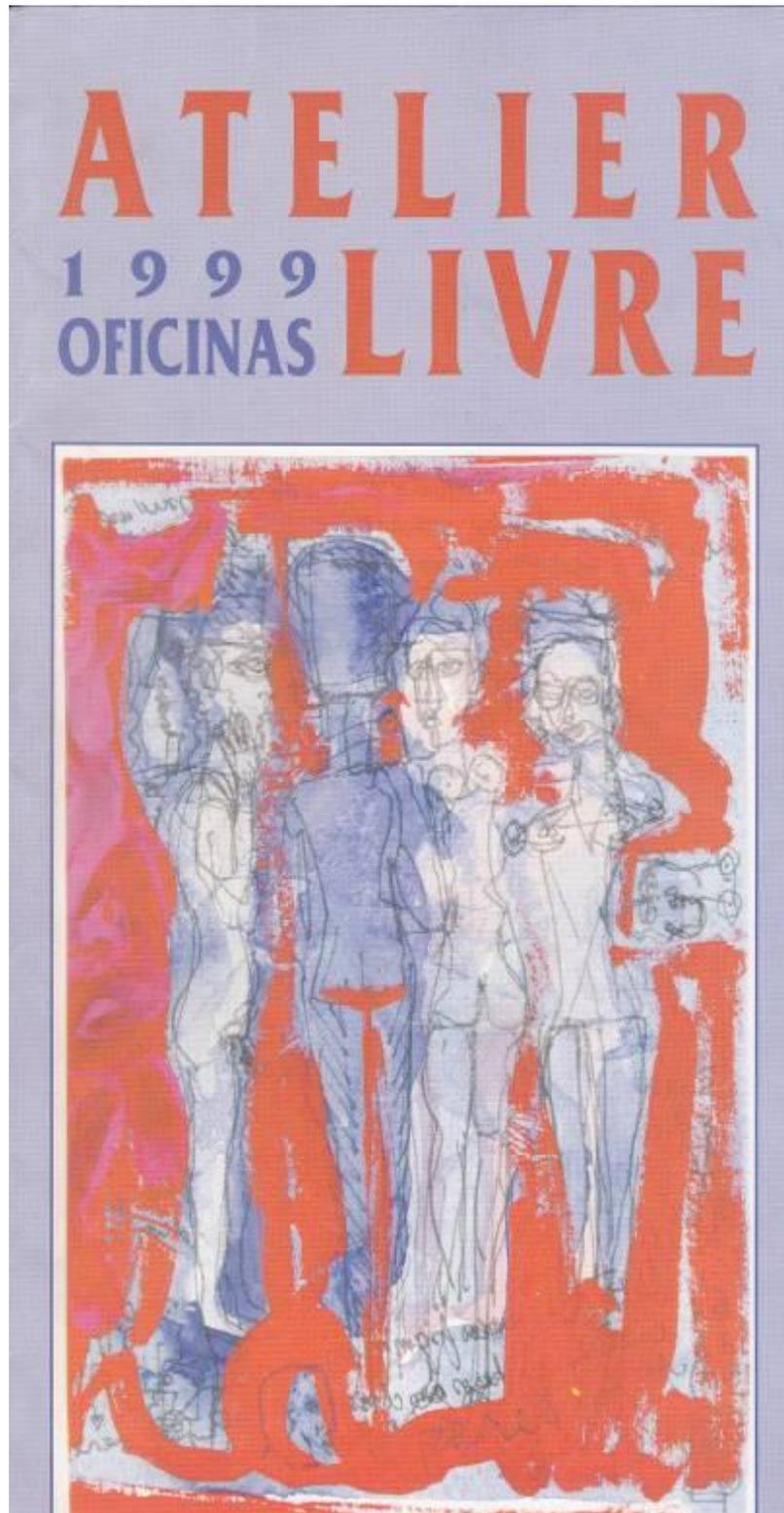
Espaço de exposições do ALP: Espaço Alternativo, criado nos anos 90.



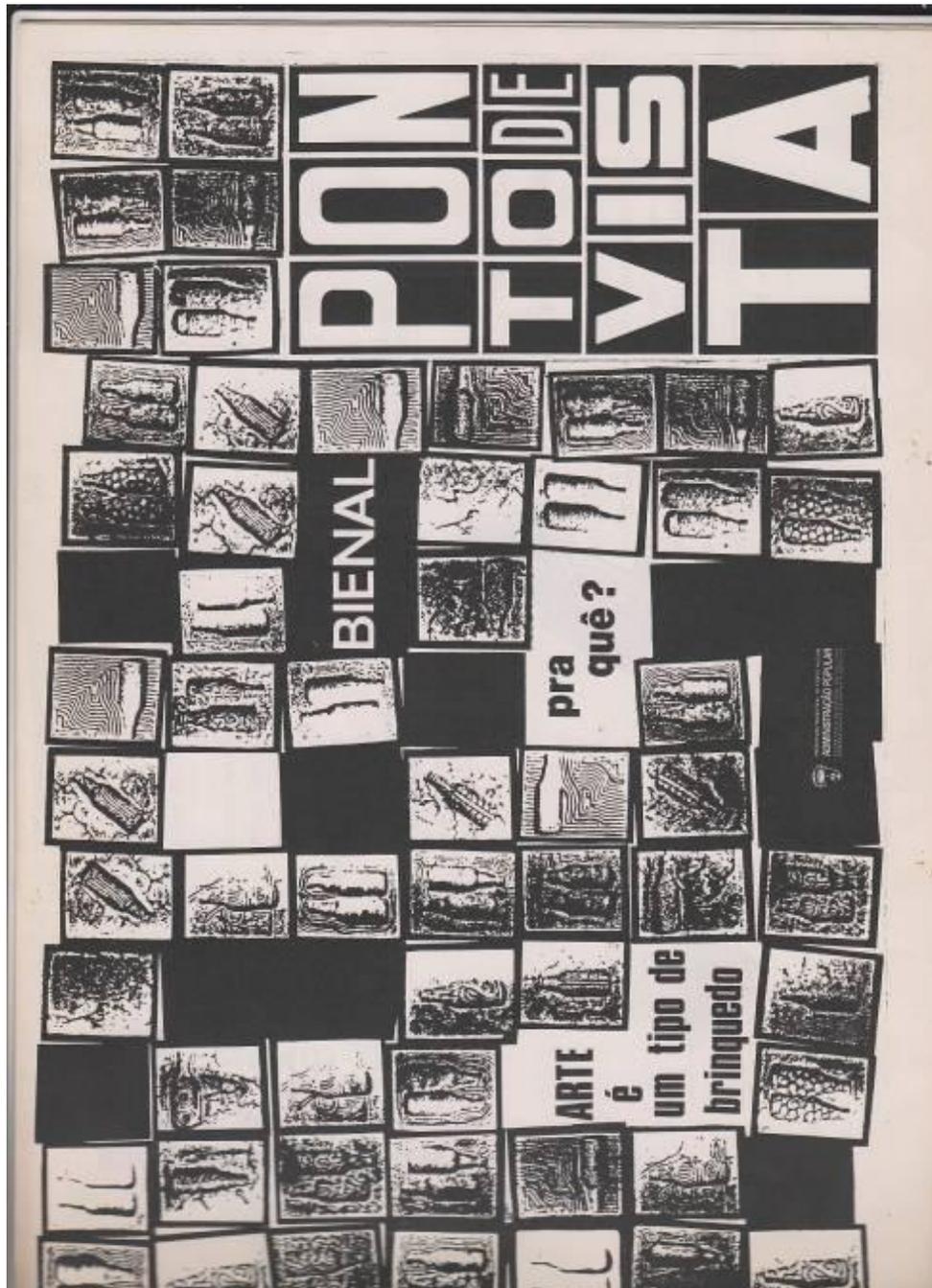
Mostra de Livro de Artistas ,no espaço alternativo, em 2010.



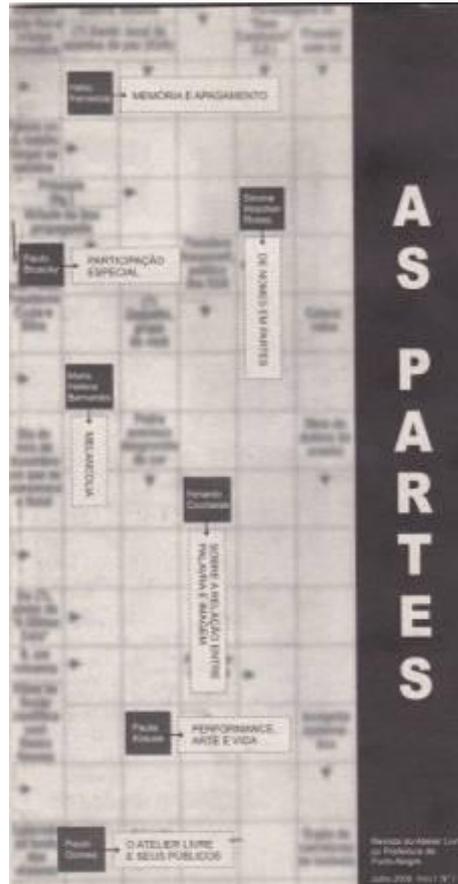
Pirâmides feitas para o Festival, em 1994, pelos artistas, alunos e professores do ALP.



Exemplo de Folder usado para divulgar as oficinas do ALP



Exemplo de impresso, revistas, publicados com textos e imagens para contribuir com a reflexão dos alunos das oficinas do ALP.



Revista Publicada desde 2006, com dois números anuais.



Oficina Básico, início dos anos 80 na sede atual.



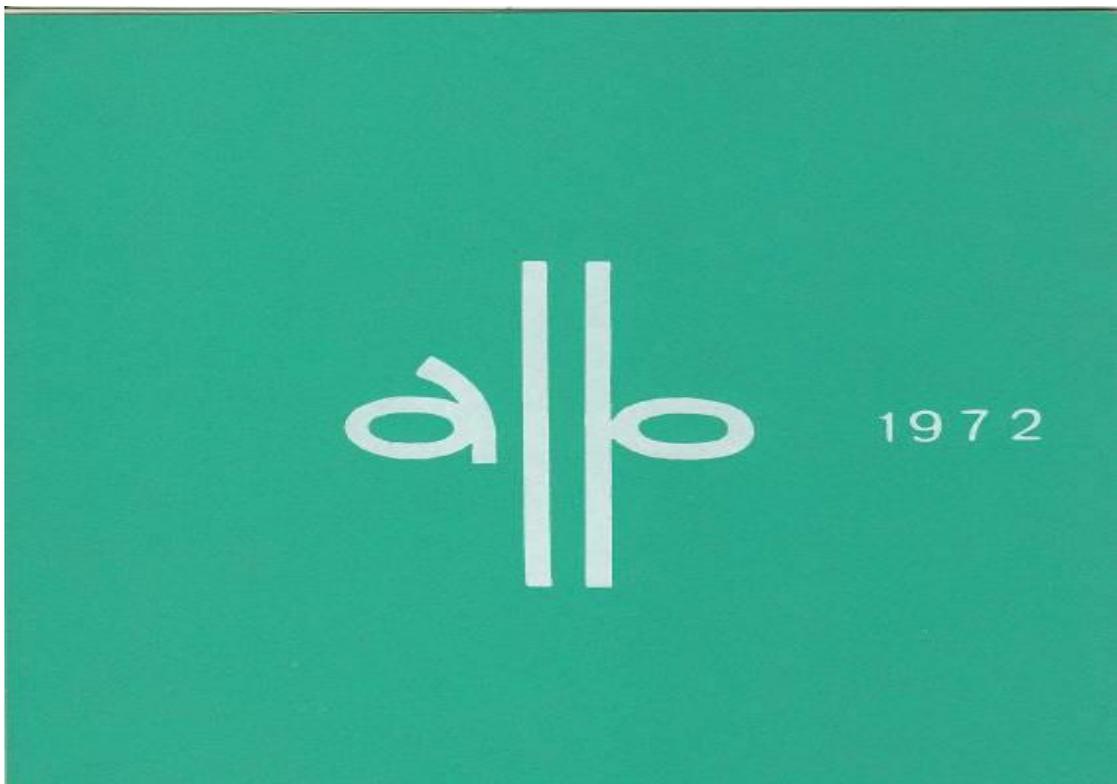
Foto para mostra em homenagem ao artista Danúbio Gonçalves, com os artistas participantes, 1995.



Registro de atividade de Festival (FACPA), final anos 80.



Modelo convite e logo usado, anos 90.



Logo e exemplo de convite, anos 70.

Fotos e documentos deste Anexo A foram digitalizados pela autora e Giana Kummer, do Acervo do Atelier Livre, do Arquivo Municipal Moisés Velinho, do Museu Joaquim Felizardo, Secretaria de Comunicação da Prefeitura de Porto Alegre, Acervos Particulares de artistas Paulo Peres e Anete Abarno.

ANEXO B — Atelier MAM

Casa que sediava o Atelier Litográfico MAM



Comemoração do centenário da prensa, na foto: Chimendes, Marta Loguécio, Maria Tomasselli e convidados



Wilson Cavalcante, Helena Kannah, Beatriz Dorfman, Neusa Amoretti, Paulo Chimendes, Paulo Olzewisky e Caé Braga.



Alice Soares, Alice Brueggman, Maria Tomasselli, e ao fundo, Wilson Cavalcante



Anico Herskovitz, marcando a gravura, Iberê Camargo, e Marta Loguécio



Atividades do MAM na rua Olavo Bilac.



Maria Tomasselli (obra do Acervo Artístico SMC, PMPA)



Anico Herskovitz (obra do Acervo Artístico SMC, PMPA)



1979 - litografia "Para a posteridade: a ponta, etc.", Marta Loguercio 1979

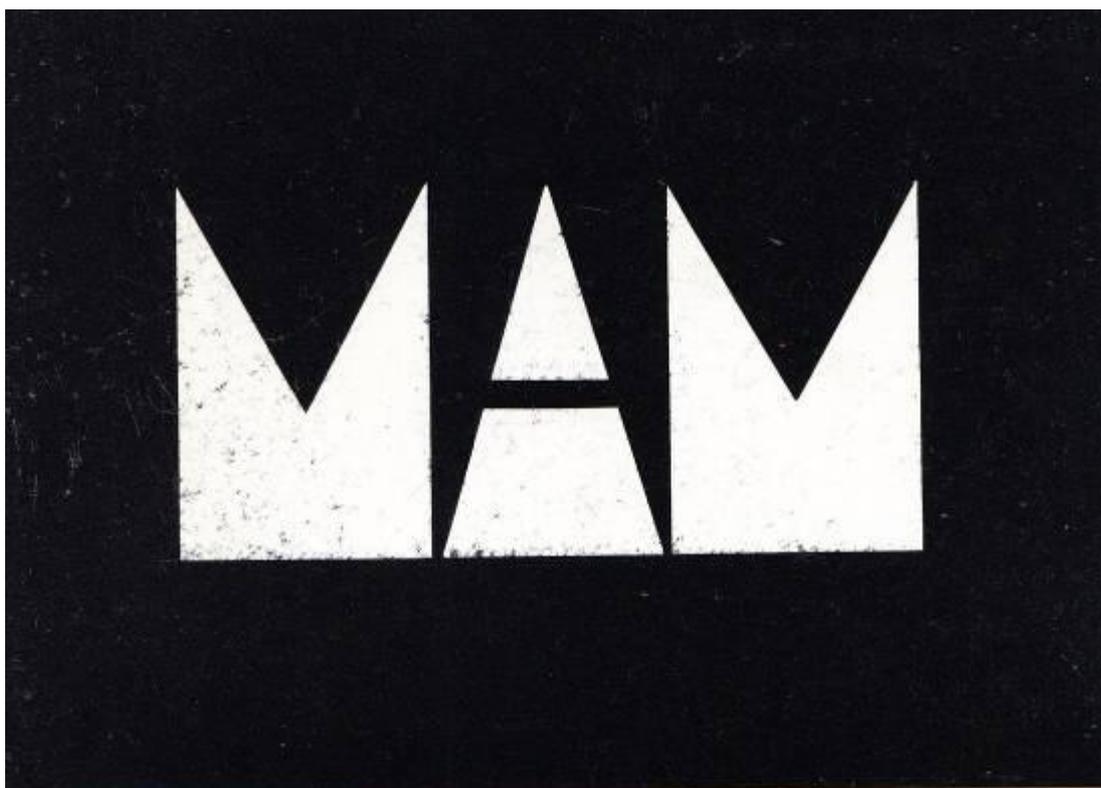
Marta Loguercio (obra do Acervo Artístico, SMC, PMPA)



Paulo Chimendes (obra do Acervo Artístico SMC, PMPA)



Convite lançamento do Calendário , MAM, 1987.



O MUSEU NACIONAL DE BELAS ARTES
 — Ministério da Cultura/
 SPHAN/Fundação Nacional Pró-Memória —

convida para a abertura da exposição

MAM
ATELIER DE LITOGRAFIA
DE PORTO ALEGRE

18 de janeiro de 1990, às 12 horas

Período:

18 de janeiro a 6 de abril

SALA
CARLOS OSWALD

de 2ª a 6ª feira — 12h às 17h45min
 Rua México esquina Heitor de Mattos — Rio de Janeiro, RJ

IMPRESSO





TO 88



Prisco - 88



Marta Lorenço
1988



P. (Hinder) 88

MAM 88

8 de Dezembro - 20 horas
Rua Olavo Bilac - 243 (esquina c/ Lima e Silva)

Cia
Sanduiches

PONTO DOCE®



PROJETO ATELIER



NÚCLEO DE GRAVURA DO RGS



MAM - Atelier de Litografia

PROJETO ATELIER

De 08 de agosto de 1988 a 08 de agosto de 1989, utilizando recursos recebidos através da Lei Sarney (n.º 7.505), o MAM Atelier de Litografia desenvolveu o PROJETO ATELIER. Este projeto teve como promotor o Núcleo de Gravura do RGS (CGC n.º 91.311.985/0001-21), do qual são associadas as artistas responsáveis pelo MAM (Maria Tomaselli, Anico Herskovits e Marta Loguercio). Elas também se responsabilizaram pela criação, coordenação e execução do referido projeto, tendo como colaborador o artista plástico Paulo Chimendes.

O Projeto Atelier, aliando o ensino da litografia (cursos) à sua prática efetiva, (edições de litografias de artistas que freqüentam o MAM), bem como o treinamento de técnicos, configurou-se como a concretização de um verdadeiro e salutar "trabalho de atelier", onde mestres e aprendizes atuam lado a lado, trocando experiências e ajudando-se mutuamente. Durante o desenvolvimento do projeto, o MAM pretendeu fazer com que artistas e alunos, compreendendo a importância social e artística que a litografia tem tido desde o seu aparecimento, pudessem, ao se tornarem íntimos do seu processo de execução e utilizando seus amplos recursos, manifestar a sua criatividade, enriquecendo a comunidade cultural a que pertencem.

O PROJETO ATELIER, que teve o apoio da CONSTRUTORA SULTEPA S/A, de SULTEPA MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO LTDA. e de seus diretores (como pessoas físicas), contou com a participação de cerca de 30 pessoas, entre artistas, alunos e técnicos. Durante o seu desenvolvimento, foram produzidas 150 imagens litográficas, aproximadamente.

Neste catálogo, está sendo apresentada uma parte destas imagens para deixar documentado o que foi realizado durante o PROJETO ATELIER.

Porto Alegre, setembro de 1989.

PARTICIPANTES DO PROJETO ATELIER.

Alice Soares
Alfredo Nicolaiewsky
Alvaro Cármenes
Anico Herskovits
Carlos Antônio Frantz Soares
Carlos Wladimirsky
Clara Pechansky
Cris Rocha
Gustavo Nakle
Helga Kesselring
Iberê Camargo
Jadir Freire
Léo Dexheimer
Leonardo Canto
Mara Weinreb
Margarete de Cesaro
Maria Tomaselli Cirne Lima
Marta Loguercio
Miriam Tolpolar
Nadja R. da Cruz
Nelson Jungbluth
Neuza Amoretti
Patrícia Furlong
Paulo Chimendes
Roseli Pretto
Sara Garber
Tânia Couto
Thomas Kesselring

TÉCNICOS:

Ademir Borges
Alberto Limonta V. da Silva
Alexandre Fonseca
Armindo Gonçalves
Magno Chimendes
Rafael Lanziotti

CÉLIA RIBEIRO

Máquina centenária inspira uma festa

Na próxima quinta-feira, às 21 horas, haverá uma comemoração muito especial no atelier de litografia de três artistas plásticas: Maria Tomaselli Cirne Lima, Anico Herskovits e Marta Loguercio. Elas criaram uma sigla — MAM — inspirada no prenome das três e é esta sigla que encabeça o convite do coquetel, em comemoração aos cem anos de uma pesada prensa tipográfica alemã que é a rainha do atelier do MAM. O encontro das três artistas ocorreu no Atelier Livre da Prefeitura e a descoberta da velha prensa alemã foi em 1981, num ferro velho, onde as duas Marias e Anico foram adquiri-la. Hoje, a prensa é o núcleo do conjunto de materiais de impressão no MAM. Há em torno dela pedras litográficas, rolos, materiais químicos e outros elementos importantes para o desenvolvimento do trabalho do atelier. Além das três artistas, trabalha no MAM Paulo Cesar Chimendes, que conjuga a atividade de impressor ao seu labor artístico. No atelier instalado na Rua Olavo Bilac, 243 (esquina com Lima e Silva) realizam-se encontros de muita gente ligada às artes plásticas, em Porto Alegre. Promovem cursos no MAM que, a partir de janeiro, terá mais uma companheira para a grande prensa alemã: uma prensa menor que foi cedida por Xico Stockinger.

A velha senhora, fabricada em 1885, tem



Paulo Cesar Chimendes, Maria Tomaselli Cirne Lima, Marta Loguercio e Anico Herskovits, no MAM, junto à "velha senhora" que comemora 100 anos

gravado em seu esqueleto de ferro "J. G. Mailänder Maschinenfabrik — Cannstatt — Württemberg" e a data. O trabalho que foi exigido durante meses para que a prensa voltasse a funcionar, com acréscimos de uma pecinha aqui, outra lá e muitos "cremes" lubrificantes, acabou gerando uma convivência afetiva das três artistas com a máquina. Em tempo, "a velha senhora" está cumprindo perfeitamente suas funções, imprimindo as gravuras do MAM.

Zero Hora
10.12.85

Gravura Contemporânea no Margs

Abre hoje e se estende até o final do mês na Galeria I, Galeria II e Pequena Galeria do Museu de Arte do Rio Grande do Sul, a exposição Gravura Contemporânea com trabalhos de gravadores gaúchos e franceses. A exposição foi mostrada em Paris, no Grand Palais des Champs Elysées em 87. Depois de Porto

Alegre, a mostra será levada para Curitiba e Rio de Janeiro. Os 18 gravadores gaúchos e 24 franceses que integram a exposição fazem parte de um intercâmbio entre o núcleo de gravura "La Jeune Gravure Contemporaine" e o núcleo do Rio Grande do Sul. Visitação de terças a domingos, das 10 às 17 horas.

Marios Szabel/Divulgação/ZEI



Gravadores reunidos em exposição no Museu de Arte

em foco

A litografia ao alcance de todos

Único espaço aberto à prática da litografia em Porto Alegre, fora o Ateliê Livre da Prefeitura, o MAM-Ateliê de Litografia (Olavo Bilac 243) pretende intensificar suas atividades. A entidade está se credenciando junto ao Ministério da Cultura com a finalidade de receber apoio da iniciativa privada através da Lei Sarney. Entre os projetos, A Voz dos Artistas sobre Porto Alegre, que consiste numa edição de litografias em forma de estojo e o lançamento de edições coletivas dos que frequentam o ateliê.

A sigla MAM é formada pelas iniciais dos nomes Maria Loguercio, Anico Hershkovitz e Maria Tomaselli, artistas de formação diversa, mas que têm em comum a sua passagem pelo Ateliê Livre da Prefeitura, onde entraram em contato com a técnica da litografia. Dos encontros no ALP, nasceu a vontade de formar um ateliê próprio, onde poderiam dedicar-se mais ao trabalho litográfico. Em 1981, vindo de encontro a este desejo, as três artistas souberam da existência, em um ferro velho de Porto Alegre, de uma velha prensa tipográfica alemã que, adaptada, poderia se transformar em prensa litográfica. Esta prensa veio a se constituir no núcleo em torno do qual se formou o conjunto total do ateliê: pedras litográficas, tôner, materiais químicos...

na efetivamente desde 1983), em um antigo casarão do início do século, está aberto a todas as pessoas que se interessam pela litografia como linguagem artística. Cursos temporários também aí são ministrados pelos próprios artistas que dele fazem parte. Desde janeiro de 85, o ateliê conta com uma prensa menor, gentilmente cedida pelo escultor Xico Stockinger. Fora o Ateliê Livre, o MAM é o único espaço aberto à prática da litografia. Promove cursos e encontros culturais, editando gravuras e livros de artistas, propiciando o treinamento de técnicos na área gráfica, incentivando a pesquisa artística.

Este ano, a Samrig apoia o MAM, adquirindo mensalmente obras de artistas que trabalham no local, e que no fim de ano serão oferecidas como brinde aos amigos, clientes e fornecedores da empresa. Utilizando os recursos da Lei Sarney e patrocinado pela Construtora Saltepa S/A, o MAM desenvolveu de agosto '88 a agosto'89, o projeto Ateliê que conjugou a edição de gravuras, o treinamento de técnicos e realização de curso de litografia. Entre os nomes que passaram pelo MAM nestes anos de atividades, encontramos Alice Soares, Alfredo Nicolaisewsky, Carlos Scliar, Fernando Baril, Guisavó Nakle, Iberê Cássario, Milton Kurtz, Wilson Cavalcanti, Xico Stockinger.

As três sócias proprietárias do Ateliê

ATIVIDADES — O MAM, que funcio-



Maria Loguercio



Anico Hershkovitz



Maria Tomaselli

MAM participaram da fundação do Núcleo de Gravura do RGS (84) tendo feito parte de suas sucessivas diretorias. A partir deste ano, tendo em vista as dificuldades encontradas pela entidade no que se refere a um local para realização de suas reuniões, o MAM ofereceu suas dependências para tal fim, bem como pará a guarda de irã a documentação da entidade e recebimento de trabalhos para as eventuais exposições realizadas pela associação dos gravadores.

ZER0 HURA
Segundo Caderno - R
03.11.89

Ateliê de litografia comemora dez anos

seus
lery
zem-
las e
inha-
roni,
anti-
Ma-
schi-
lzhah
veira

O MAM — Ateliê de Litografia completa hoje dez anos de atividades, inaugurando exposição comemorativa a partir das 20h no prédio da Olavo Bilac 243. Os primeiros cem visitantes receberão uma minilitografia, feita especialmente para a ocasião, mediante a apresentação do convite. Criado por iniciativa das artistas plásticas Maria Tomaselli, Anico Herskovitz e Marta Loguércio, o museu é um local coletivo de trabalho, que tem participado diretamente

do surgimento de novas gerações de gravadores gaúchos. Comemorando a sua primeira década, o MAM apresenta também uma exposição onde será mostrada a produção de 91 e algumas litografias raras, como as do álbum *Prestes 90 Anos*, de Carlos Scliar. Também foi produzida uma série de camisetas com litos de Maria Tomaselli, Anico Herskovitz, Marta Loguércio, Cris Rocha e Miriam Tolpolar. O material estará à venda no local.

As

artes

MAM comemora dez anos de produção artística

O Ateliê de Litografia criado em 1981 pelas gravadoras Maria Tomaselli, Marta Loguércio e Anico Herskovitz completa uma década de intensa atividade coletiva na produção de gravuras

CLARISSA BERRY VEIGA

Editoria 2º Caderno/ZH

O MAM — Ateliê de Litografia completou dez anos de atividades com uma programação artística intensa. Criado por iniciativa das artistas plásticas Maria Tomaselli, Anico Herskovitz e Marta Loguércio (cujas iniciais deram origem à sigla), o Museu tem ocupado posição de destaque na produção de gravuras no Rio Grande do Sul. É

um local coletivo de trabalho, que tem participado diretamente do surgimento de novas gerações de gravadores gaúchos.

É sustentado por um esquema de mutirão, onde qualquer artista pode utilizar sua infra-estrutura, desde que colabore financeiramente com sua manutenção. Há um ano o MAM esteve ameaçado de fechamento, justamente por dificuldades econômicas. Mas uma ampla campanha pública, que ganhou expressivo apoio, conseguiu salvar o Ateliê de Litografia.

A lito é uma das técnicas mais importantes de produção de gravuras no Estado. Utiliza como matriz a pedra, sobre a qual é gravada a imagem e depois transferida para o papel através de uma prensa de grandes dimensões. Entre os novos nomes que surgiram dentro do MAM estão o de Cris Rocha, Caê Braga e Miriam Tolpolar, além de vários outros.

HISTÓRIA — Tomaselli, Anico e Marta resolveram fundar um ateliê

exclusivo para litografia em 1981. Num ferro-velho de Porto Alegre, encontraram uma antiga prensa tipográfica alemã que, com algumas adaptações, poderia se transformar em prensa litográfica. Este foi o começo. Logo depois instalaram o ateliê num velho casarão da cidade, aberto a todas as pessoas interessadas na litografia como linguagem artística.

O escultor Xico Stockinger em prestou outra prensa para o recém-criado ateliê. Assim, foram inaugurados cursos temporários, encontros culturais, edição de gravuras e livros de artistas. Os últimos trabalhos do famoso impressor Octávio Pereira, sobre trabalhos de Iherê Camargo e Carlos Scliar, foram realizados no MAM e apresentados na 20ª Bienal Internacional de São Paulo (1989). O Ateliê de Litografia já esteve presente na Sala Carlos Oswald, do Museu Nacional de Belas Artes, e no Gabinete da Gravura da Escola de Artes Visuais do Parque Lage, no Rio de Janeiro.



Comemoração: participantes do ateliê celebram aniversário

Na tempos o Ateliê contou com o apoio financeiro de empresas privadas, como a Sultepa e Samrig. Atualmente se mantém com o apoio do Clube de Amigos do MAM, formado por associados gaúchos e de outros estados. É claro que o peso da comunidade artística gaúcha foi decisivo para a sua continuidade.

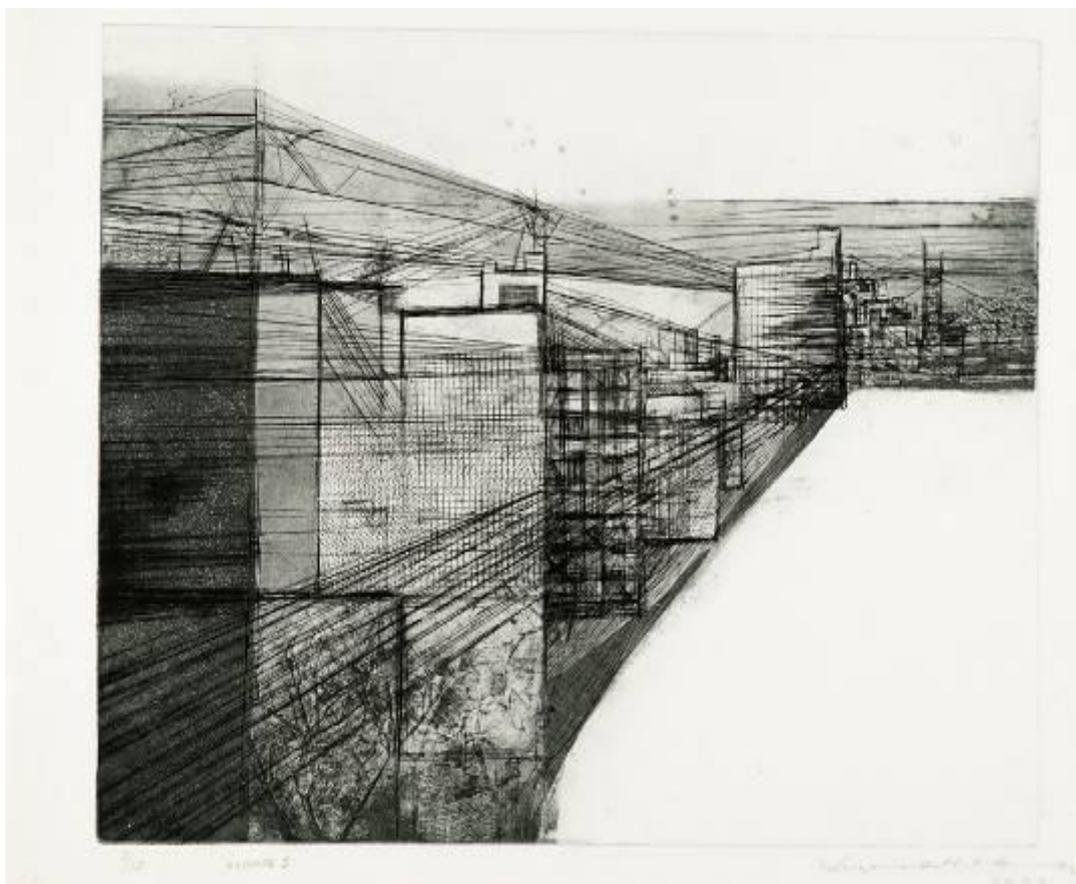
Comemorando a sua primeira década, o MAM apresenta uma exposição onde será mostrada a produção de 91 e algumas litografias raras, como as do álbum *Prestes 90 Anos*,

de Carlos Scliar. A mostra MAM Ateliê de Litografia 10 Anos está aberta ao público a partir de hoje, às 20h, no prédio da Olavo Bilac 243. Os 100 primeiros visitantes receberão uma minilitografia, feita especialmente para o evento, mediante a apresentação do convite.

Além disso, o MAM produziu uma série de camisetas com litos de Maria Tomaselli, Anico Herskovitz, Marta Loguércio, Cris Rocha e Miriam Tolpolar. O material estará à venda no local.

As fotos, impressos e notas impressas digitalizadas deste anexo, foram cedidas pelas artistas de seus acervos pessoais, as reproduções das obras pertencentes a Pinacoteca Aldo Locatelli, Acervo Artístico Municipal,

ANEXO C — Atelier P. A.



Susana Sommer.



Maria Helena Salle.



Nury Jost.



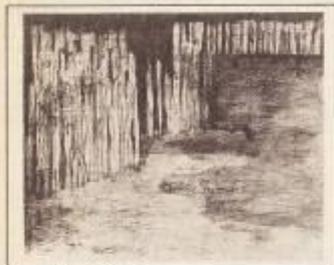
Nury Jost.



Vera Grinberg.

ARTES VISUAIS

Enveloparte II



Gravura de Susana Sommer

A Galeria Cristina Gonzalez inaugura amanhã às 21h, a mostra Enveloparte II, com gravuras em metal de Helena Salle, Nury Jost, Susana Sommer e Vera Grinberg. O objetivo da mostra que se realiza pelo segundo ano consecutivo de acordo com Vera Grinberg é divulgar a um maior número de pessoas o trabalho de artes gráficas através da gravura em metal. A reunião das quatro artistas é relatada por Vera da seguinte forma: "Havíamos trabalhado juntas no Atelier Livre da Prefeitura e em vários cursos de especialização em gravura em metal. Mas, em si sentimos a necessidade de ter nosso espaço, com mais liberdade de horário, local e condições para realizar o nosso trabalho de maneira adequada". A mostra das quatro artistas plásticas poderá ser vista diariamente em horário comercial, na Galeria que está localizada na Praça Maurício

Destaque Singular

Ingênuos

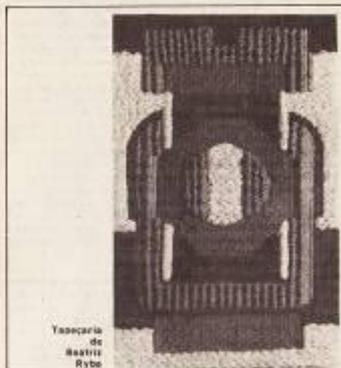
O pintor Otaciano Costa Arantes realiza desde ontem uma mostra de seus mais recentes trabalhos no Auditório da Aliança Francesa (Joko Manoel, 202). Voltado para uma pintura ingênua, Otaciano começou a pintar em 1968, tendo realizado a sua primeira individual em 77. Segundo o pintor, ele "retirava coisas que nascem da memória, não de um cotidiano mais realista". São paisagens onde se inserem pequenas cidades, campos e florestas. A exposição poderá ser vista das 9h às 21h, diariamente.



Cidade de Otaciano

MARCÓ CELSO VIOLA

★
A Secretaria do Centro Municipal de Cultura ostensiva, que estão abertas as inscrições para a ocupação do espaço do Centro Municipal e o espaço livre do Teatro de Câmara. Maiores informações na Eribe Varistina, 307.



Tapeçaria de Beatrix Rybo

Tapeçarias

Grça Py e Beatrix Rybo, espõem desde ontem no Espaço Cultural Banco Francês e Brasileiro. Grça Py possui longa experiência no círculo nacional de arte, onde vem atuando há cerca de 11 anos, basicamente em tapeçaria. Nesta mostra ela expõe trabalhos com formas abstratas, utilizando li natural tingida. Beatrix Rybo, por sua vez, trabalha com tapeçaria, desenho, pintura e serigrafia e expõe seus trabalhos desde 71. Beatrix utiliza cores vivas, e formas recortadas, onde desenha objetos utilizados co-

Nesta segunda-feira, dois acontecimentos importantes na cidade.

Um debate sobre cultura popular, na Assembléia, tem início hoje, bem como a data assinala o começo do II Encontro Nacional de Artistas Plásticos Profissionais. Com relação a esta promoção, cabe lembrar a presença de convidados que ao mesmo tempo participarão dos debates e levarão a sua arte às diversas galerias da cidade, que também colaboram com o acontecimento.

Entre os que estão expondo figura o goiano Siron Franco, que está na Bolsa de Arte e as três artistas gaúchas Maria Helena Salle, Nury Jost e Vera Grinberg, que inauguram um espaço novo às artes plásticas na Livraria Prosa I



As três gaúchas na Prosa I Verso, com gravura em metal

Verso, da Quinta Avenida Center.

O trabalho das três gaúchas é a gravura em metal, — cada uma com técnica própria — sendo que Maria Helena desenvolve a temática nas bandeiras e mastros;

Nury Jost em paisagens, especialmente a gauchesca e Vera Grinberg prefere as figuras femininas.

Paralelamente ao II Encontro, também, estes artistas estarão expondo até dia 11.

JORNAL DO COMERCIO

JORNAL DO COMERCIO

Destques

Interino (Teté Ely)

QUINTA-FEIRA - 6/8/81 - 29



Artista plástico Becheroni em animado plá com as gravuristas Vera Grimberg e Maria Helena Salle.

* Ieda Goldstein e Elisa Lerrer recepcionando os convidados auxiliadas por Alla Finkelstein e Mária Castro. Estiveram por lá entre outros, Maria Helena Salle e Vera Grimberg (vindas da V Feira da Gravura no lado do MARCS, onde estão expondo seus trabalhos), o artista plástico Becheroni, Sonia Kramer, Carmen Lucca, Antonieta Barone, Otávio Pereira, Maria Inês Rodrigues, Salus Finkelstein e mais e mais.

* Por Inlar em V Feira da Gravura ela é patrocinada pela Associação Francisco Lisboa e está na Praça da Alfândega a preços acessíveis com artistas de nome como: Zoravina Betiol, Clara Pechansky, Susana Sommer, Kella Santos entre outros. A feira vai até o dia 15 de agosto aberta aos fins de semana e a grande facilidade de adquirir os trabalhos, é a de que o próprio artista está ali para explicar alguma coisa de sua obra que não tenha sido esclarecida.

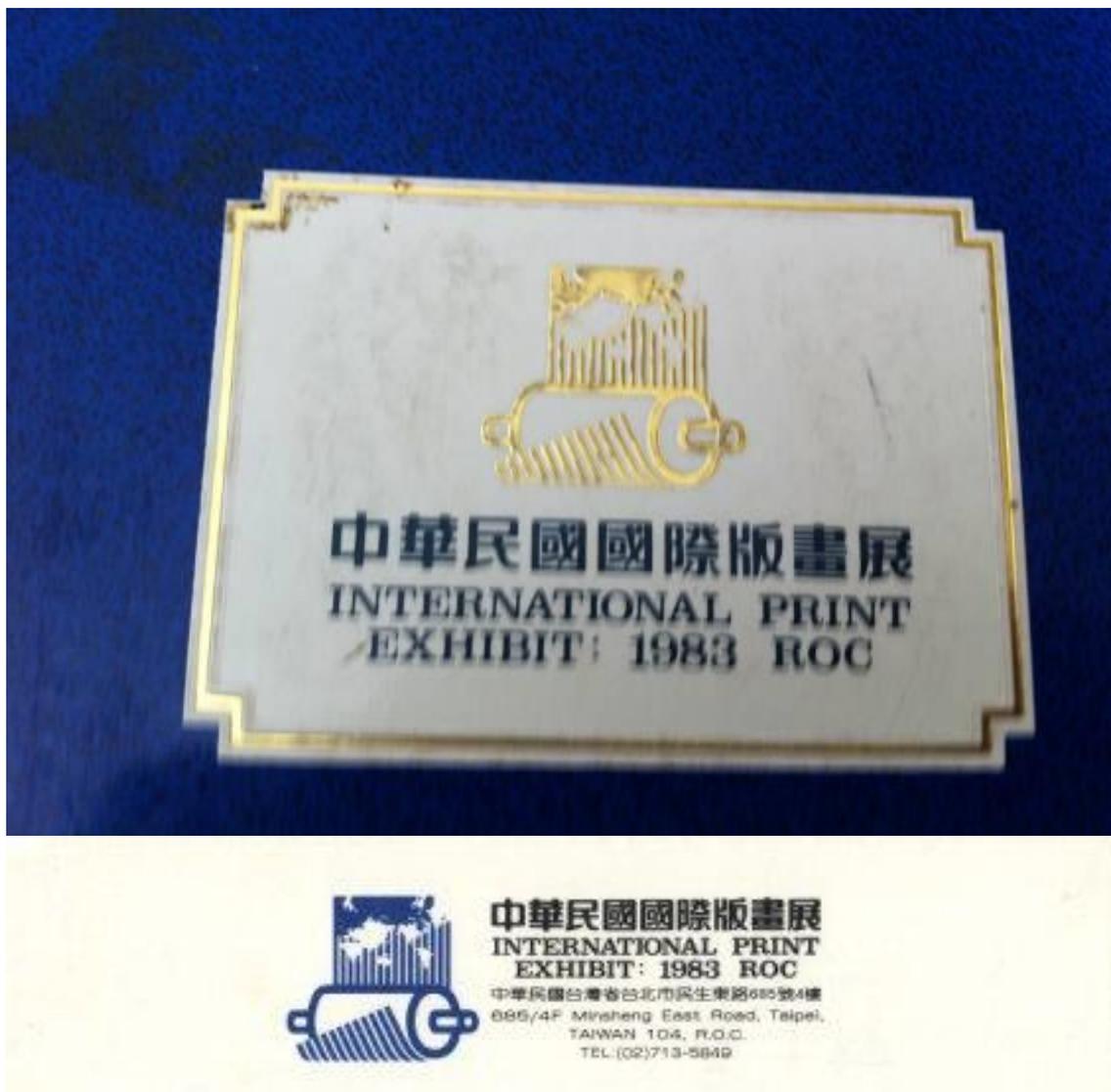
JORNAL DO COMERCIO

QUINTA-FEIRA - 27/8/81 - 29

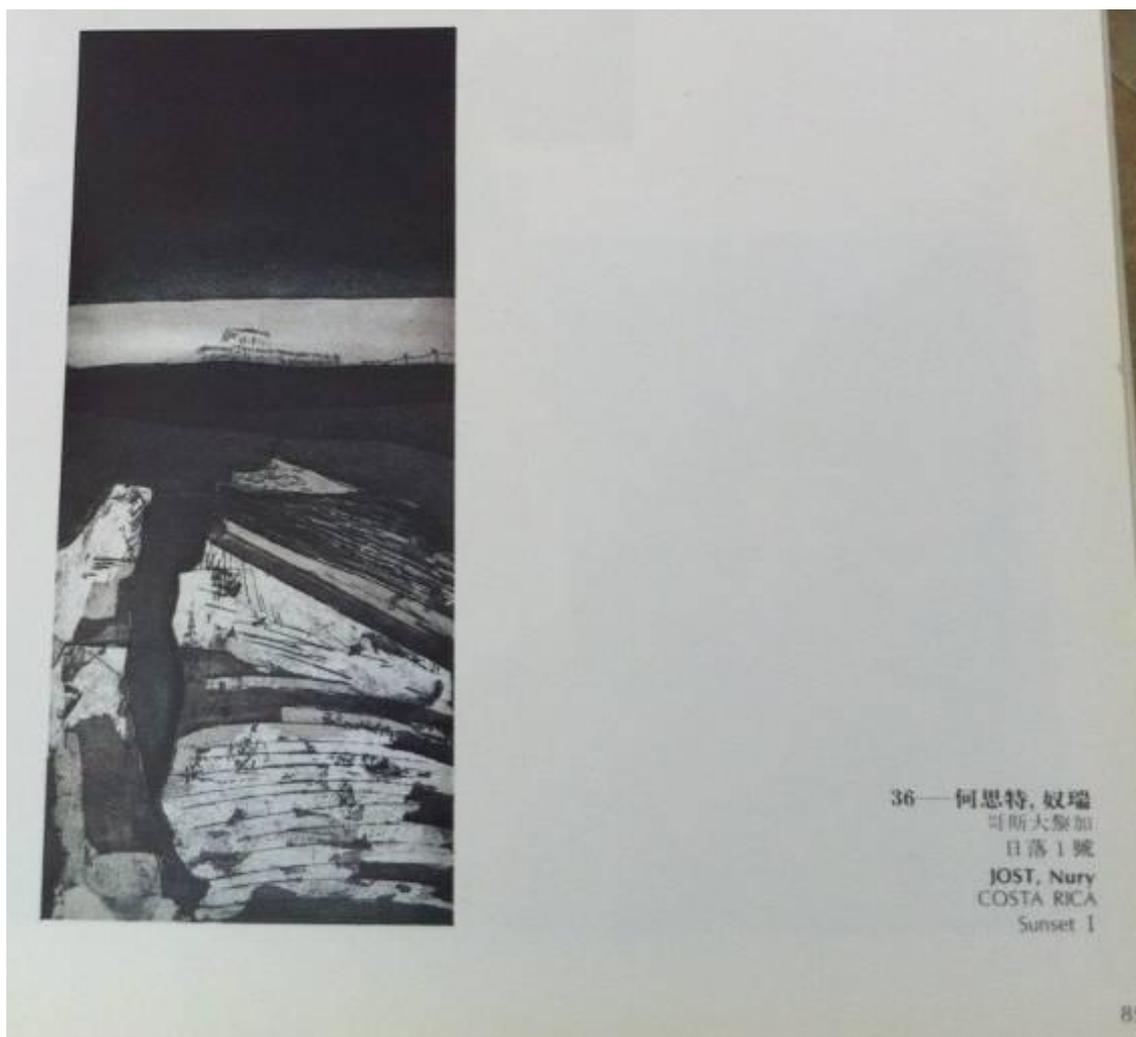
Destques

Interino (Teté Ely)

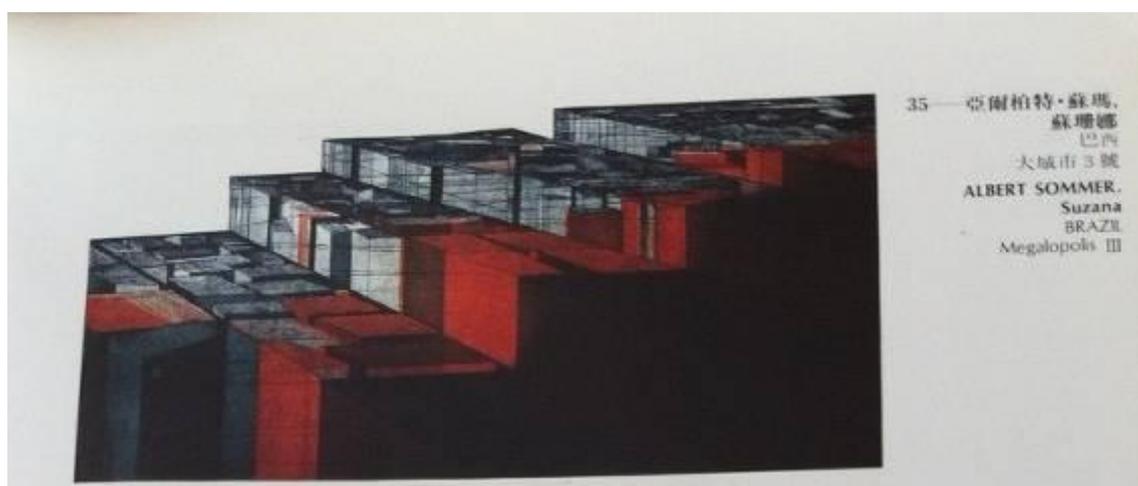
* Singular, inaugurou com sucesso na noite de terça-feira os trabalhos em grafismo de Liana Mafuz Timm. Um trabalho bonito e limpo que recebeu elogios durante a noite do escultor Roberto Cidade entre outros. Pela mostra anotamos as presenças de Vera Grimberg, Evelyn Iochpe, Lúcia Averbuch, Bina Maltz, Loteo Wagner, Maria Helena Salle, Norma Duarte, uma das que adquiriram trabalhos da artista, entre outros que tiveram acolhida simpática de Yeda Goldstein e Alla Finkelstein.



Detalhe capa do Catalogo do Salão internacional de Gravura em Taiwan,
em que as integrantes foram selecionadas.
Acervo Susana Sommer



Páginas do Catálogo com obras das artistas



**GRAVURA NO
RIO GRANDE DO SUL:
ATUALIDADE**

MAC MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA DA USP

MARGS MUSEU DE ARTE DO RIO GRANDE DO SUL

ZH/2º CADERNO - R\$ 9,80 - V

Arte

Gravuras em Feira: a dignidade de uma arte em série



A quarta Feira da Gravura, que terá a duração de quinze dias, está sendo organizada há mais de um mês e tem uma importância especial para a maioria dos artistas participantes: sua realização coincide com o primeiro aniversário de reativação da Associação Riograndense de Artes Plásticas Francisco Lisboa, que ficou mais de dez anos sem nenhuma atividade. Agora, às vésperas de uma eleição, o Chico Lisboa promove a Feira, a primeira realização pública neste seu primeiro ano de funcionamento.

Mas entre as preocupações da Comissão encarregada de organizar e divulgar a Feira, está a necessidade de mostrar ao público a importância da gravura como obra de arte. Para a artista Vera Grinberg, "o principal é não confundir gravura com reprodução, que tem tiragem limitada e sem a participação do artista".

— A gravura é uma maneira gráfica que o artista possui para se expressar, o que pode acontecer na serigrafia, litó, xilo ou metal. Em qualquer uma destas técnicas, o trabalho do artista tem uma multiplicação limitada (e numerada), feita pelo próprio gravurista, uma a uma".

Durante a realização da Feira, que funcionará diariamente das 14 às 20h, todos os interessados receberão informações dos artistas sobre cada uma das técnicas, os tipos de trabalhos e as diversas fases pelas quais passa, desde a sua criação até a sua confecção.

A presença dos artistas facilitará também, a reposição dos trabalhos vendidos (cada gravador comparece com três gravuras e três cópias de cada uma). Os próprios artistas se encarregarão de comercializar os trabalhos, cujos preços variam de Cr\$ 500,00 a Cr\$ 2.000, bem mais acessíveis, pois não virão emoldurados e sem a cobrança de taxas, normais pelas galerias.

Danúbio Gonçalves, Paulo Pires e Maria Leda Macedo, formaram uma comissão que selecionou as melhores gravuras, entre as apresentadas: litografia, serigrafia, xilogravura e gravuras em metal. Entre as litos, vão participar os seguintes artistas: Marta Loquércio, Regina Ohlweiler, Paulo Chimendes, Clara Pechansky,

Amarilli Licht e Riopardense Macedo. Comparecem com xilogravuras: Zorávia Bettiol, Vasco Prado e Maria Helena Salle. Com trabalhos de gravura em metal, vão estar na Feira: Vera Grinberg, Regina Ohlweiler, Susana Sommer, Maria Beatriz Martins Costa, Nury Jost, Marta Dischinger e Maria Inês Dornelles Rodrigues.

CHICO LISBOA

Com a Feira da Gravura, a Associação Riograndense de Artes Plásticas Francisco Lisboa comemora um ano de funcionamento, depois de ter ficado mais de dez sem nenhuma atividade. Para seus associados, atualmente cerca de 100, está é um acontecimento "muito importante, já que é a primeira realização pública depois da reativação", como explicou Regina Ohlweiler.

— Este primeiro ano já deu para sentir que está havendo um interesse bastante acentuado dos artistas plásticos em se integrarem a nível de experiências, que é a principal finalidade da Associação. Mesmo, há uma necessidade de maior apoio dos artistas para com o Chico Lisboa, que se mantém apenas com uma mensalidade de Cr\$ 100,00 dos associados.

A Associação Chico Lisboa tem entre as suas atividades, realizar palestras e integrar artistas com pessoas interessadas em arte (para ser sócio não é necessário ser artista plástico), além de editar um boletim bimensal. Atualmente, a Associação funciona em uma sala do Centro Municipal de Cultura (Erico Verissimo), cedida pelo diretor do Centro.

Zorávia Bettiol é a atual presidente da Chico Lisboa, assessorada por: Jader Siqueira, vice; Fernando Baril, tesoureiro; Liana Timm e Vera Barcellos, secretárias. Vera Grinberg, uma das conselheiras da Chico Lisboa, afirma que esta diretoria — cuja gestão encerra neste mês — "tem procurado manter a Associação como um catalisador das necessidades dos artistas, defendendo contra os mais diversos problemas, apesar de ainda estar longe das suas condições ideais de atuação."

Com obras dos principais artistas plásticos gaúchos, inicia amanhã, às 14 horas na Praça da Alfândega, a quarta Feira da Gravura, que tem a finalidade de divulgar e comercializar as artes gráficas, através de um público "que habitualmente não frequenta as galerias de arte", como explicam seus organizadores. Entre os artistas que terão trabalhos expostos na Feira da Gravura: Zorávia Bettiol, Vasco Prado, Regina Ohlweiler, Vera Grinberg, Paulo Chimendes, Clara Pechansky e Riopardense Macedo. As gravuras, terão preços entre Cr\$ 500,00 e Cr\$ dois mil, já que são vendidas sem molduras e sem as comissões cobradas pelas galerias de arte.

FOLHA DA TARDE/19.10.80

Na Praça da Alfândega, uma feira de gravura

Num pavilhão montado na Praça da Alfândega, às 14h de hoje, será inaugurada a IV Feira da Gravura, promovida pela Associação Chico Lisboa. Com a reativação da entidade, a feira, extinta na década de 60, volta a funcionar com idênticos objetivos: popularizar a técnica e vender arte a um preço acessível (de Cr\$ 500 a Cr\$ 2 mil) ao público.

Cerca de 50 gravadores ruões se inscreveram na promoção, submetendo-se a uma comissão de seleção composta por Damilân Gonçalves, Paulo Porcelha e Maria Leda Macedo. Até o dia 15 de outubro, diariamente, inclusive aos sábados e domingos, das 14 às 20h, gravuras em diversas técnicas (xilo, litão, metal, etc.) vão ser vendidas pelos próprios artistas, num sistema de rodízio.

A gravura é uma técnica muito popular no sul do País. Foi aqui que, na década de 50, surgiu o Clube da Gravura, responsável pela formação de inúmeros artistas que gozaram de prestígio nacional. Atualmente o Atelier Livre se transformou num pólo irradiador de novos talentos, como poderá ser comprovado através desta feira que conta com o apoio da Divisão de Cultura da Secretaria Municipal de Educação e Cultura e da SCIT.

CORREIO DO POVO

Página 15

ARTES PLÁSTICAS

Na Praça da Alfândega será aberta hoje uma nova edição da Feira de Gravura

Às 14h na Praça da Alfândega será inaugurada a IV Feira da Gravura, uma promoção da Associação de Artes Plásticas Chico Lisboa, em colaboração da Prefeitura Municipal, da Divisão de Cultura da SMEC e da Secretaria de Cultura, Desporto e Turismo.

Num pavilhão montado no centro da praça, os próprios artistas estarão diariamente, até às 20h, vendendo suas gravuras e dando informações sobre seus trabalhos, de hoje ao dia 15. Entre eles, Paulo Chimento, Maria Luísa Rodrigues, Maria Luísa Rodrigues, Nury Jost, Ruth Moraes e Vera Grimbler estarão expondo gravuras em metal, Vazco Prado, Zorávia Bettel,

Anestor Tavares, Maria Helena Salle, Vera Chaves Barcelos e Keyla Bezerra, são alguns dos artistas que estarão expando litogravuras.

Esta feira não tem nada a ver com outras realizações anteriormente no mesmo local, pelo Atelier Livre da Prefeitura. Não se justifica muito a sua designação como quarta feira, mas isto se deve à questão que fazem os responsáveis pela Associação Chico Lisboa de enfatizar que a promoção dá continuidade às feiras realizadas anteriormente pela entidade, ou seja, há mais de dez anos atrás, antes que o Clube ficasse estacionária até ser reativada no ano passado.

Só os sócios da Chico Lisboa estão participando desta feira; muitos gravadores já eram associados, mesmo e quem não era, pela associação, para participar.

As obras da feira terão preços acessíveis, variando entre Cr\$ 500 e Cr\$ 2 mil. A artista plástica Vera Grimbler diz que "é que se pretende e oportunizar aos jovens artistas a conclusão de suas obras. Com um aspecto muito interessante: os artistas vão ficar lá na feira, se reverendo, dando informações gerais ao público, inclusive sobre as técnicas de gravação em metal, madeira ou pedra. Costuramos que as escolas também, no, certamente, pois além do aspecto comercial, há a preocupação cultural".

Zorávia Bettel, outra das promotoras da feira, afirma que o preconceito contra a gravura já não existe mais e que "As raízes plantadas pelo Clube da Gravura, fentam, continuam atuando, o que se verifica, só não interessa por gravura no Atelier Livre e no grande número de artistas que adotam a técnica".

Acervo pessoal Maria Helena Salle.

ANEXO D— Grupo “N” Caminhos

Mostra no Shopping Praia de Belas, curadoria Milton Couto.



Capa Livro de Artista, alunas de Anete Abarno.



Mostra do grupo de alunas de Anete Abarno, Novo Hamburgo.

CARTÃO POSTAL

FRENTE E VERSO

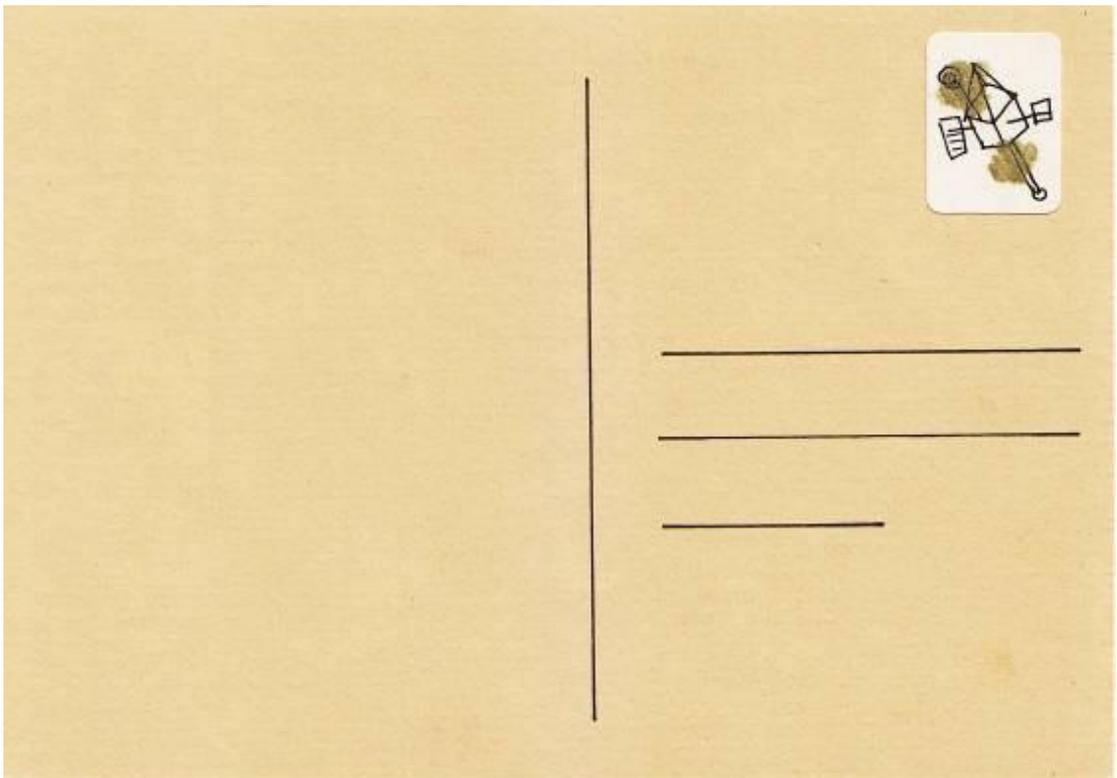
O Atelier Livre convida para a
exposição da Oficina de Desenho/Projeto Especial,
orientada pela Prof^a Anete Abarno

CARTÃO POSTAL: FRENTE E VERSO

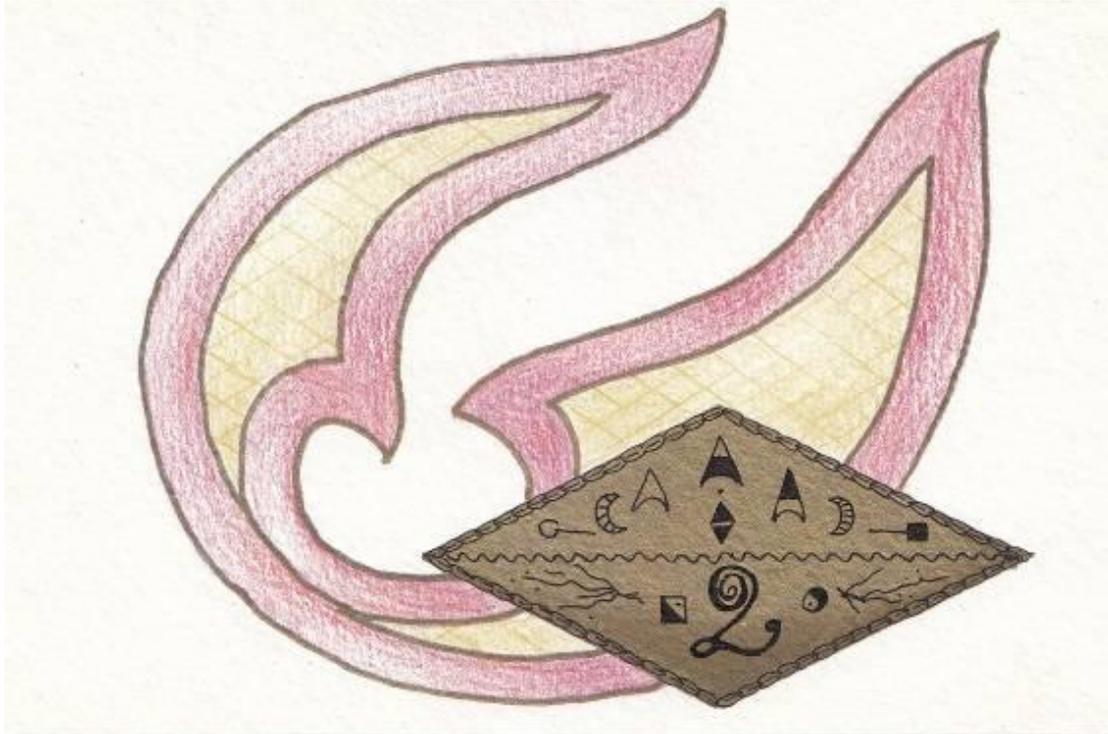
Anabela Peixoto • Anete Abarno • Beatriz Leão
Beatriz Röhnelt • Helena Mancuso • Lydia Kulesza
Madalena Polonia • M^a Alice Bassani
M^a da Graça La Falce • Regina Castro • Ruth Krug

Dia 12 de setembro, às 18 horas
no ESPAÇO ALTERNATIVO do Atelier Livre
Av Érico Veríssimo, 307
P. Alegre - RS

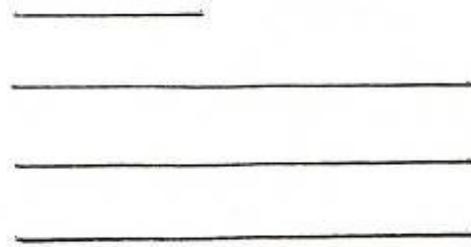
IMPRESSO

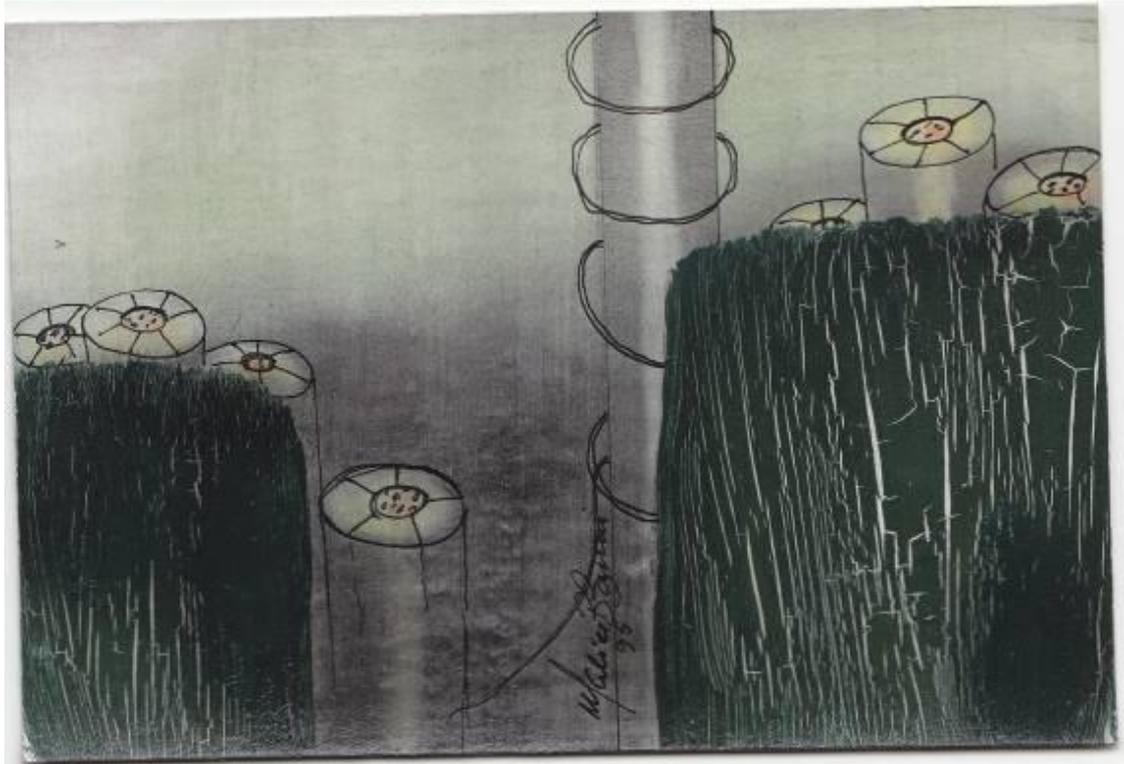




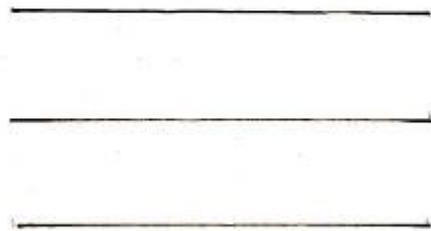
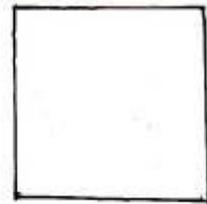


Gêner: Alfabeto
 Título: "G"
 Técnica: liста
 Dimensões: 10cm x 15cm
 B. Pörmel

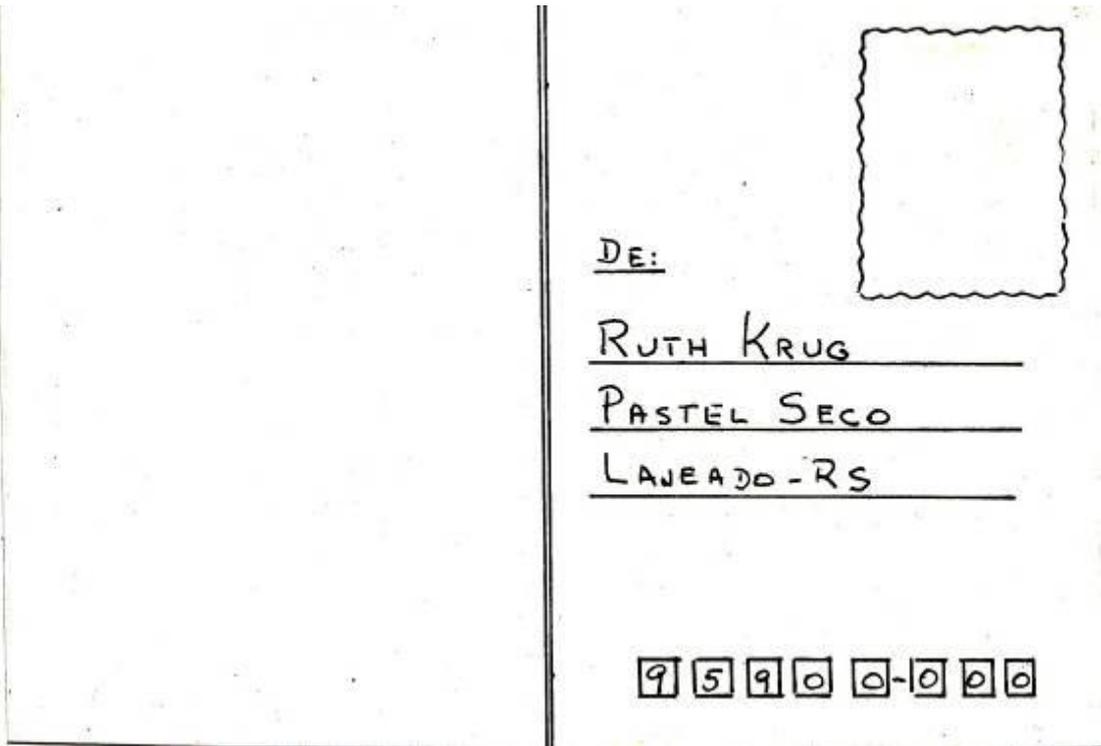




DA NATUREZA
MUTAÇÃO - "NATUREZA POR TUBULAÇÃO"



MILICIA BERGMANN BASANI
ATELIER LIVRE DA PREFEITURA
PROJETO ESPECIAL - DESENHO - EXPOSIÇÃO "POSTAL FRENTE E VERSO"
PORTO ALEGRE - RS - 1995

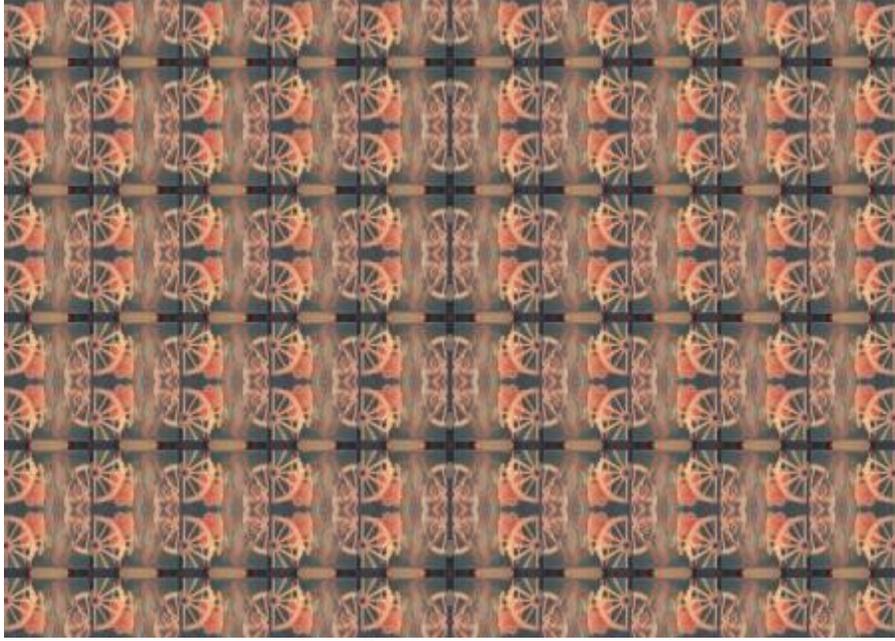




Lidia Félix.



Maria Alice Bassani.



Regina Castro.



Ruth Krug.



Anabela Peixoto.



Beatriz
Rohnelt.

REFLEXOS

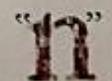
A linha é o elemento visual básico para o desenhista.

Rompendo os limites do bidimensional, neste trabalho, projetamos a linha para fora do espaço gráfico e a mesma fluiu numa caminhada de ondulações rítmicas ascendentes, descendentes e multidirecionais.

A princípio, numa visão gestáltica vê-se o todo, e, posteriormente, elegendo um início e um fim o olhar do espectador compõe uma trajetória.

Sustentando este percurso, os pilares apresentam as expressões individuais de cada uma das componentes do grupo.

Colocado o trabalho sobre uma base espelhada, refletem-se as imagens por nós elaboradas e outras tantas vindas do entorno sobre as quais não temos domínio e que se constituem em instigantes e surpreendentes grafismos que só um olhar atento pode perceber.



Caminhos



Exposição Reflexus, Galeria La Photo

Documentos e fotos digitalizados dos acervos do ALP-SMC , de Anete Abarno, e Beatriz Rohnelt

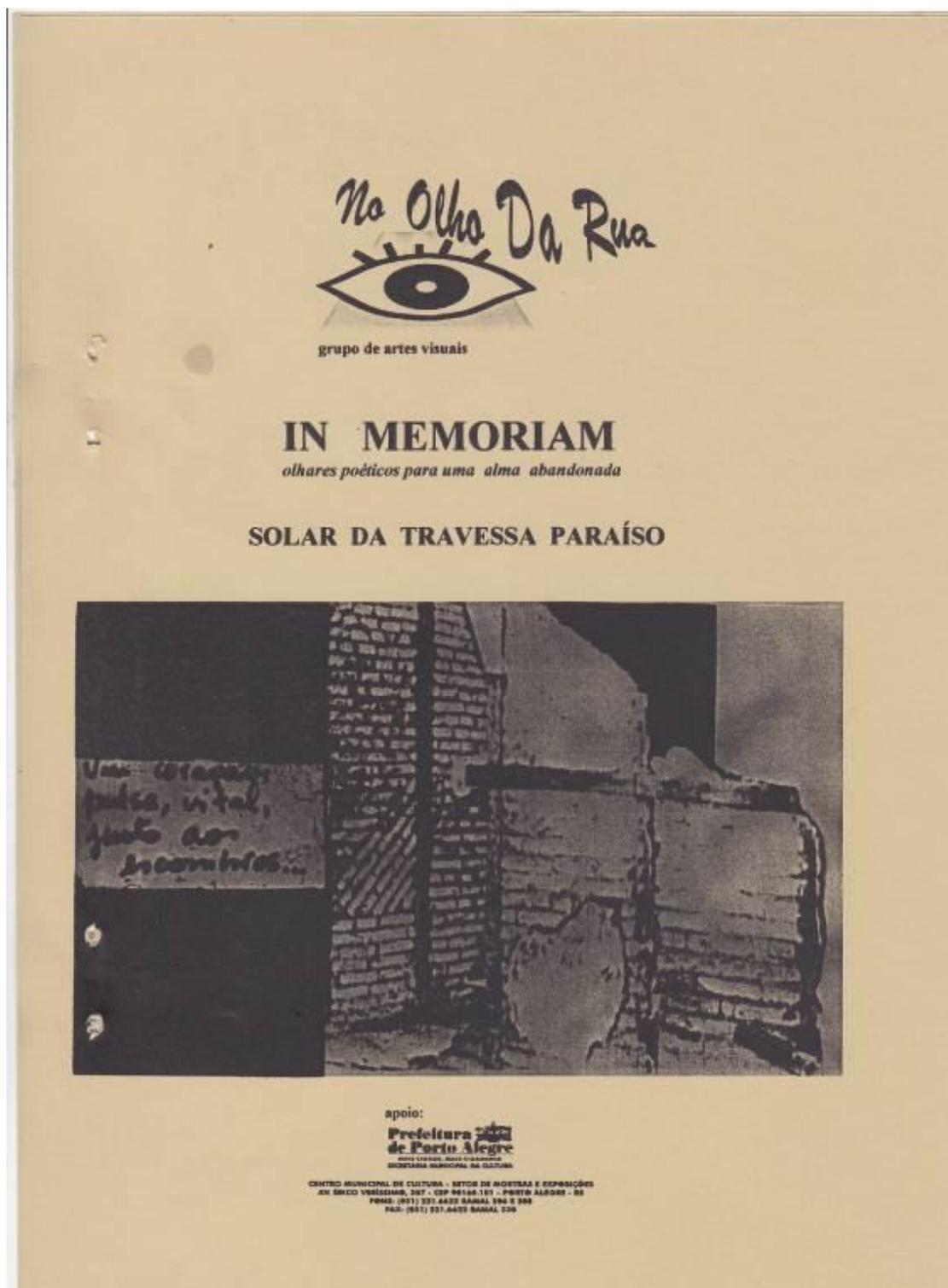
ANEXO E — Grupo no Olho da Rua



Galeria Avenida, CMC, 1997.



Oficina realizada antes do Festival 1997.



Registro da atividade *In Memoriam*, através deste caderno com anotações e reflexões dos artistas.

SOLAR DA TRAVESSA PARAÍSO - HISTÓRIA E MITO

“Os livros estão impregnados de passado”, diz Jorge Luiz Borges. Mas não só os livros, toda a escrita está impregnada de passado.

A arquitetura é uma escrita no espaço que se perpetua no tempo. As paredes, janelas, portas, teto e chão dos edifícios - tatuados com os sonhos de cada viver cotidiano - contam, cada um à sua maneira, múltiplas histórias. Histórias dos gostos, dos valores, dos amores, ou histórias das histórias. Das lendas às crenças, o despertar do mito.

A história e o mito de cada espaço e tempo se perpetuam nos labirintos dos edifícios - privados ou públicos. A casa é o lugar da memória. Anuncia e denuncia um viver e abre espaço para um (re) viver.

Recuperar uma arquitetura é fabular a sua memória, é comemorar a sua épica.

O Solar da Travessa Paraíso, 71, com seu cenário privilegiado - encosta do morro de Santa Tereza - ergue-se no panorama da cidade de Porto Alegre como história e mito.

Visto por alguns historiadores como a provável residência mais antiga de Porto Alegre, esse casarão colonial português - construído na primeira metade do século XIX - serviu de sede da extensa propriedade rural - Chácara do Cristal - e atesta a presença portuguesa nessa cidade.

Com a urbanização da cidade, o casarão foi sendo comprimido pelas vizinhanças dos bairros de Santa Tereza, Menino Deus, Cristal e Tristeza e perdeu, assim, a sua soberania de “casa do patrão”.

Construído por “sabe-se lá quem” e abandonado por “sabe-se lá quem”, o Solar guarda poucos objetos capazes de precisar a história de vida de seus proprietários. Entre suas pouquíssimas reminiscências foram encontrados pequenos vidros de utilidade farmacêutica antiga, que sugerem, entre seus proprietários, um médico.

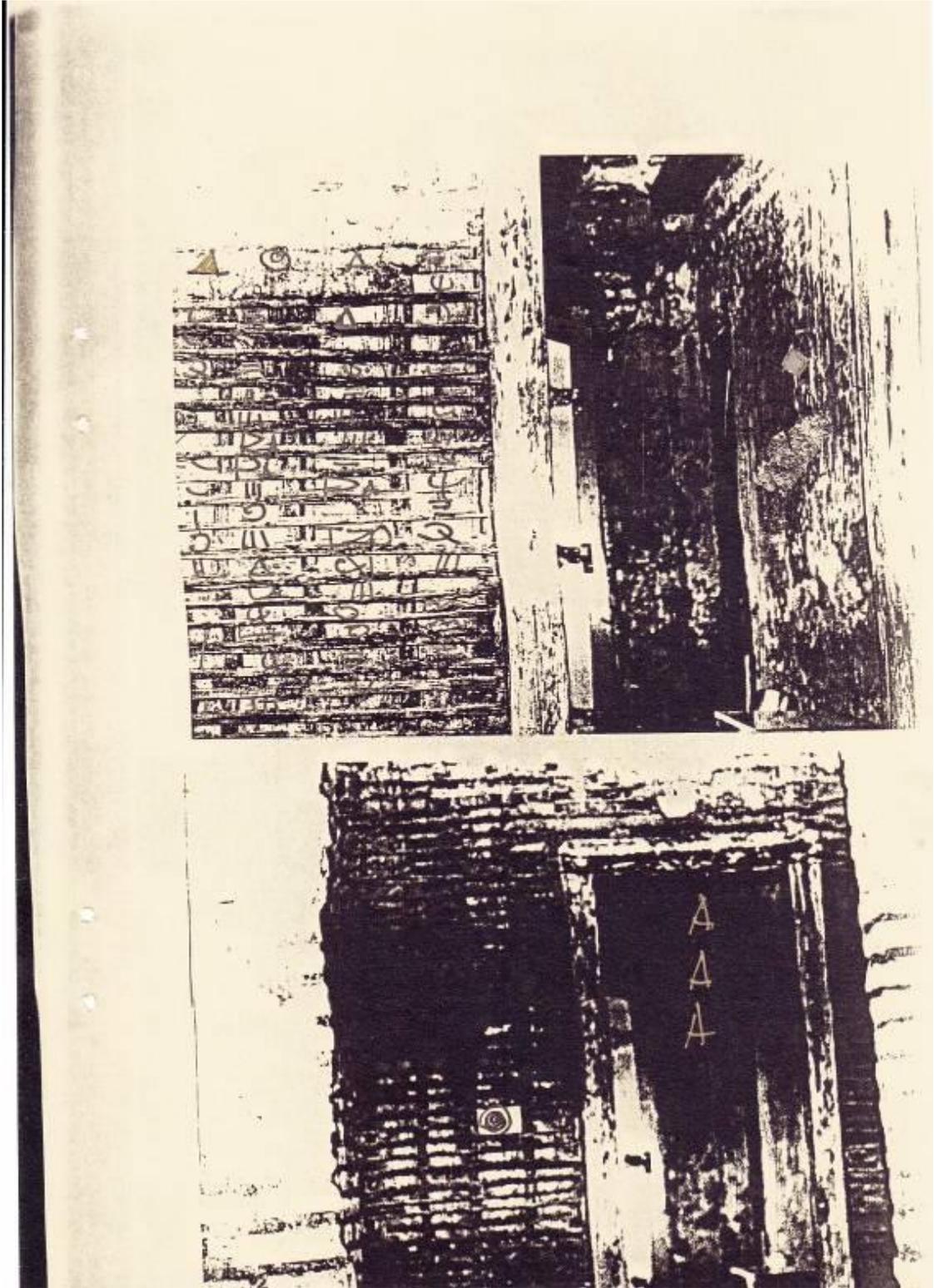
Negligenciado - por mais de vinte anos - pelos seus novos vizinhos, o Solar se transformou em espetáculo para si mesmo. Escriturou as ações do tempo e do descaso. Em 1994, através da ação do fogo, clamou por socorro. Iluminou os céus de Porto Alegre, aqueceu seus vizinhos e renunciou suicidar-se. Comunicou-se com todos. Mobilizou crianças, adultos, autoridades e artistas. Reatou, assim, os seus vínculos históricos, míticos e afetivos com vizinhos próximos e distantes.

O Solar da Travessa Paraíso recupera sua soberania de “casa do patrão”, mas não mais de um “patrão” rural, mas do “patrão” Arte, Cultura, Informação, História e Mito.

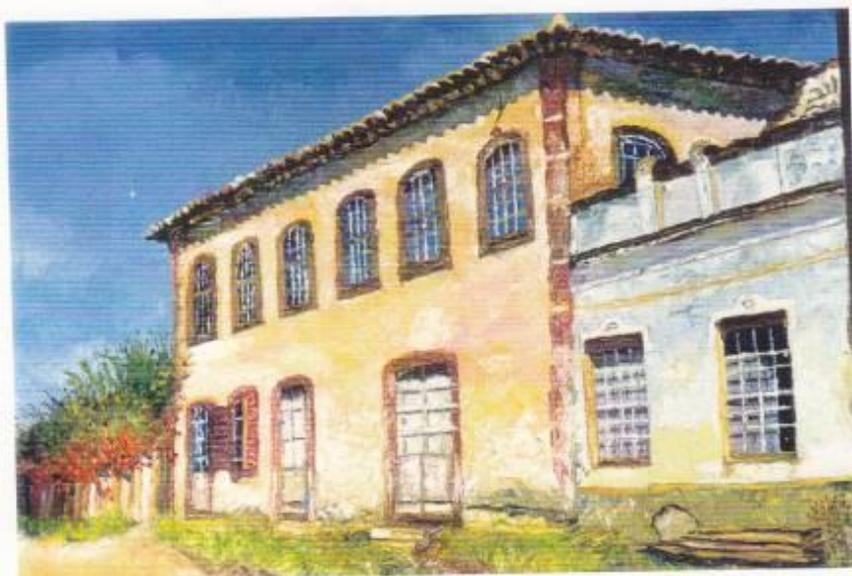
Celia Maria Antonacci Ramos

Dra. em Artes Plásticas pela PUC/SP

Prof. Univ. Est. de Santa Catarina



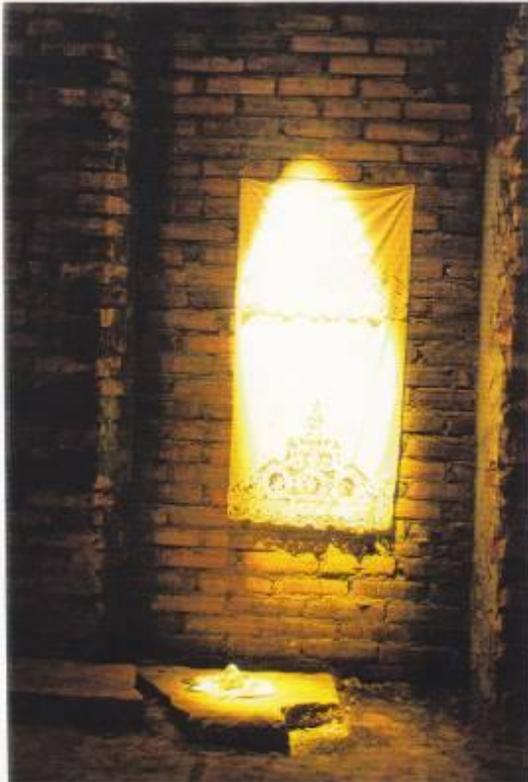
Caderno In Memoriam.



Solar da Travessa Paraíso, Caderno *In Memoriam*.



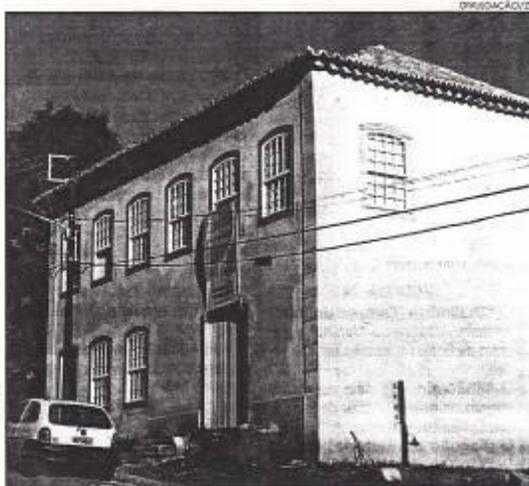
Caderno In Memoriam.



Caderno In Memoriam.

A invasão luminosa do solar histórico

Casa da Travessa Paraíso abriga espetáculo



O casarão do Menino Deus foi construído há cerca de 180 anos

O Solar da Travessa Paraíso, tombado pelo Patrimônio Histórico Municipal, será invadido e transformado. Nenhum tijolo, nenhuma peça de madeira será tocada, entretanto. A interferência será limitada praticamente a jatos de luz e ondas sonoras. Hoje, a partir das 20h o grupo de artistas plásticos No Olho da Rua apresenta o espetáculo *In Memoriam*, intervenções que terão a participação de Xico Stockinger e de Vera Wildner.

A idéia do No Olho da Rua é aproveitar o estado "de desconstrução" em que o solar se encontra para realizar uma atividade artística multifacetada. Ao som de canções do grupo Madredeus, as estruturas deterioradas do casarão serão banhadas por fachos de luz colorida. "Isso permitirá que os cidadãos aproximem-se de mais uma - entre tantas - almas abandonadas em Porto Alegre", opina o arquiteto Felipe Pacheco.

Xico Stockinger vai participar com a mostra de um mármore branco inédito e dois basaltos. Vera Wildner distribuiu pelos tijolos expostos e pelas paredes de taipa intervenções a ouro e com espelhos - "simbolizando a riqueza material e espiritual", segundo Neide Fis-

cher, do No Olho da Rua. "Vamos iluminar os sítios arqueológicos, que devem ser mantidos intactos, e as flores que lutam para brotar do chão de terra da casa, mostrando a vida existente num lugar aparentemente morto", conta Neide. Os 60 catálogos do evento *In Memoriam*, feitos a mão e numerados, serão vendidos no solar a R\$ 15.

O grupo No Olho da Rua é formado por sete artistas plásticos provenientes do Atelier Livre da prefeitura de Porto Alegre. Embora se dediquem a trabalhos a individuais, os integrantes buscam uma forma conjunta e não-convencional para expor sua produção artística.

Situado na Travessa Paraíso, no bairro Menino Deus, o solar foi construído por volta de 1820. A rua onde se encontra recebeu o nome de Travessa Paraíso depois de 1908, quando o prédio foi comprado de Deonísio de Oliveira Silveiro por Antonio Barbosa Nogueira e sua mulher, Patrocínia Dias Nogueira. Naquele ano, o solar ainda se situava no interior de uma fazenda. No térreo funcionava um armazém e mais tarde ali se fabricou o famoso vinho Velho Superior. A prefeitura pretende restaurar o velho casarão no ano que vem.

O QUE: *In Memoriam*, intervenção artística no Solar da Travessa Paraíso, com o grupo No Olho da Rua, o escultor Xico Stockinger e a artista plástica Vera Wildner

ONDE: Solar da Travessa Paraíso (Menino Deus)

QUANDO: hoje, às 20h, e amanhã e domingo, às 19h, com duas horas de duração

QUANTO: entrada franca



Trabalho Coletivo.



Trabalho Coletivo.



Arto para todos
MUNICÍPIO DE PORTO ALEGRE

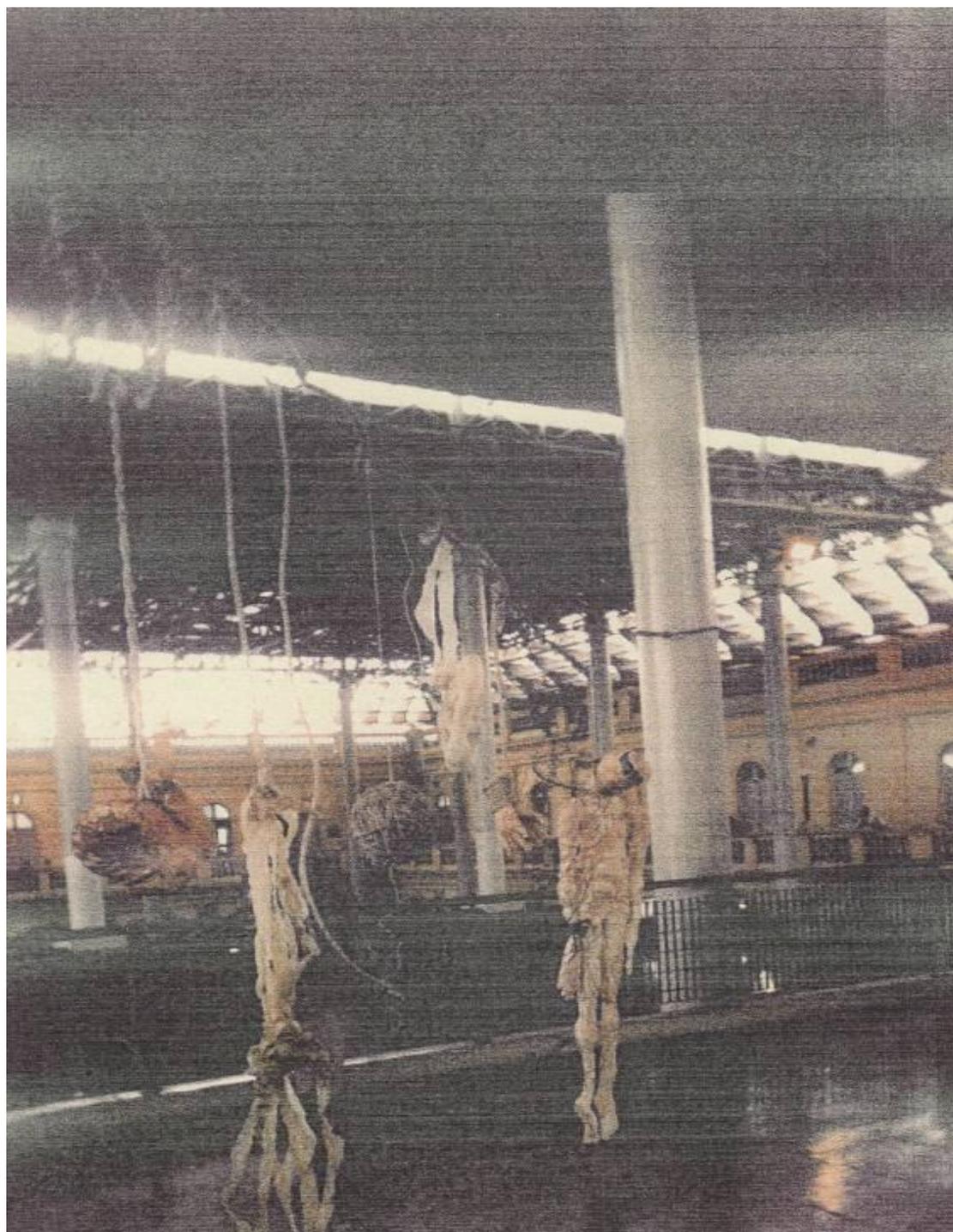
Rio emoldura obra de arte

A beira do Guaíba, próximo à Usina do Gasômetro, serviu de cenário, domingo, para uma intervenção artística incomum. O grupo de arte pública No Olho da Rua fez uma instalação à base de papelão, tecido e gesso simulando uma casa (com direito a cadeiras e tudo). Depois de pronta, a

Casa 100 Cor atraiu os passantes e os marginais (literalmente aquelas pessoas que moram às margens do Guaíba).

● **Projeto**

A próxima empreitada do grupo será convocar os porto-alegrenses a levarem roupas até o mesmo local, pintarem as peças e pendurar tudo num varal, formando uma exposição. Depois, as roupas ficarão ali para que os "moradores" do local as vistam. Os artistas estão à procura de apoio para comprar tintas e pincéis e serem usadas pelas cidadãos-expositores.



Trabalho Coletivo, Mercado Público.



Trabalho Coletivo, Mercado Público.

Os documentos e fotos digitalizados dos acervos ALP-SMC e de Marilda Raymundo

ANEXO F — Grupo Pelos Muros



Orientador Wilson Cavalcante e o grupo de alunos e integrantes do Pelos Muros.



Grupo trabalhando na sala de gravura do ALP.



Outdoor do Grupo A Baleia, segundo semestre 2005.



Detalhe do estudo para o outdoor.



Estudo da Baleia na sala.



Impressões das obras sobre poeta Mario Quintana, sala do ALP.



Cleide di Giogi, Tania Cappra, Lilian Souza, Isolde Bosak, Monica Azevedo.



Exposição Gráfica Gaucha II, CCEVCEEE, grupo convidado, obra *A Baleia*, 2007.



15 dez. 2007.
CEEE - imagem pronta exposta até mar. 2008.



01 dez. 2007.
Feira do Livro 2007.



Colagens das gravuras no Centro de Porto Alegre.



Grupo realizando colagens no centro da cidade.

PELOS MUIROS

apresenta **Impressões do Poeta**

Ana Chacon | Cleide Di Giorgio | Georgina Souza | Isolde Bosak | Lillian Souza
Marcelo Monteiro | Mônica Azevedo | Tania Cappra | Vera Junqueira

Período | 07 a 31 de julho de 2006

Visitação | de terça a sexta das 9h às 21h, sábados, domingos e feriados, das 12h às 21h

Local | Galeria Augusto Meyer

Casa de Cultura Mario Quintana (Rua dos Andradas, 737 Porto Alegre - RS)

PELOS MUIROS.com.br

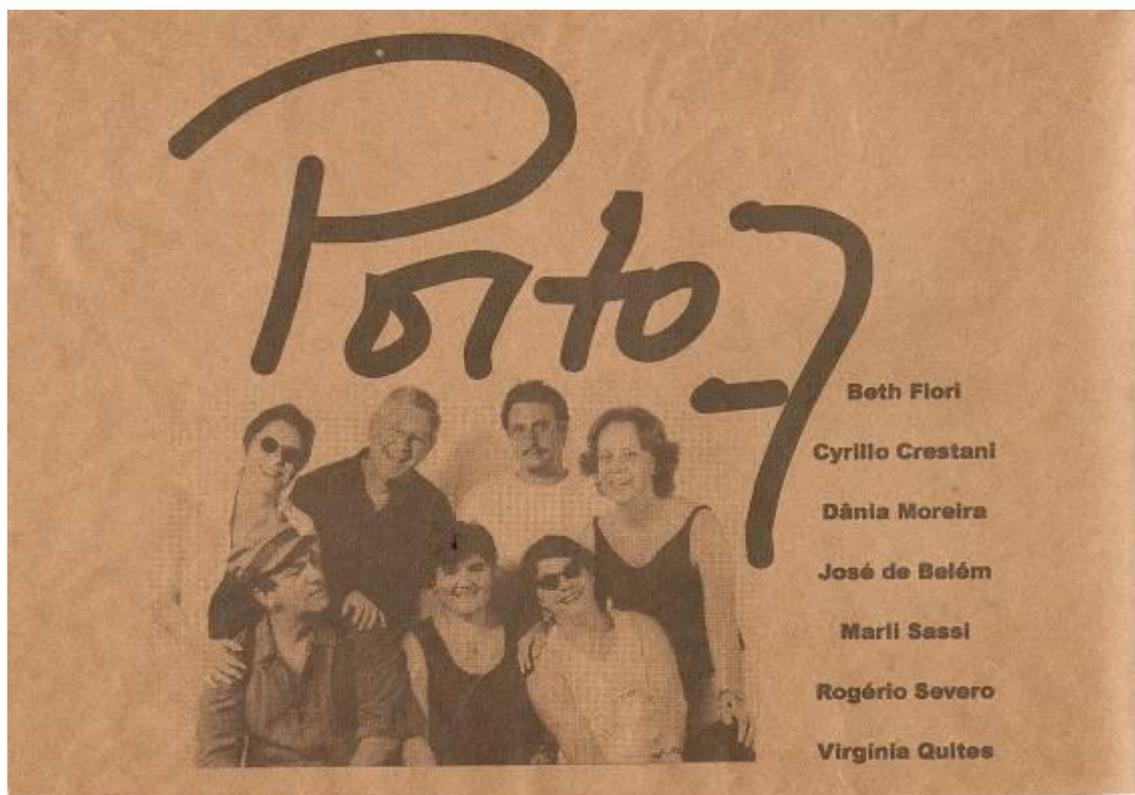


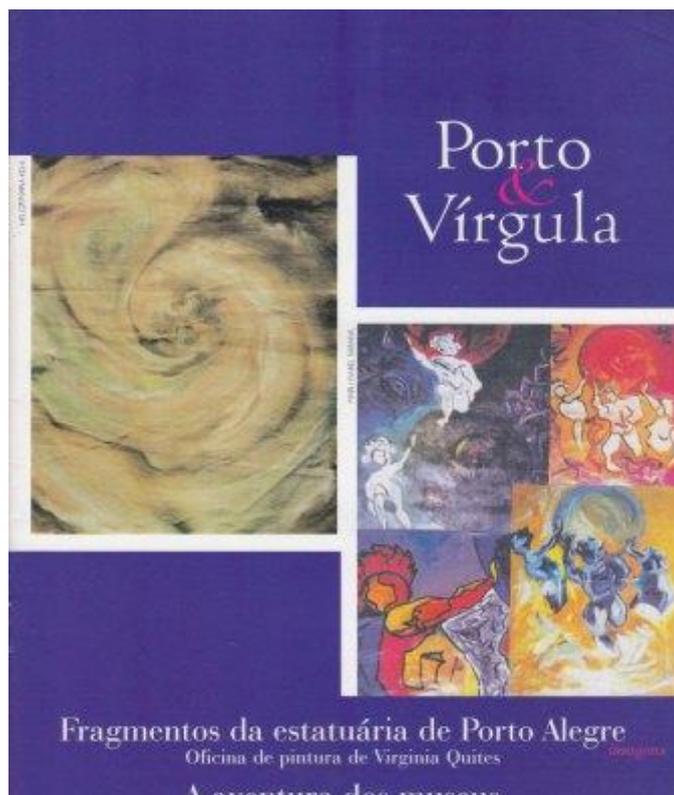
Grupo preparando obra para Bienal B, evento paralelo à 6ª Bienal do Mercosul.

As imagens digitalizadas foram retiradas do Blog do grupo e dos acervos de Isolde Bosak e Tania Cappra.

ANEXO G— Grupo Porto 7

Sentados: José de Belém, Dania Moreira, Marli Sassi.
Em pé: Beth Fiori(de óculos) Cyrillo Crestani, Rogério Severo, Virginia Quites.





Encarte Especial da Revista Porto e Virgula, SMC, ilustrada com obras do grupo *Fragmentos da Estatuária de Porto Alegre*, 1997.



FRAGMENTOS DA ESTATUÁRIA DE PORTO ALEGRE

1995

Traçar o desejo, determinar uma escolha:

A figura.

Os prédios de Porto Alegre e suas esculturas
de fachada marcam o tempo e o nosso olhar.

São tantos e belos os lugares para abraçar!

Fragmentos da estatuária arquitetônica

iniciam esta pesquisa plástica na cidade.

Queremos adentrar no invisível, abrir

segredos e, sem dúvida, revelar o inusitado.

Caminharemos...

Virginia Qütes



FRAGMENTOS DA ESTATUÁRIA DE PORTO ALEGRE INTERIOR DE IGREJA

FRAGMENTOS DA LUZ

*A arrecadação da venda do calendário
"Fragmentos da Luz"
será destinada ao Instituto do Câncer Infantil
de Porto Alegre*

*Na busca da sua sobrevivência,
o Homem - como a arte, precisa adaptar-se à sua realidade
sem concessões na criação, mas se introduzindo nas
possibilidades oferecidas pela mídia.
O artista criando para usufruto da sociedade de consumo.
Por que não?
O projeto pretende que o resultado do processo criativo
ultrapasse a mera sugestão da figura exterior do homem.
E assim, transformando a ação do artista plástico
desde a observação delicada da linha,
a transposição para tela até a rearticulação destas imagens
em processos gráficos contemporâneos.*

Mostras:

IGREJA SÃO PELEGRINO - CAXIAS DO SUL
Dia 04 de dezembro de 1996 às 17h

CAPELA DO COLÉGIO AMERICANO - P. ALEGRE
Rua D. Leonor, 255
Dia 06 de dezembro de 1996, às 18h -
Visitação: Até 12 de dezembro das 14h as 18h

Contamos com sua presença na abertura da
mostra coletiva do projeto
*"Fragmentos da Estatuária de
Porto Alegre - Interior de Igreja"*
e lançamento do calendário
"Fragmentos da Luz"
realizado na oficina de pintura ministrada
por Virgínia Quitês, em 1996, no Atelier Livre.

Artistas participantes:

ANAHI MELGARÉ
BETH FIORI
CLAUDIA FONTANA
FUSAKO BECKER
HELGA KEHL
JULIETA FERREIRA
MARLI SARAIVA
NANA CORTE
PERLA GRAEFF
REGINA BECK
ROSA MARQUES
VALÉRIA SICHONANY
ZAIRA RIZZIERI

CORREIO DO POVO

QUARTA-FEIRA, 9 de abril de 1997

EXPOSIÇÃO

ARTE AFRICANA - O VERBO SE FEZ CARNE E HABITOU NA ÁFRICA — Na Casa de Cultura Mario Quintana (Andradas, 736), até dia 13.

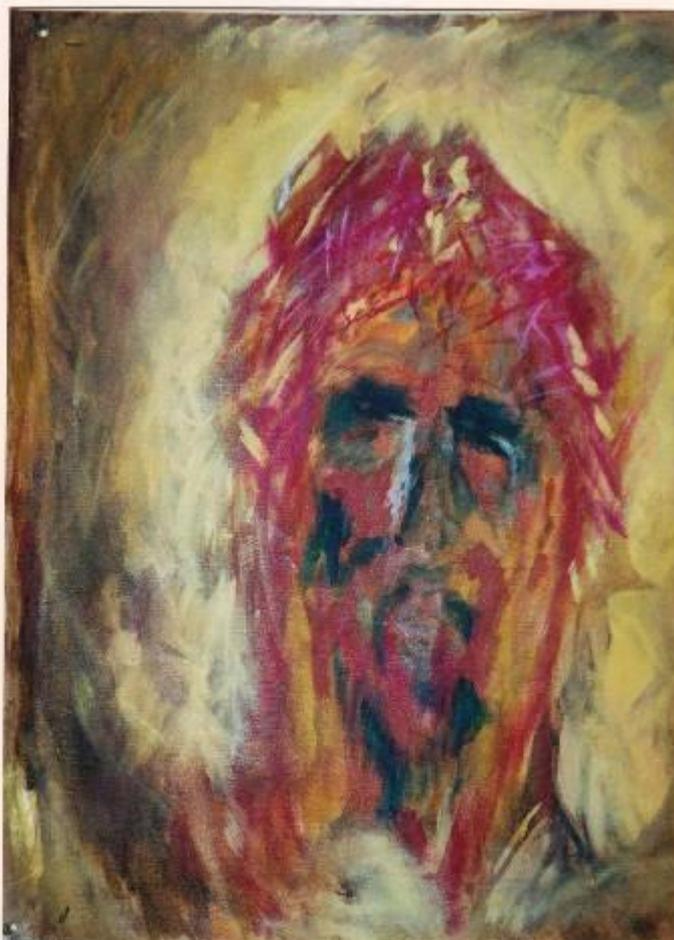
BERLIM ENTRE TEMPOS — Impressões fotográficas de Virgínia Costa Kieling, no Instituto Goethe (24 de Outubro, 112), até 15 de abril.

FRAGMENTOS DA ESTATUÁRIA DE PORTO ALEGRE: INTERIOR DA IGREJA — No Atelier Livre de Porto Alegre (Erico Verissimo, 307).

SEGUNDA-FEIRA, 21 de abril de 1997

CORREIO DO POVO

DOM PEDRITO — O Museu Histórico da cidade abre amanhã ao público mostra sobre os interiores das igrejas da Capital, projeto desenvolvido na oficina de pintura de Virgínia Quites, do Atelier Livre da Prefeitura de Porto Alegre. As obras foram reunidas no Calendário Fragmentos da Luz, e a renda obtida reverterá ao Instituto do Câncer Infantil.

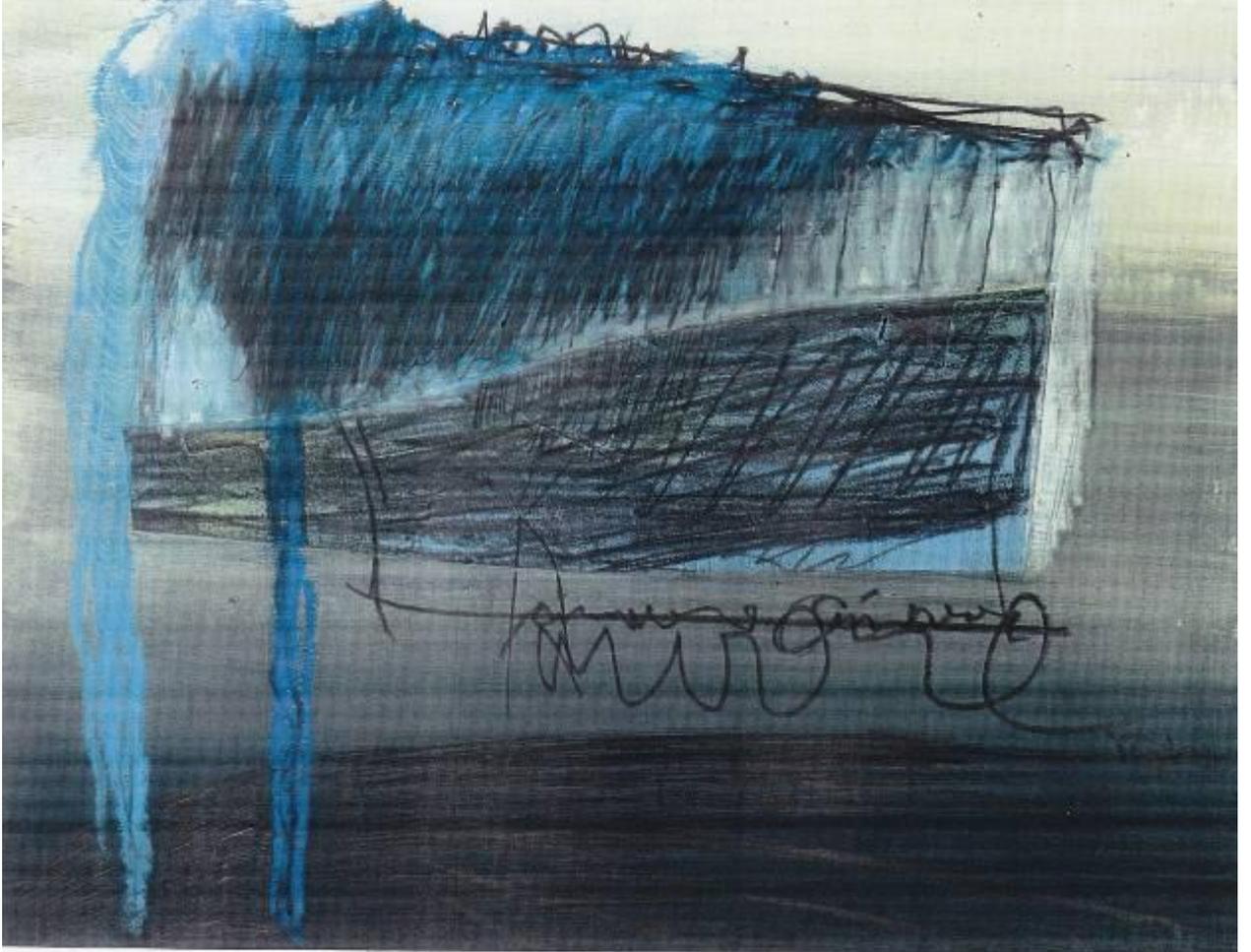


EXPOSIÇÃO

14 HORAS

Das 14h às 17h, acontece a mostra
*Fragments do estuário de Porto
Alegre – Interior de Igreja.*
Local: Igreja de São Pelegrino, em
Caxias do Sul.





Virginia Quites.



Virginia Quites.



Beth Fiori.



José de Belém.



Cyrillo Crestani.



Marli Sassi.



Rogério Severo.

FRAGMENTOS DA ESTATUÁRIA DE PORTO ALEGRE

1995

Traçar o desejo, determinar uma escolha:
A figura.
Os prédios de Porto Alegre e suas esculturas
de fachada marcam o tempo e o nosso olhar.
São tantos e belos os lugares para abraçar!
Fragmentos da estatuária arquitetônica
iniciam esta pesquisa plástica na cidade.
Queremos adentrar no invisível, abrir
segredos e, sem dúvida, revelar o inusitado.
Caminharemos...

Virgínia Quites

Porto 7

DESENHOS E PINTURAS
A PARTIR DE PORTO ALEGRE

A b e r t u r a

3 de junho de 2003, às 19h

V i s i t a ç ã o

4 a 27 de junho de 2003

Local: Museu Joaquim

José Felizardo

Rua João Alfredo, 582 - Fone:

3226-7560 Porto Alegre

Beth Fiori • Cyrillo Crestani • José de Belém • Marli Sassi • Rogério Severo • Virgínia Quitês
e-mail: porto7@terra.com.br

CORREIO DO POVO

Artes plásticas incre

Uma intensa programação se inicia a partir de hoje, qu



Obra de Cyrillo Crestani, do Grupo 7

Exposições, concursos, palestras e ações
vernamentais agitam o cenário das a:
plásticas no Estado a partir de hoje.

O Museu Histórico Regional de Passo Fur
inaugura hoje a mostra carioca "Memória
Preto e Branco no Fotojornalismo", que segue
local até o próximo dia 29. Também hoje, 1
será lançada a exposição da ceramista Gr.
Marchetti, na Artherva (Quintino Bocatóva, 1
Já no Museu Joaquim José Felizardo (João
fredo, 582) segue a coletiva "Desenhos e Pin

22 — SÁBADO, 7 de junho de 2003

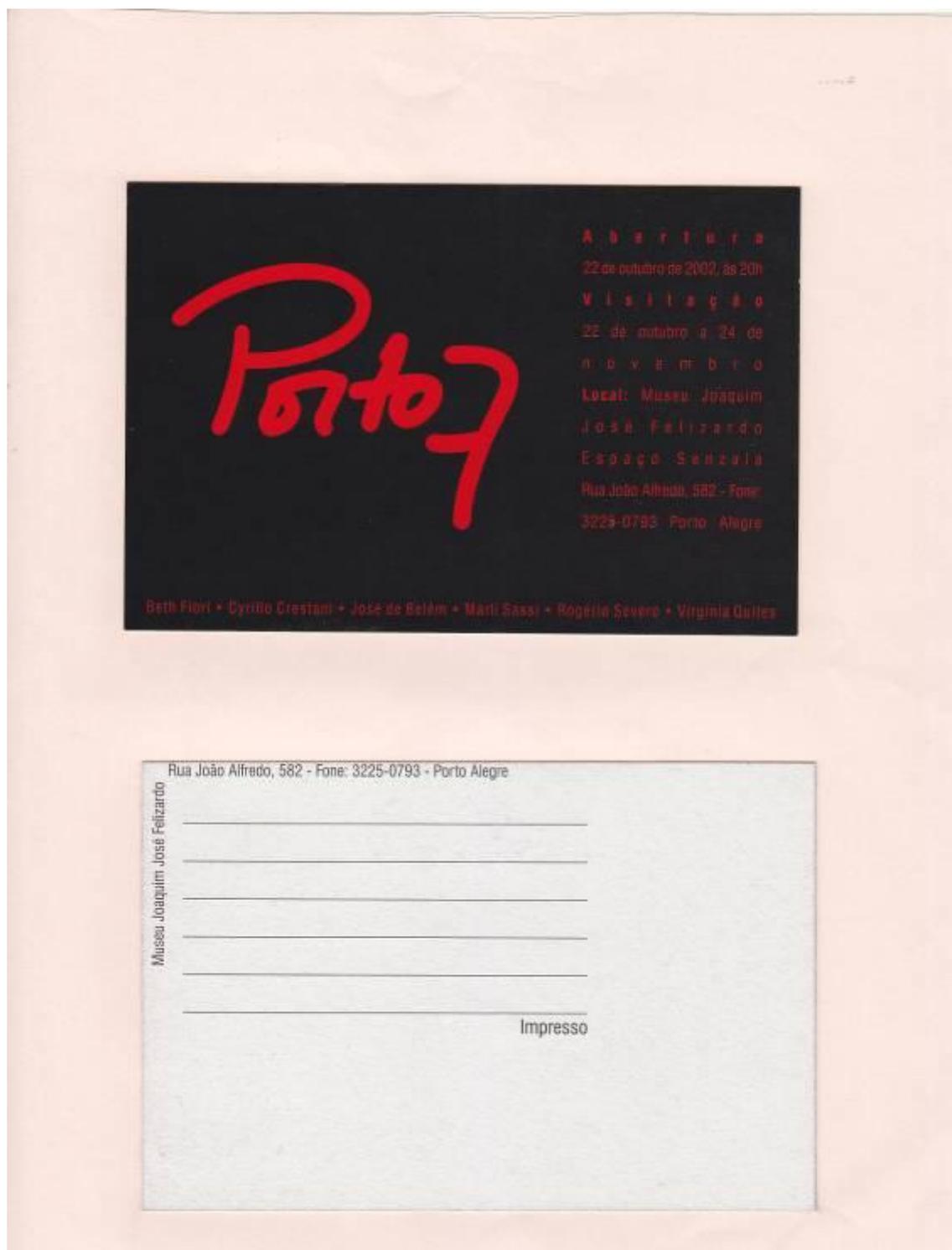
Brasil na c

Nalbert e Gustavo não jogam.



Desfalca
D seleção
vôlei joga hoje
de Portugal, p
ga Mundial, n
ambos às 13h
mo sem os do
é totalmente
grupo ao lado

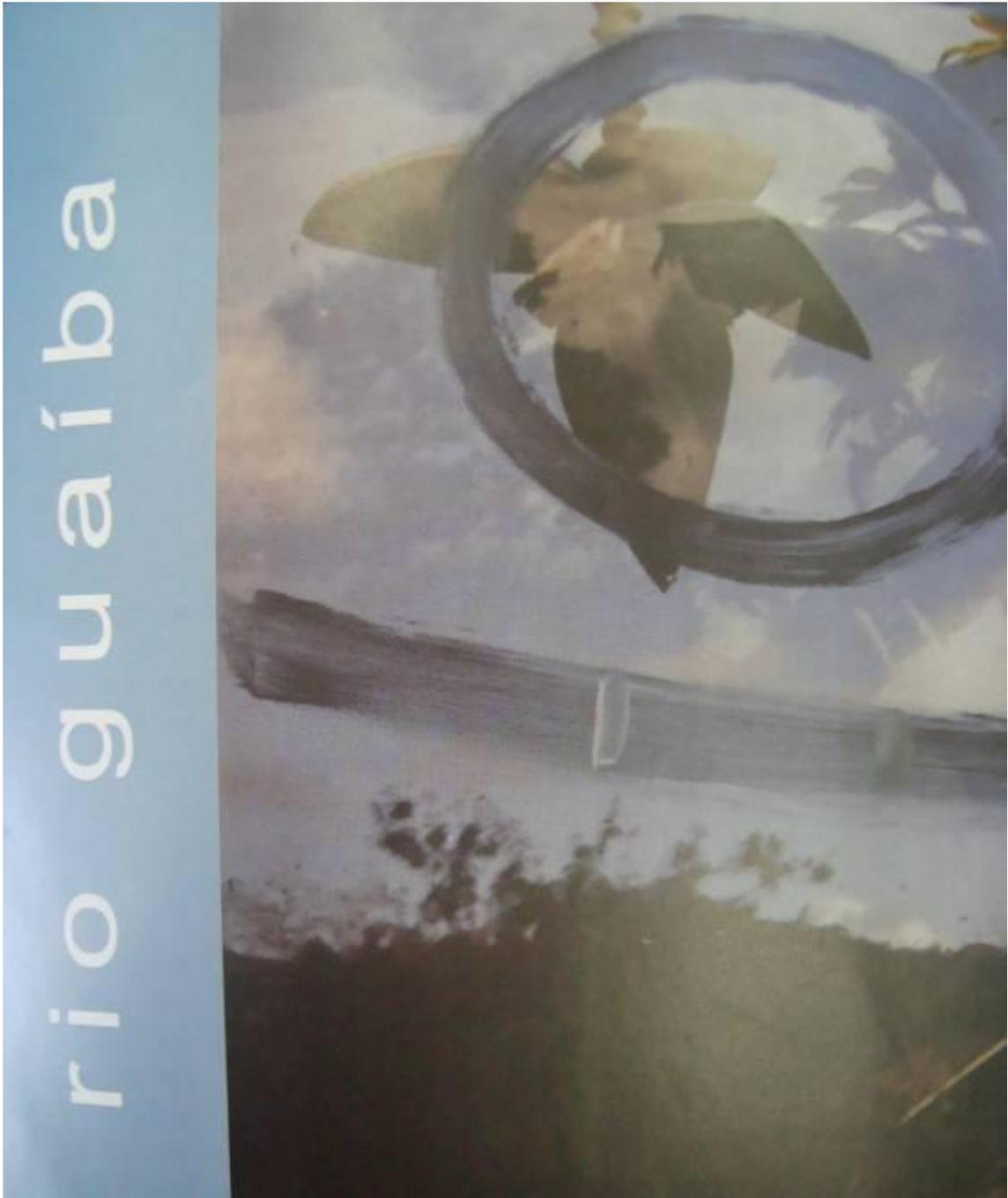
O ponta
mana de folg
descansar, n



Convite com logo do grupo.



Convite exposição



Convite exposição.

PORTO 7: O AMOR À PAISAGEM

Armindo Trevisan

Pode-se definir a paisagem, com um toque de humor: um espaço com carteira de identidade!

Vivemos em espaços, somos envolvidos por espaços, e até nos perdemos nos espaços... A diferença entre um espaço e um lugar, é que este é concreto, identificável, tem olhos, ouvidos e garganta. O conhecido compositor e ecólogo Murray Schafer propôs, nas últimas décadas, um conceito novo: o de paisagem sonora. Ela pode ser tanto um pedaço de cidade barulhenta, como uma ilha deserta, digamos a Ilha de Hanson, na costa do Pacífico, no Canadá, onde é possível ouvir as baleias cantarem, um canto, aliás, tão discreto e misterioso que é preciso pôr hidrofones na água para escutá-las.

A ecologia tem grande mérito no rejuvenescimento do gênero. As primeiras paisagens, no mundo ocidental, surgiram por volta do século XIV-XV, obtendo considerável aceitação nos séculos seguintes. Pensemos em nomes como os de Ruysdael, Hobbema, Monet, sem mencionarmos clássicos como Vermeer, Rembrandt e, no século XIX, Corot.

É importante, pois, que o grupo Porto 7, que a professora e artista plástica Virginia Quites organizou no Atelier Livre, se dedique a esse tipo de pintura aparentemente demodée, esforçando-se por elaborar um mapa visual-sentimental da cidade de Porto Alegre. Os artistas do Porto 7 buscam lugares específicos, que os pincéis captam e transformam em telas, de acordo com a definição de arte enunciada por Zola: "A natureza vista através de um temperamento."

O resultado desse empenho são aspectos inéditos da natureza concreta de Porto Alegre, com seus céus, seu ar, sua luz, suas cores e, eventualmente, com o cheiro de suas ervas e flores. É a nossa cidade vista por temperamentos diversos, todos sensíveis às nuances do entorno.

A paisagem verdadeira, criação da inteligência, do instinto e também da cultura, continua a surpreender-nos com sua riqueza inesgotável. O homem jamais desprezou as grandes invenções do passado; deu-lhes, às vezes, novas direções. A paisagem foi uma grande invenção artística, tão artística que, sem ela, não teríamos o maior pintor de nosso século: Paul Cézanne.

ANEXO H — Atelier 6



Paulo Porcella.



Outdoor ,ALP, SMC -Rosy Moreno.



Outdoor coletivo alunos oficina de Pintura.



Em pé: Porcella, Rosana Almendares. Ao centro: Elisabeth Costa.
Sentados: Marília Fayth, Angelo Braghirolli.



Elisabeth Costa.



Marilia Fayth, Angelo Braghirolli, Elisabeth Costa, Porcella.
Atrás: Rosana Almendares e Isabel Marroni.



Atividade do Grupo no MARGS.



Atividade do Grupo no MARGS.



Mercado Público.



Vista Mercado Público com obras de vários artistas.
Na mostra: Me Dejas Loco America, 1997.

A R T E S

7

SEGUNDO CADERNO SEGUNDA-FEIRA, 9 DE JUNHO DE 1997

Seis formas de fazer e refazer pintura

Os artistas do Atelier Seis, que estão expondo em Novo Hamburgo, interferem uns nas obras dos outros

ITAMAR PELIZZARO
Casa Zero Hora/Novo Hamburgo

O estereótipo do artista recluso que não permite interferências em sua obra cai por terra no Atelier Seis. Em aproximadamente oito anos de encontros semanais realizados em Porto Alegre, os integrantes do grupo têm trocado experiências e interferido regularmente um na obra do outro.

O resultado dessas experiências pode ser conferido na exposição Seis Por Seis, que está no espaço cultural da Casa Zero Hora/Novo Hamburgo (Rua Júlio de Castilhos, 526, no Centro), até o dia 27 deste mês, de segundas a sextas, das 8h às 18h, e, aos sábados, das 8h às 12h.

Até algum tempo atrás, o grupo de seis artistas se reunia sempre às sextas-feiras, às seis da tarde. Tanta coincidência numérica acabou por se configurar como a marca registrada da turma. "O seis ficou como um número cabalístico", explica Paulo Porcella.

Os encontros semanais possibilitaram a criação de uma nova forma de trabalho. "É isso que deixa a coisa mais dinâmica e sempre renovada", diz ele. Além de Porcella, Ângelo Braghirolli, Elizabeth Costa, Isabel Marroni, Marília Fayh e Rosana Almenares interferem nos projetos dos colegas, muitas vezes se surpreendendo com o resultado.

Os artistas dizem que os encontros são instigantes e energeticamente positivos. Isabel Marroni conta que existe um interesse dos integrantes do grupo em pesquisar e tentar sair do usual. "O sentido disso é um exercício", diz a pintora. Mas também há espaço para trabalhos próprios, como é o caso de Marília Fayh, que está expondo esculturas na Galeria Músico, na Capital, até o próximo sábado. Hoje, o Atelier Seis não se reúne mais às sextas-feiras — os encontros ocorrem às quintas —, mas nem por isso o projeto vai mudar. Junto à exposição, o grupo informa que a proposta é exercitar sempre.



ATELIER SEIS

As peças realizadas pelo Atelier Seis podem ser vistas na Casa Zero Hora/Novo Hamburgo

VOCÊ ESTÁ CONVIDADO PARA PRESTIGIAR
MAIS UM EVENTO NA SUA CASA ZERO HORA.

MOSTRA: 6 X 6

AUTORES: Ângelo Braghirolli
Elizabeth Costa
Isabel Marroni
Marília Fayh
Paulo Porcella
Rosana Almenares



VERNISSAGE: 03 de junho de 1997, às 19 hs.

PERÍODO: de 04 à 27 de junho de 1997.

HORÁRIO: de segunda à sexta, das 8 às 18h e aos sábados, das 8h às 12h.

Casa
ZERO HORA
Novo Hamburgo

Av. Júlio de Castilhos, 526 - Fone 594.4666

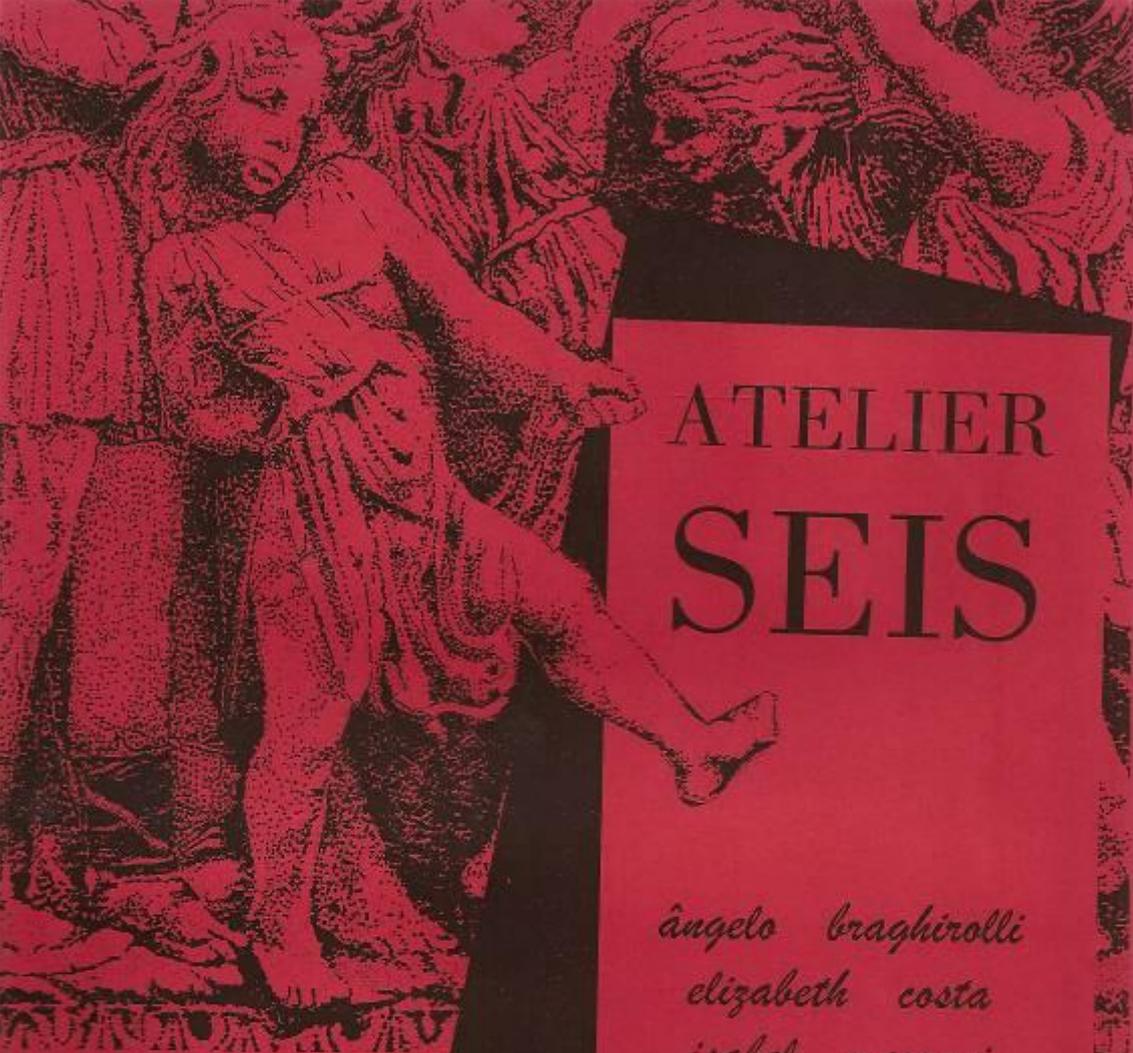
O RIO GRANDE, dono DE UM JORNAL.



ARTISTAS PARTICIPANTES

- ⊗ MARIA INÊS RODRIGUES (Coordenadora)
- ⊗ ANALINO ZORZI
- ⊗ ASTRID LINSENMYER
- ⊗ ESTHER BIANCO
- ⊗ FIDELIS CASELLI
- ⊗ HENRIQUE RADONSKI
- ⊗ HILDA MATTOS
- ⊗ INÊS BENETTI
- ⊗ LUIZA FONTOURA
- ⊗ MARIZA CARPES
- ⊗ MÔNICA KABREGU
- ⊗ NELSON JUNGBLUTH
- ⊗ NILDA GORETTA
- ⊗ PAULINA EIZIRIK
- ⊗ PAULO PORCELLA e ÂNGELO BRAGHIROLI
ELISABETH COSTA
ISABEL MARRONI
ROSANA ALMENDARES

- ⊗ ROSELI PRETTO
- ⊗ RUTH SCHNEIDER
- ⊗ ZORAVIA BETTIOL



**ATELIER
SEIS**

*ângelo braghirolli
elizabeth costa
isabel marroni
marília paulitsch
paulo porcella
rosana almendares*

*de 30 de julho a 30 de agosto estaremos no
Richard Arte e Café
na Rua Mostardeira 974 em Porto Alegre*

ATELIER 6

Angelo Braguirolli - Elizabeth Costa - Isabel Marroni
Marisa Veeck - Paulo Porcella - Rosana Almendare.

PREFEITURA MUNICIPAL DE JOINVILLE
FUNDAÇÃO CULTURAL DE JOINVILLE
MUSEU DE ARTE DE JOINVILLE



MUSEU DE ARTE DE JOINVILLE
Rua XV de Novembro, 1400
89201-602 - Joinville - SC
Fone: (047) 422-5626

APRESENTAM A EXPOSIÇÃO DO GRUPO

ATELIER 6

DE 09 A 26 DE MAIO DE 1996
LOCAL: MUSEU DE ARTE DE JOINVILLE
HORÁRIO: DAS 10:00 ÀS 20:00HS
ENCONTRO COM OS ARTISTAS ROSANA,
PORCELLA E ELIZABETH
DIA 09 DE MAIO ÀS 10:00HS

JOINVILLE

Grupo Atelier Seis expõe no MAJ

Artistas gaúchos Ângelo Braguieroli, Elizabeth Costa, Isabel Marroni, Marisa Veack, Paulo Porcella e Rosana Almendares exibem pinturas e esculturas feitas em papel machê

O Museu de Arte de Joinville (MAJ) está realizando uma exposição que reúne trabalhos dos artistas plásticos gaúchos Ângelo Braguieroli, Elizabeth Costa, Isabel Marroni, Marisa Veack, Paulo Porcella e Rosana Almendares, que formam o Grupo Atelier Seis, de Porto Alegre (RS). A mostra começa ontem e continua até o dia 26. O público poderá conferir esculturas em papel machê e pinturas em tela, das 19 às 20h.

No lançamento, ontem pela manhã, foi provido um encontro entre Rosana Almendares, Elizabeth Costa, Paulo Porcella e os alunos do segundo ano do curso de Educação Artística da Univille, dando início à nova proposta do MAJ e da Fundação Cultural de



Foto: COPIADA/CLUBEMIL

NO lançamento da exposição, grupo seis encontra-se com alunos da Unifille

Joinville de proporcionar o contato e o repasse de informações entre o artista e o público.

Os artistas falaram sobre a formação do grupo, seus trabalhos e técnicas e repassaram conhecimentos sobre arte. Segundo o diretor do MAJ, Lu-

ciano Costa Pereira, a atividade visa mudar a ideia de apenas montar uma exposição e pensar a proporcionar que o público receba informações sobre obras e autores. "A proposta é trazer o artista para o museu no dia de abertura das mostras e proporcionar o conta-

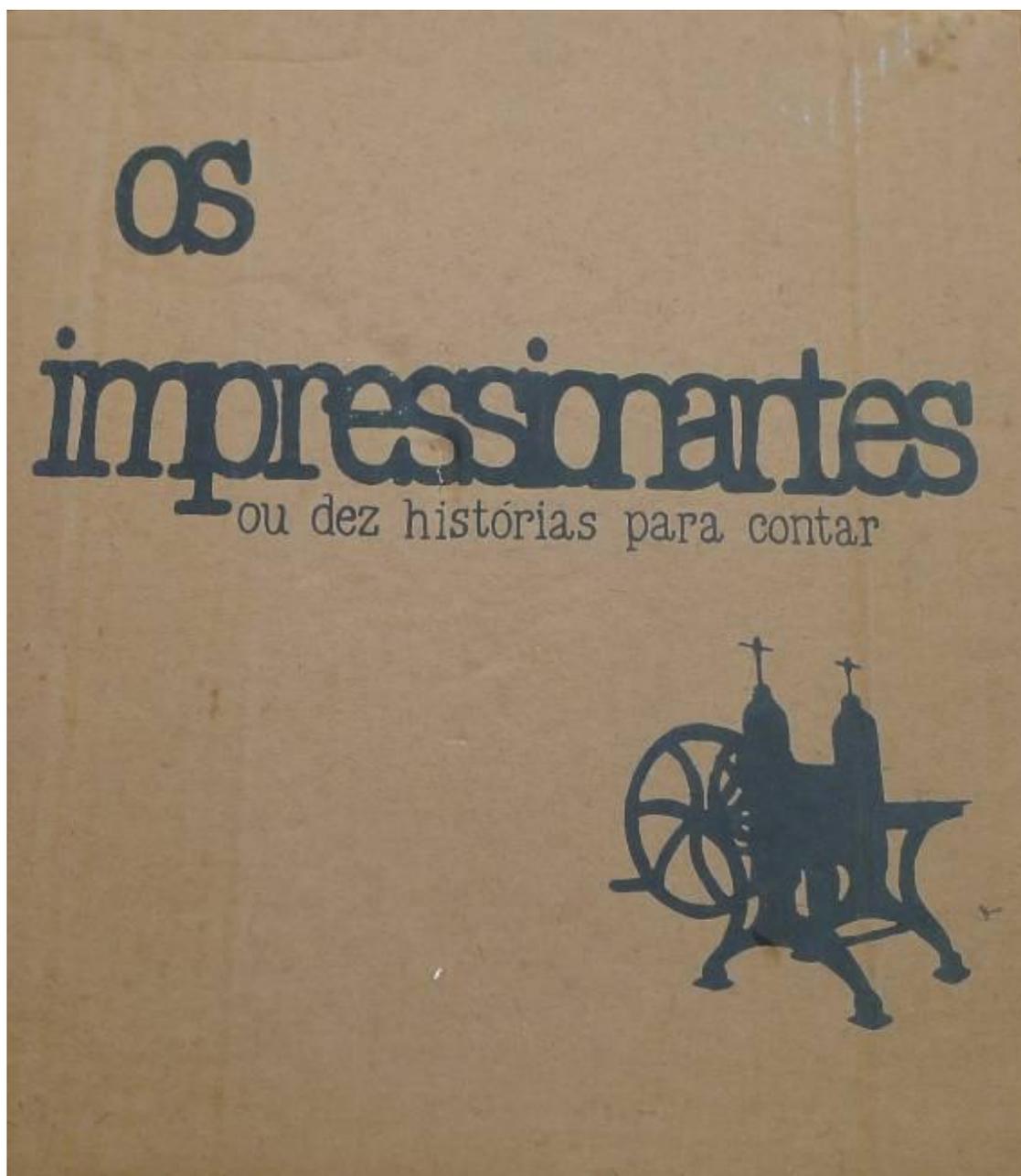
to dos alunos com o artista. A atividade é uma extensão da sala de aula", afirma.

Segundo a professora de Artes do curso de Educação Artística, Eliana Zimati, a integração entre artistas e alunos permite a aquisição de conhecimentos e utilização das informações nos trabalhos. "Os alunos que serão professores e vão formar apreciadores de arte aprendem com atividades fora da sala de aula", salienta.

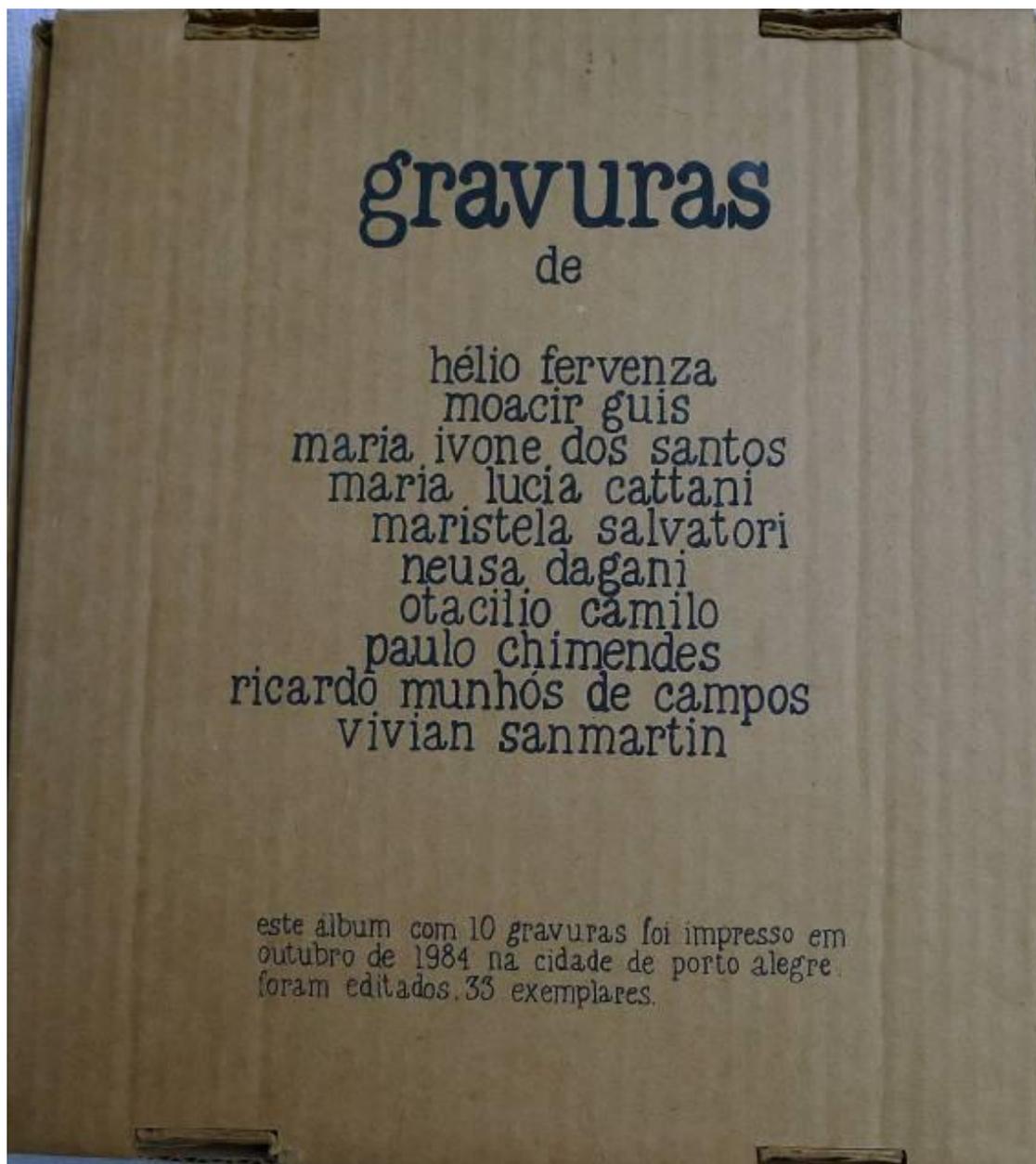
O Atelier Seis surgiu há seis anos, quando seis pessoas que trabalhavam com arte resolveram montar um atelier para trabalhar juntos e estimular o trabalho em grupo. Paulo Porcella ressalta que a partir da primeira exposição "Interferências" o grupo evoluiu e chamou atenção pelo trabalho conjunto. "Cada um tem seu atelier, mas nos reunimos todas as quintas-feiras para trocar experiências, discutir problemas de arte, desenvolver novas pesquisas e técnicas e possibilitar a interatividade de um no trabalho do outro", diz. Para Porcella, Rosana Almendares, a ideia colocada em prática pelo MAJ aproxima a arte do público e proporciona a discussão e o debate sobre o assunto.

Documentos e fotos digitalizados a partir do acervo do ALP-SMC e de Rosana Almendares

ANEXO I — No Meio: Os Impressionantes



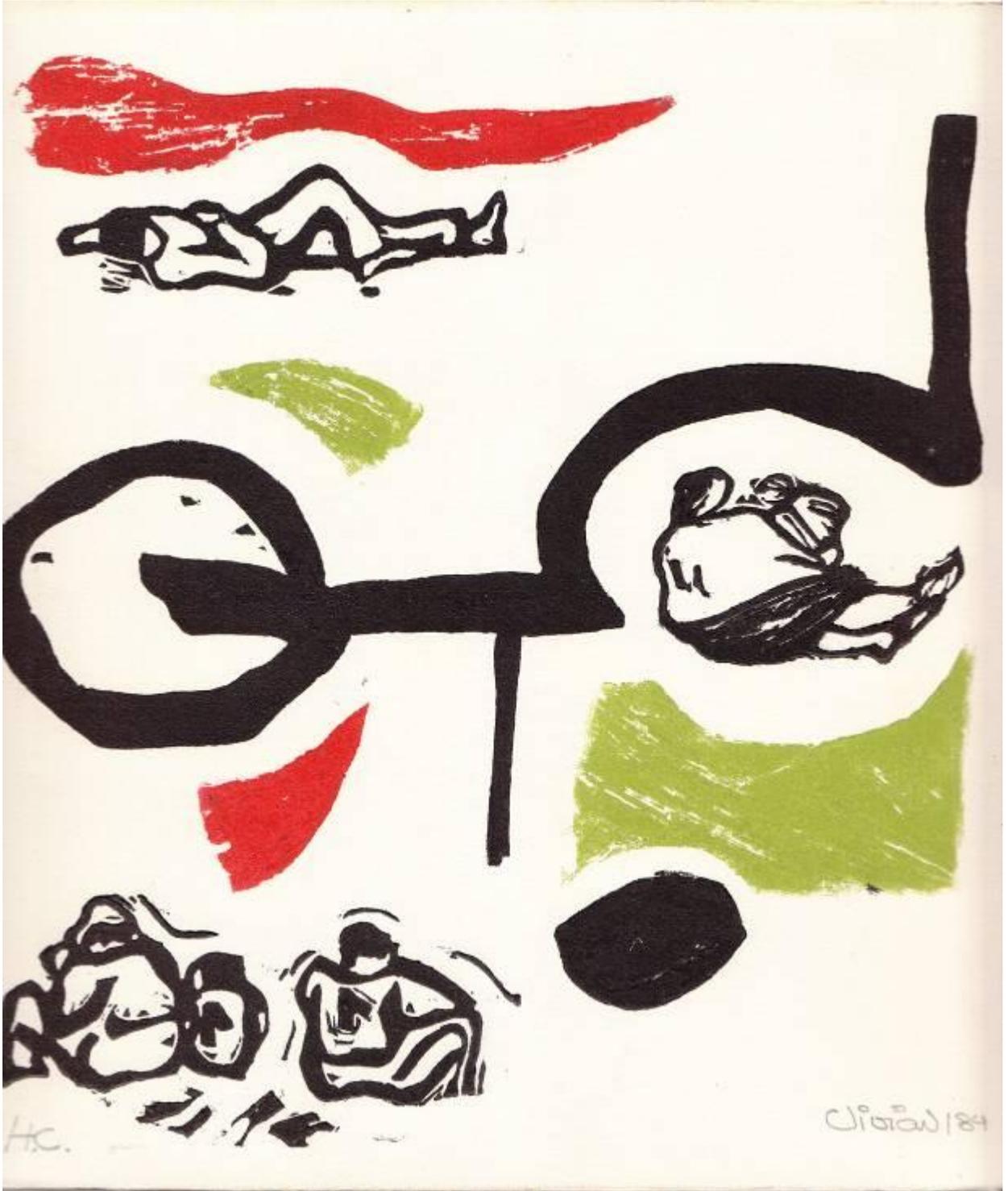
Frente da caixa do álbum *Os Impressionantes*, acervo particular do Artista Paulo Peres.



Verso da caixa do álbum *Os Impressionantes*, acervo particular do artista Paulo Peres.



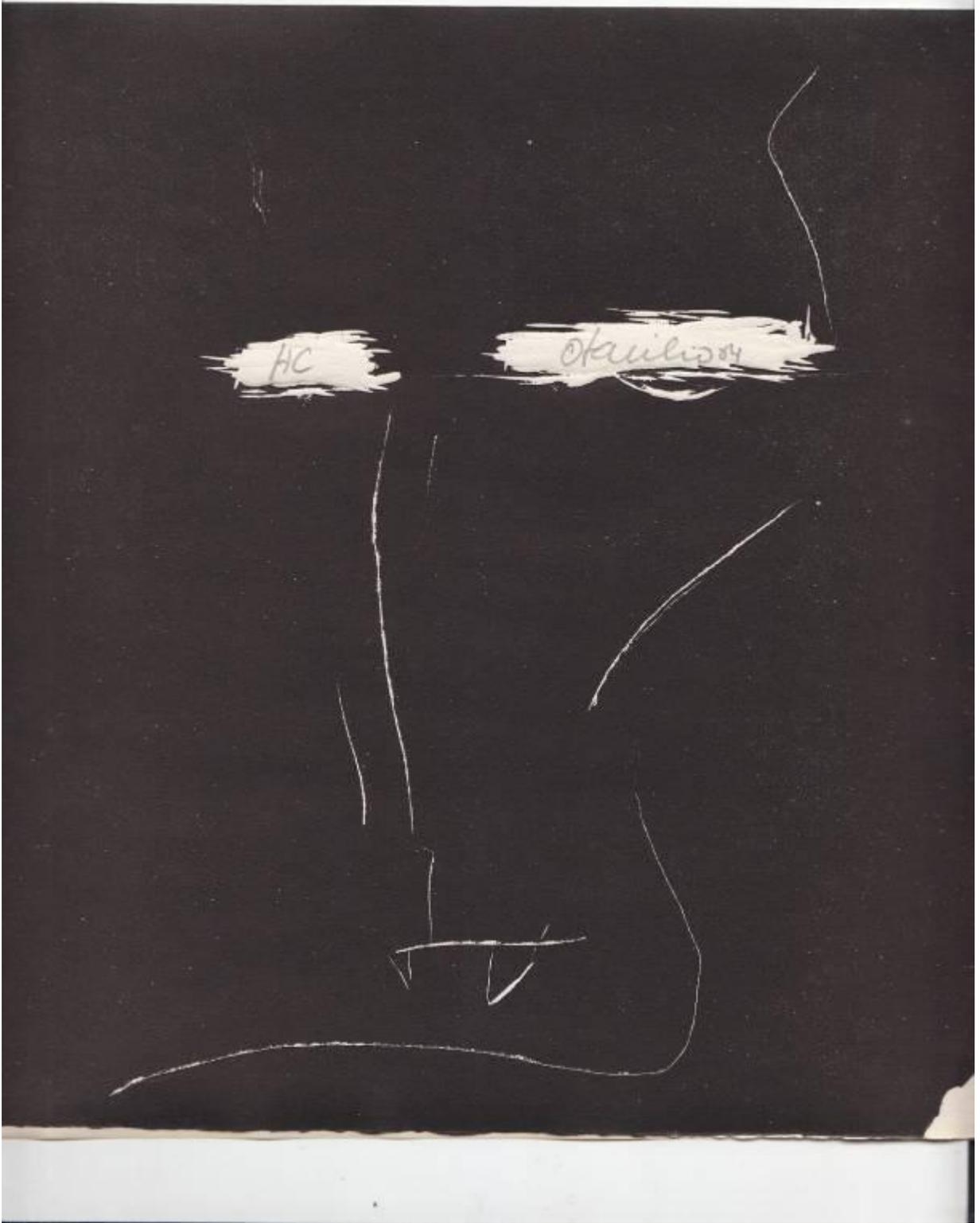
Neusa Dagani.



Vivian San Martin.



Ricardo Campos.



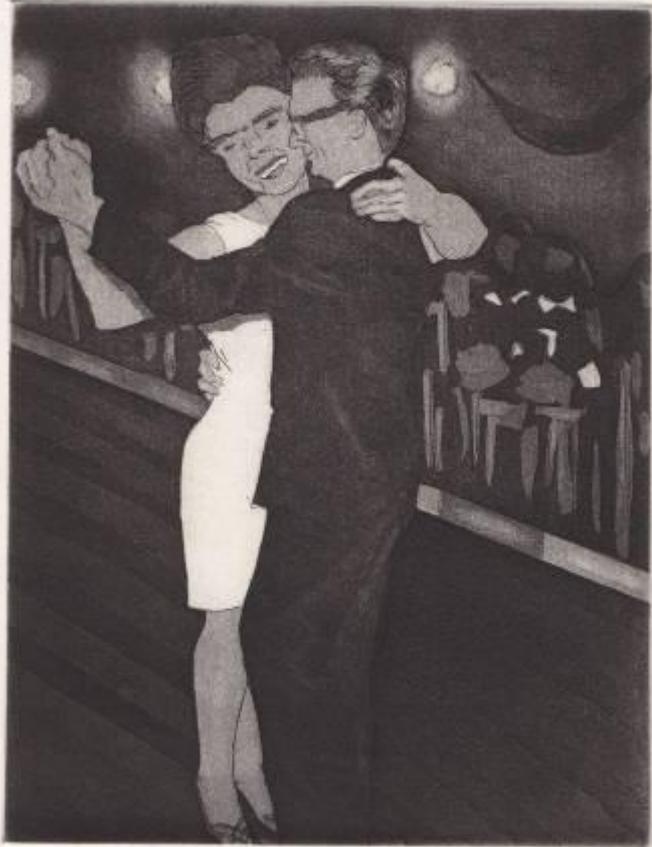
Otacílio Camilo.



1/10

Maria Lúcia Cattani

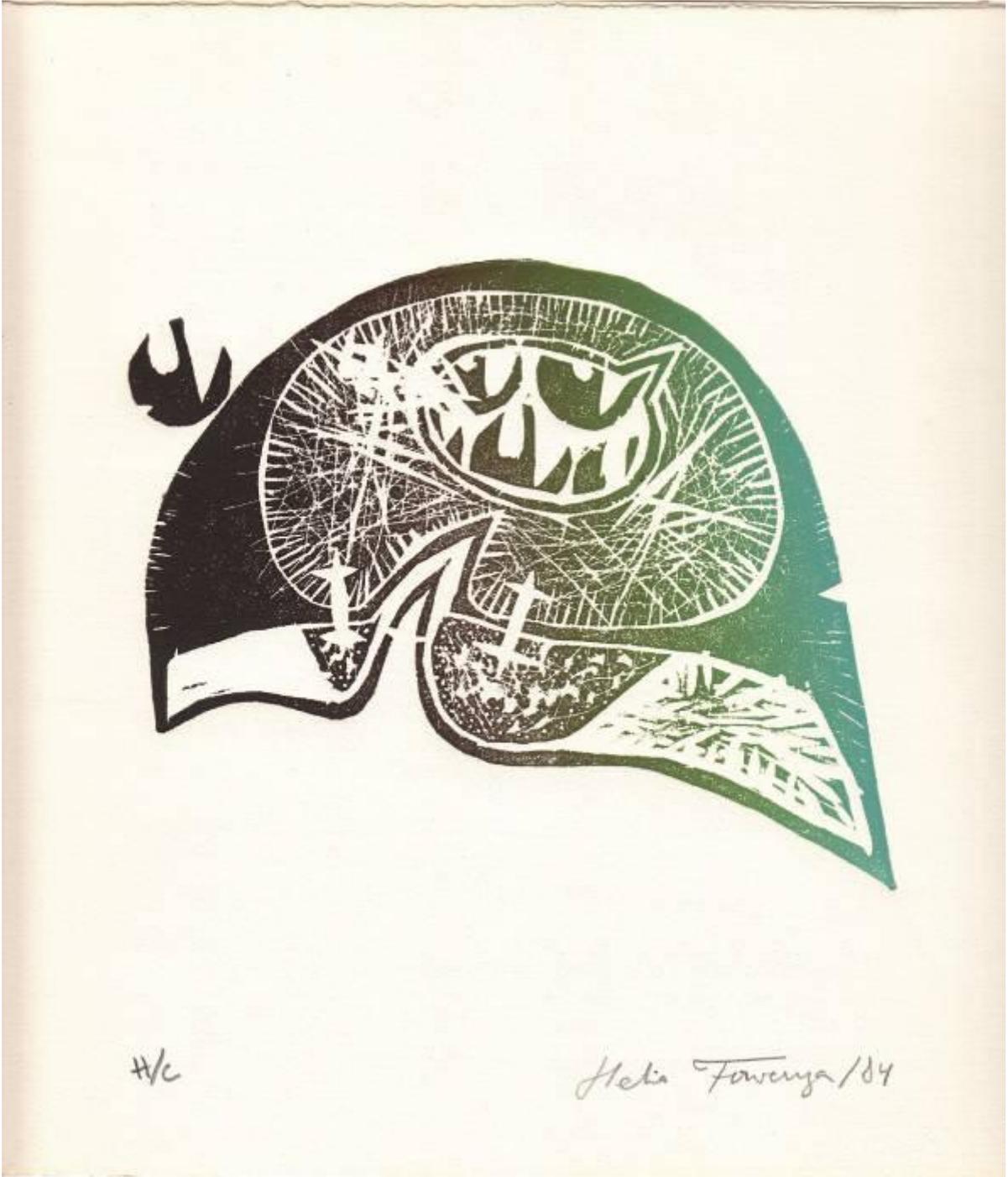
Maria Lúcia Cattani.



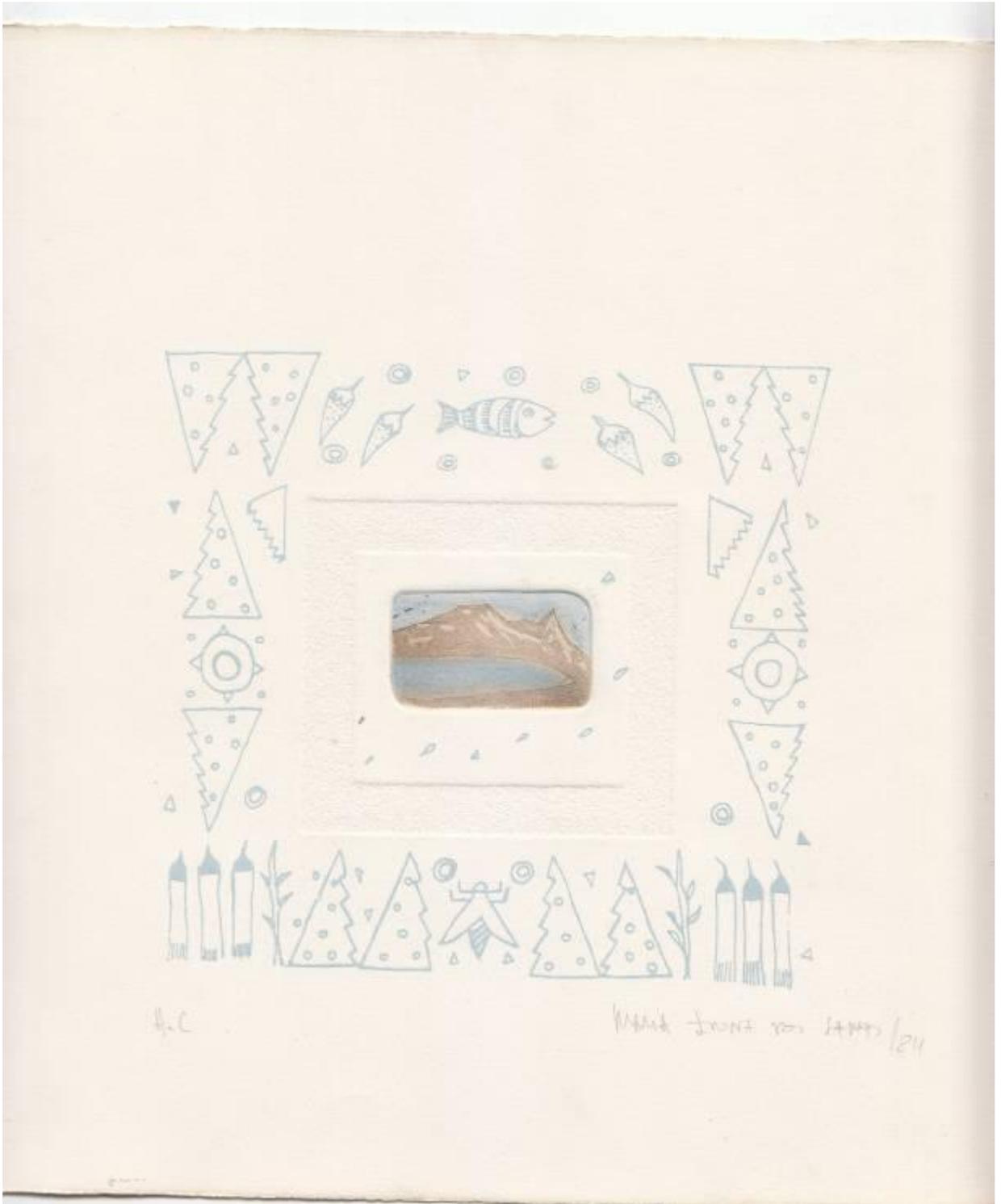
H.C.

Maristela Salvatori '84

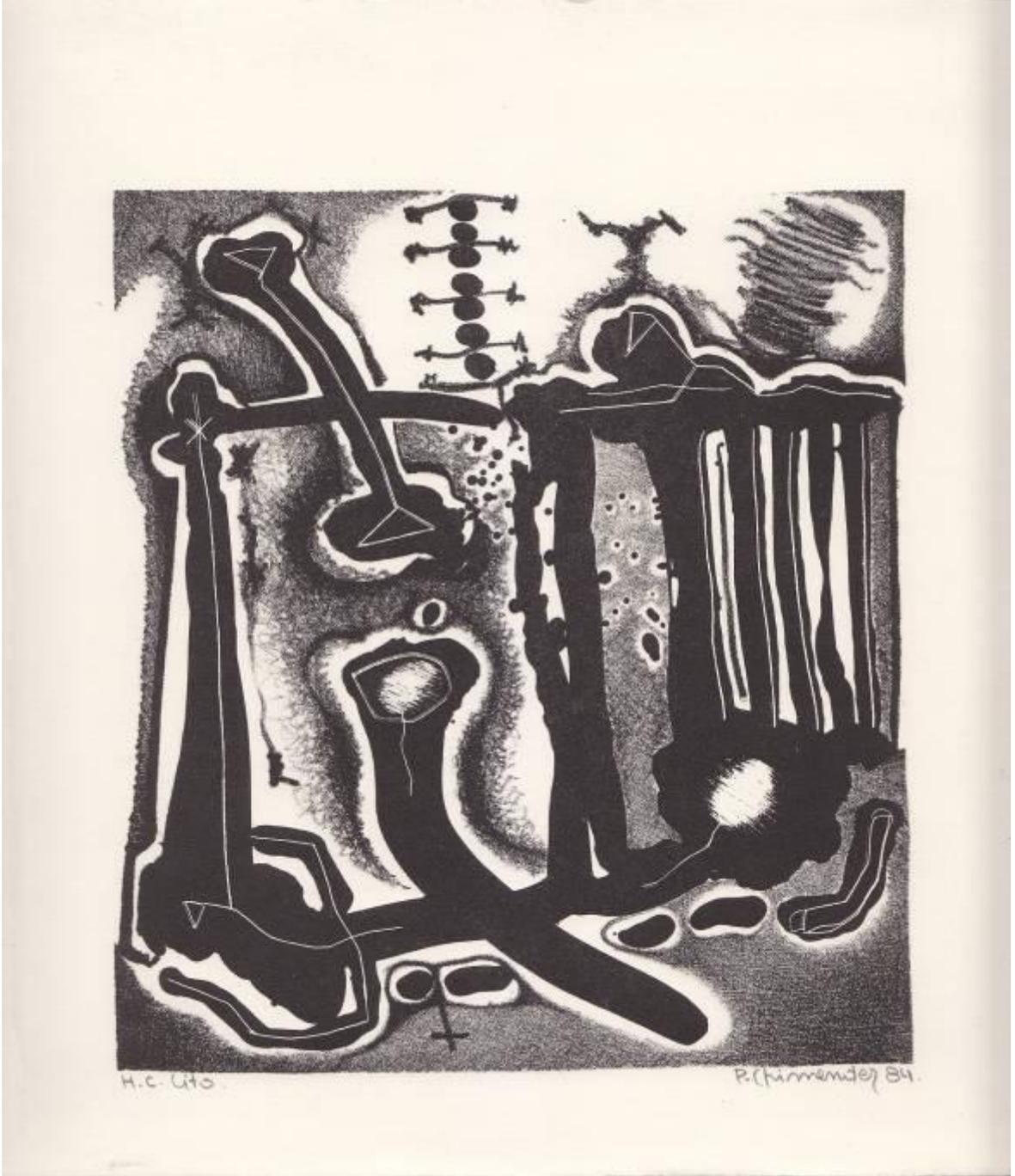
Maristela Salvatori.



Helio Ferverza.



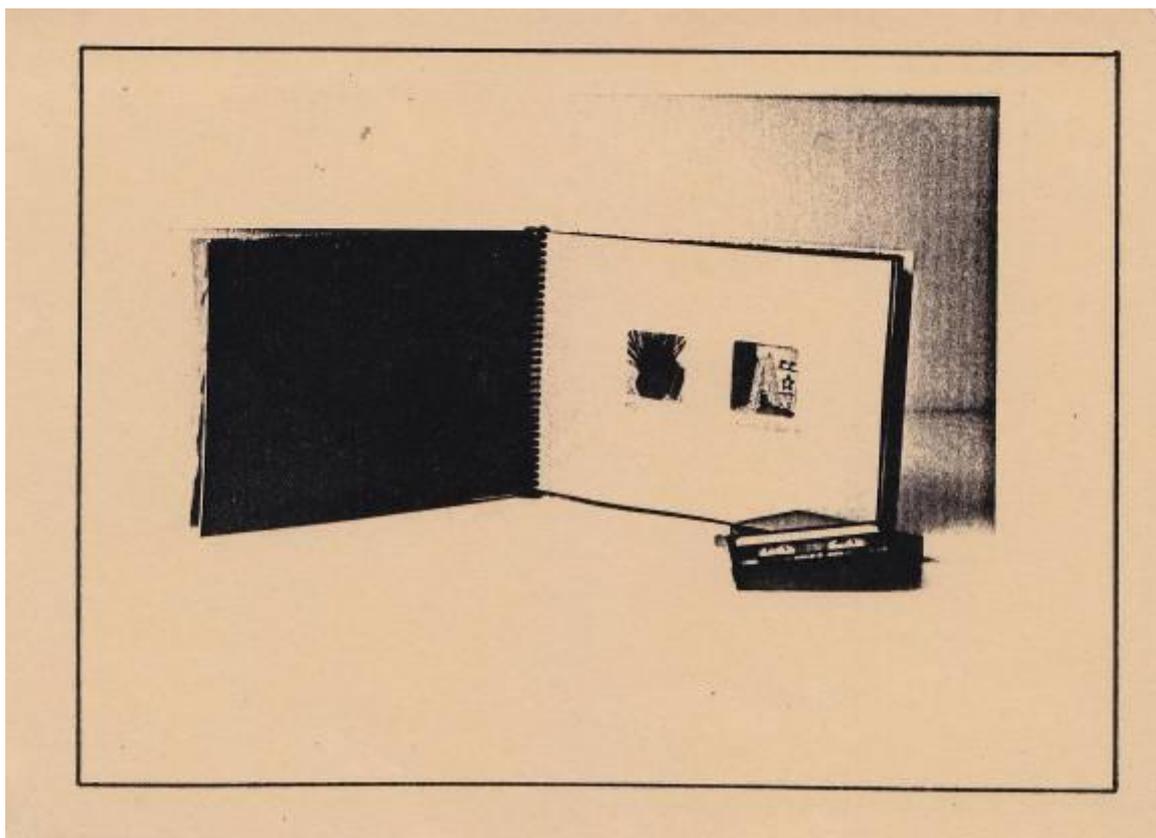
Maria Ivone dos Santos.



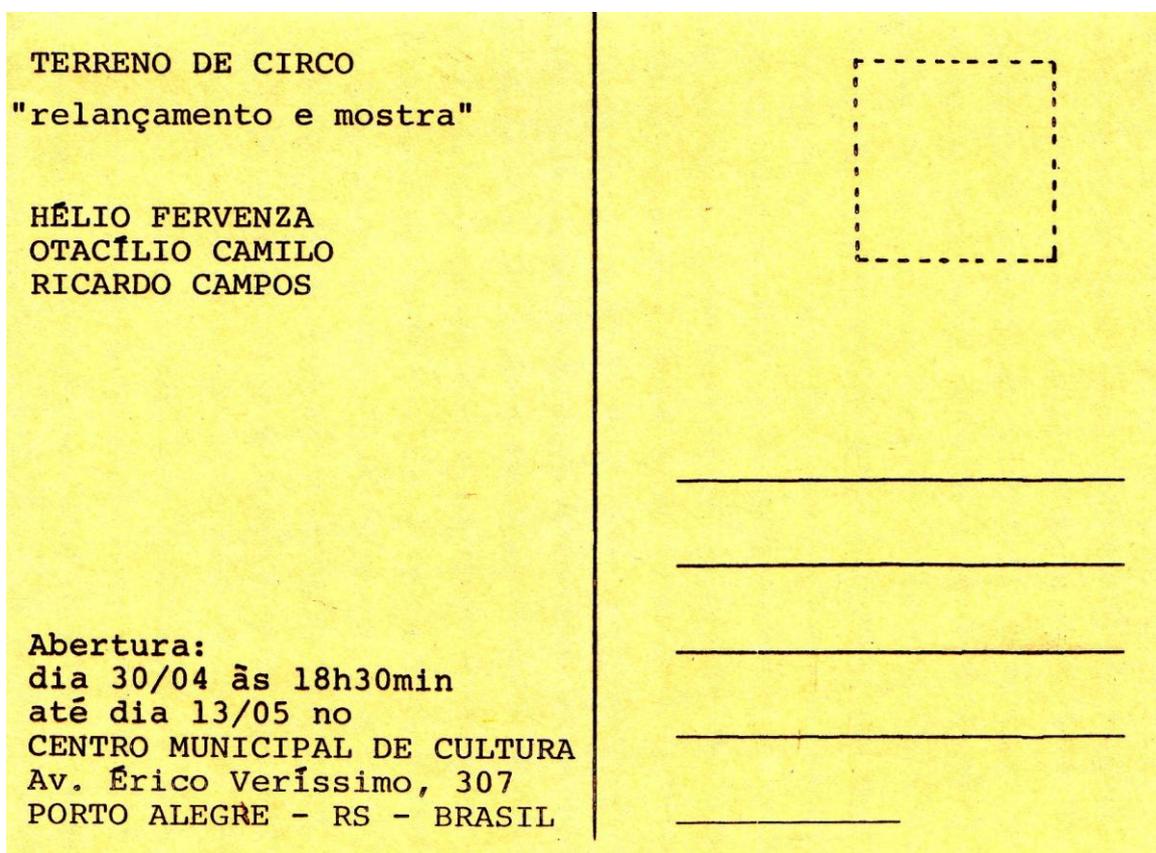
Paulo Chimendes.



Moacir Guis.



Frente convite Terreno de Circo.



Verso convite Terreno de Circo.



Imagem da Exposição *Terreno de Circo*, Saguão CMC, 1986.



Imagem da Exposição *Terreno de Circo*, Saguão CMC, 1986.



Otacílio Camilo, Ricardo Campos e Helio Fervenza.



Otacílio Camilo (OTA) registro de Performance.



Imagem da Exposição *Terreno de Circo*, Saguão CMC, 1986.



Imagem da Exposição *Terreno de Circo*, Saguão CMC, 1986.

LA JEUNE

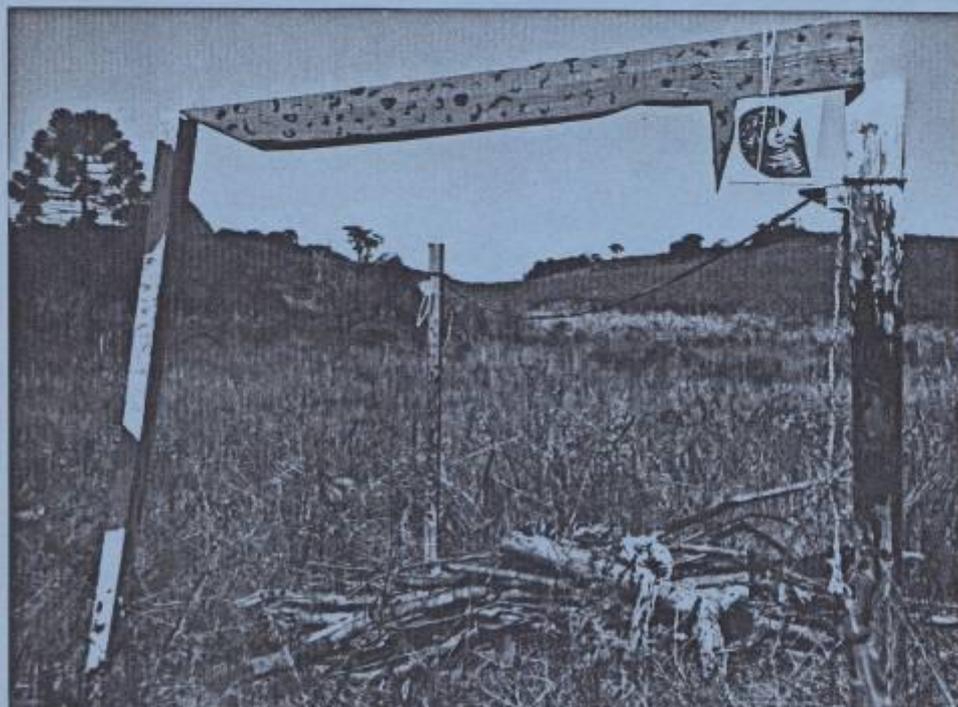
**G R A
V U
R E**

CONTEMPORAINE



PARIS 87 INVITES DU BRESIL

V E S T Í G I O



Lançamento do Livro "Vestígio" (Objeto - Documento Gráfico de uma Intervenção) de Hélio Ferverza e Maria Ivone dos Santos, com fotos de Elaine Tedesco, dia 11 de dezembro, quarta-feira, das 10 às 17 horas. Encontro com os autores às 17 horas do mesmo dia.

Local: Espaço Investigação - 1º andar

MARCS

Museu de Arte do Rio Grande do Sul
Subsecretaria de Cultura
Secretaria da Educação e Cultura

Praça da Alfândega - Porto Alegre

Cartaz convite para lançamento *Livro Vestígio*, MARCS, 1987.



Mostra do Grupo no Centro Cultural Vergueiro, São Paulo/SP, 1987.



Vista do convite aberto, que parecia uma capa de livro, com os textos como orelhas.



OTACILIO CAMILO

HELIO FERVENZA

RICARDO CAMPOS

MARIA IVONE DOS SANTOS

L'ESPACE LATINO-AMERICAIN A LE PLAISIR
DE VOUS INVITER A L'INAUGURATION DE L'EX-
POSITION "DISTANCE" QUI AURA LIEU LE MAR-
DI 6 SEPTEMBRE 1988 A 18 H.

— EXPOSITION OUVERTE DU MARDI AU SAMEDI DE 14 H A 19 H. —



ESPACE LATINO-AMERICAIN
44, RUE DU ROI DE SICILE 75004 PARIS
METRO SAINT-PAUL
TEL. 42782549

Convite (frente e verso) exposição dos grupo de artistas em Paris, 1988.

Documentos, obras e fotos digitalizadas dos acervos particulares dos artistas Helio Ferverza, Maria Ivone dos Santos e Paulo Peres.

